

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Escola Superior de Educação Física
Programa de Pós-Graduação em Educação Física

Tese



**Do governo dos vivos na sociedade de controle:
Produção e vigilância da saúde no Instagram**

Angélica Teixeira da Silva Leitzke

Pelotas, 2020

Angélica Teixeira da Silva Leitzke

Do governo dos vivos na sociedade de controle:
Produção e vigilância da saúde no Instagram

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Educação Física.

Orientador: Dr. Luiz Carlos Rigo

Pelotas, 2020

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

L533d Leitzke, Angélica Teixeira da Silva

Do governo dos vivos na sociedade de controle :
produção e vigilância da saúde no instagram / Angélica
Teixeira da Silva Leitzke ; Luiz Carlos Rigo, orientador. —
Pelotas, 2020.

148 f. : il.

Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em
Educação Física, Escola Superior de Educação Física,
Universidade Federal de Pelotas, 2020.

1. Sociedade de controle. 2. Subjetivação. 3. Saúde. 4.
Corpo. 5. Instagram. I. Rigo, Luiz Carlos, orient. II. Título.

CDD : 796

Angélica Teixeira da Silva Leitzke

**Do governo dos vivos na sociedade de controle:
Produção e vigilância da saúde no Instagram**

Tese aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Doutora em Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 03 de julho de 2020.

Banca examinadora:

.....
Prof. Dr. Luiz Carlos Rigo. (Orientador)
Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas.

.....
Prof. Dr. Alan Goularte Knuth
Doutor em Epidemiologia pela Universidade Federal de Pelotas.

.....
Prof. Dr. Inácio Crochemore Mohnsam da Silva
Doutor em Epidemiologia pela Universidade Federal de Pelotas.

.....
Prof^a. Dr^a. Raquel da Cunha Recuero
Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

.....
Prof^a. Dr^a. Andrize Ramires Costa
Doutora em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Agradecimentos

Ao término deste trabalho acadêmico, certamente tenho algumas pessoas as quais necessito agradecer. Espero não esquecer de nenhuma.

Em primeiro momento, preciso agradecer aos meus pais Osmarina e Blênio, pela oportunidade de existência, pela aposta na minha educação como uma prioridade, e pelo incentivo nas decisões de vida que tomei. Certamente, minha visão de mundo como “sujeita”, minha atitude criativa e consciente perante a vida, está intimamente ligada a vocês. Obrigada.

Nesta mesma esteira, agradeço aos meus avós Grismary (*in memorian*), Onor, Aurora e Otávio (*in memorian*). Seu legado deixará frutos.

A minha irmã mais velha, Priscilla que tenho a sorte de ter junto a mim, e a minha irmã mais nova, Cicília, a quem espero ser exemplo.

Agradeço ao meu marido, Nilton, pela presença amorosa, pelo apoio nos momentos mais difíceis (os quais foram muitos) pelo suporte quanto as questões práticas da vida, que não podia parar enquanto eu digitava os linhas desta escrita. Se não fosse por você, esta tese não existiria. Te amo.

Os amigos de muitos anos, Luís, Aninha e Carol, pelo incentivo na jornada. Mesmo quando nossos caminhos se afastaram, ainda permanecemos juntos.

A Thaís, pela amizade e companheirismo nos momentos mais difíceis dos últimos sete anos. Tudo isso vai passar.

Aos professores que encontrei durante esta jornada, em especial a professora Ana Márcia Silva, minha orientadora durante minha iniciação científica, o professor Tadeu João Ribeiro Baptista, meu orientador na execução do trabalho de monografia, o professor Alan Goularte Knuth, meu orientador durante o período de mestrado, e ainda o professor Luiz Carlos Rigo, pela orientação valiosa na execução deste trabalho de tese. Não poderia deixar de agradecer também a banca de avaliação deste trabalho: Inácio Crochemore Mohnsam da Silva, Raquel da Cunha Recuero e Andrize Ramires Costa.

Agradeço aos colegas de área, com os quais sempre pude contar. Que nossa área cresça e se fortifique.

Aos colegas de trabalho da Pró-Reitora de Assuntos Estudantis da Universidade Federal de Pelotas, pelo apoio e compreensão, assim como pela oportunidade de construir parte importante desta tese durante os três meses de licença capacitação.

Também preciso dizer que sou imensamente grata à Deus, pela oportunidade e pela força a mim concedida. Espero que este esforço possa se somar a outros e contribuir para fortalecer a área de Educação Física.

Enfim, agradeço a todos aqueles que tenham, de alguma forma, colaborado para a materialização destes escritos.

Muito Obrigada!

"Não somos nada além do que aquilo que foi dito, há séculos, meses, semanas..." (Michael Foucault)

Resumo

LEITZKE, Angélica Teixeira da Silva. **Do governo dos vivos na sociedade de controle:** Produção e vigilância da saúde no Instagram. 2020. 148f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

O presente estudo teve como objetivo geral problematizar as estratégias de operacionalização de um governo dos vivos e vigilância da saúde no contexto de emergência de uma sociedade de controle, a partir de uma análise discursiva de publicações com as *hashtags* #saúde e #corpo presentes no Instagram. Como objetivos específicos buscou-se analisar texto e imagem de publicações do Instagram com as *hashtags* #saúde e #corpo, considerando as distinções entre as publicações sem caráter comercial, e aquelas com finalidade explícita de venda de produto ou prestação de serviço. Para a extração das postagens da plataforma de rede social utilizou-se o site *Netlytic*, e para a seleção dos dados analisados, o apoio do *software* LibreOffice Calc. A perspectiva analítico-metodológica consistiu-se em uma análise discursiva, de perspectiva foucaultiana. Os produtos da pesquisa foram sistematizados em dois artigos científicos: artigo 1 e artigo 2. Os resultados referentes a análise das publicações sem caráter comercial (artigo 1) assinalam a presença de práticas discursivas que remetem às técnicas de confissão, de intervenção e de manipulação do corpo, estratégias relativas a operacionalização de um governo dos vivos e vigilância da saúde orientadas a partir da produção de verdades para condução da subjetividade dos usuários na atual sociedade de controle. Já os resultados relativos à análise das publicações com finalidade explícita de venda de produto ou prestação de serviço (artigo 2), evidenciam as estratégias de governo da vida e vigilância da saúde orientadas a uma racionalidade de mercado, que transcende os domínios da economia para articular um controle a partir do poder de modulação, processo de individualização do indivíduo a partir da produção de “multi-mundos” de consumo para objetificação dos modos de relação de si consigo, ou ainda, dos modos de subjetivação. Conclui-se que a evolução dos processos tecnológicos de comunicação, em específico, o desenvolvimento e popularização do uso das plataformas de mídias sociais na internet, como o Instagram, alicerçam e evidenciam os processos de ramificação capilar das relações de poder em rede, referentes a operacionalização de uma sociedade de controle, com estratégias de governo da vida e de vigilância da saúde orientadas às lógicas de mercado.

Palavras-chave: Sociedade de controle; Subjetivação; Saúde; Corpo; Instagram.

Abstract

LEITZKE, Angélica Teixeira da Silva. **On the government of the living in the society of control:** Production and surveillance of health on Instagram. 2020. 148f. Thesis (Doctorate) – Post-Graduate Program on Physical Education, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2020.

This study had as its general objective to problematize the operationalization strategies of a government of the living and health surveillance in the context of the emergence of a control society, based on a discursive analysis of publications with the hashtags #health and #corpo present on Instagram. As its specific objectives, it aimed at analyzing texts and images of Instagram posts tagged with the hashtags #saúde (health) and #corpo (body), considering the particularities among the posts without any commercial intents, and those with the explicit purpose of selling a product or offering a service. The website Netlytic was used as a means to collect the data from the social network posts and the software LibreOffice Calc helped sorting out the data to be analyzed. The analytical and methodological perspective of the study consisted in an discourse analysis under the foucauldian perspective. The research culminated in two scientific papers: paper 1 and paper 2. The results of the analysis of posts without any commercial intent (paper 1) point to the presence of discursive practices which, in turn, illustrate confession, intervention and body manipulation techniques: strategies pertaining to the operationalization of a government of the living and the surveillance of health oriented in regard to the production of truths for the conduction of the subjectivity of social network users in the current society of control. Diversely, the results of the analysis of posts with the explicit purpose of selling a product or offering a service (paper 2) indicate the strategies of a government of life and surveillance of health directed towards a market rationale, which transcends the economical field and establishes a control stemming from the power of modulation: a process of dividualization of the individual in the production of "multiworlds" of consumption to objectify the modes of relation with oneself or, still, the modes of subjectification. The study concludes that the evolution of the technological processes of communication, especially the development and popularization of online social platforms, like Instagram, lays the foundation to and demonstrates the processes of capillary ramification of power relations in a network, processes regarding the operationalization of a society of control, with strategies for a government of life and for the surveillance of health oriented to the market rationale.

Keywords: Society of control; Subjectification; Health; Body; Instagram.

Resumen

LEITZKE, Angélica Teixeira da Silva. **Del gobierno de los que viven en la sociedad de control**: producción de salud y registro en Instagram. 2020. 148f. Tesis (Doctorado) - Programa de Posgrado en Educación Física, Universidad Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

El presente estudio tuvo como objetivo general problematizar las estrategias de operacionalización de un gobierno de vigilancia de vida y salud en el contexto del surgimiento de una sociedad de control, basado en un análisis discursivo de publicaciones con los hashtags #health y #corpo presentes en Instagram. Como objetivos específicos se buscó analizar texto e imagen de publicaciones de Instagram con los hashtags #salud y #cuerpo, consideradas las distinciones entre las publicaciones sin carácter comercial, y aquellas con finalidad explícita de venta de producto o prestación de servicios. Para la extracción de las publicaciones de la plataforma de red social, se utilizó el sitio Netlytic, y para la selección de los datos analizados, el apoyo del software LibreOffice Calc. La perspectiva analítico metodológica se constituyó en un análisis de discurso, de perspectiva foucaultiana. Los productos de investigación fueron sistematizados en dos artículos científicos: artículo 1 y artículo 2. Los resultados referentes al análisis de las publicaciones sin carácter comercial (artículo 1) señalan la presencia de prácticas discursivas que remiten a las técnicas de confesión, de intervención y de manipulación del cuerpo, estrategias relativas a la operacionalización de un gobierno de los vivos y vigilancia de salud orientadas a partir de la producción de verdades para conducción de la subjetividad de los usuarios en la actual sociedad de control. Por su parte, los resultados relativos al análisis de las publicaciones con explícita finalidad de venta de producto o prestación de servicios (artículo 2), evidencian las estrategias de gobierno de la vida y vigilancia de salud orientadas a una racionalidad de mercado, que trasciende los de la economía para articular un control a partir del poder de modulación, proceso de dividualización del individuo a partir de la producción de “multi mundos” de consumo para objetificación de los modos de relación del sí mismo, o aun, de los modos de subjetivación. Se concluye que la evolución de los procesos tecnológicos de comunicación, en específico, el desarrollo y popularización del uso de las plataformas de medios sociales en internet, como Instagram, cimientan y ponen de manifiesto los procesos de ramificación capilar de las relaciones de poder en línea, referentes a la operacionalización de una sociedad de control, con estrategias de gobierno de la vida y de vigilancia de salud orientadas a las lógicas de mercado.

Palabras clave: Sociedad de control; Subjetivación; Salud; Cuerpo; Instagram.

Lista de figuras

Projeto de Pesquisa

Figura 1 Interface de usuário do Instagram.	66
Figura 2 Diagrama de Foucault.....	81
Figura 3 Página do site Netlytic.....	83

Artigo 2

Figura 1 propaganda do colágeno Body Balance.....	118
Figura 2 apresentação do ativo clorella.....	119
Figura 3 propaganda de procedimento de cirurgia plástica.	120
Figura 4 propaganda de procedimento estético	121
Figura 5 propaganda do HDN Wey Protein	122
Figura 6 propaganda do HDN Wey Protein.	123
Figura 7 propaganda de refeições “detox”	124
Figura 8 “dicas” de saúde	125
Figura 9 Pilates no tratamento da escoliose	126
Figura 10 propaganda de programa de emagrecimento	127
Figura 11 propaganda de programa de Pilates	128
Figura 12 propaganda de programa de óleo vibracional	130
Figura 13 propaganda de programa de workshop de constelação familiar.....	131

Sumário

Apresentação	11
Projeto de Pesquisa.....	12
1 Introdução	16
1. 1 Objetivos	21
1. 2 Justificativa	22
2 Revisão de literatura	28
2. 1 Do Poder Disciplinar ao Biopoder	28
2. 2 Da Governamentalidade do Estado às Tecnologias de Si	36
2. 3 Da Sociedade de Disciplina à Sociedade de Controle	44
2. 4 Das Redes Sociais na Internet ao Instagram	60
3 Metodologia	69
3. 1 Da perspectiva analítica	70
3. 2 Do procedimento de coleta de dados	82
4 Cronograma	86
Referências.....	87
Artigo 1	94
Artigo 2	110
Conclusão	137
Referências	141

Apresentação

Apresento a seguir a presente tese de doutorado, elaborada por esta pesquisadora junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, sob orientação do professor Doutor Luiz Carlos Rigo, enquanto requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Educação Física.

Considerando as normas e possibilidades de apresentação previstas no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, esta tese está composta por um projeto de pesquisa e dois artigos originais.

O projeto de pesquisa foi qualificado no 26 de junho de 2019, e alterado de acordo com as observações da banca. Nele estrutura-se um *background* teórico-metodológico o qual suporta a experiência analítica executada.

O primeiro artigo intitulado “*Sociedade de controle e redes sociais na internet: #saúde e #corpo no Instagram*”, foi submetido a Revista Movimento (Revista de Educação Física da UFRGS) no dia 27 de fevereiro de 2020, avaliado em duas rodadas e considerado apto à publicação no dia 25 de junho de 2020. Assim, está apresentado nesta tese conforme a última versão aceita para publicação na referida revista, e formatado de acordo com as normas exigidas pelo periódico.

O segundo artigo intitulado “*Mercado da #saúde e do #corpo no Instagram: estratégias de governo dos vivos na sociedade de controle*”, está igualmente formatado de acordo com as normas da Revista Movimento, e será ajustado após a defesa desta tese, de acordo com as sugestões da banca avaliadora, para submissão no referido periódico científico.

Projeto de pesquisa

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Escola Superior de Educação Física
Programa de Pós-Graduação em Educação Física

Projeto



**Do governo dos vivos na sociedade de controle:
Produção e vigilância da saúde no Instagram**

Angélica Teixeira da Silva Leitzke

Pelotas, 2019

Angélica Teixeira da Silva Leitzke

Do governo dos vivos na sociedade de controle:
Produção e vigilância da saúde no Instagram

Projeto de pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Educação Física.

Orientador: Dr. Luiz Carlos Rigo

Pelotas, 2019

Angélica Teixeira da Silva Leitzke

**Do governo dos vivos na sociedade de controle:
Produção e vigilância da saúde no Instagram**

Projeto de pesquisa apresentado, como requisito parcial, para obtenção do grau de Doutora em Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas.

Data da qualificação: 26 de junho de 2019.

Banca examinadora:

.....
Prof. Dr. Luiz Carlos Rigo. (Orientador)
Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas.

.....
Prof. Dr. Alan Goularte Knuth
Doutor em Epidemiologia pela Universidade Federal de Pelotas.

.....
Prof. Dr. Inácio Crochemore Mohnsam da Silva
Doutor em Epidemiologia pela Universidade Federal de Pelotas.

.....
Prof^a. Dr^a. Raquel da Cunha Recuero
Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

.....
Prof^a. Dr^a. Andrize Ramires Costa
Doutora em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina.

1 Introdução

Ainda que pelo menos desde o Renascimento o corpo venha sendo estudado, a partir do ascendente desenvolvimento das ciências fisiológicas e da anatomia nos séculos XV e XVI (SENNETT, 2005), a concepção de um corpo humano físico, tido enquanto matéria, constituído por músculos, ossos e vísceras, concreto, observável, analisável e manipulável, se consolida apenas no contexto do século XVII, vinculado às formulações filosóficas de Descartes e ao conceito de *res extensa*. Assim surge o corpo enquanto objeto científico (SANTOLIN, 2013).

Neste contexto, a partir de meados do século XVII, uma série de mudanças sócio-políticas e científicas corroboram para uma construção diferenciada de uma percepção do corpo humano, e posteriormente do corpo social. Mecanismos complexos e diferenciados processos específicos vinculados ao corpo passam a figurar em destaque no contexto político, atrelados a uma busca por desenvolvimento econômico desta sociedade ocidental moderna, a qual Foucault (2007) denomina sociedade disciplinar.

Na sociedade disciplinar, a partir do sequestro dos corpos para dentro das margens rígidas das instituições de confinamento, novos saberes foram produzidos, propiciando a emergência de um chamado poder disciplinar, exercido a partir de minuciosos investimentos sobre o corpo individual, basicamente algo que Foucault (2007; 2016) denominou enquanto mecanismos disciplinares. Ainda que tais mecanismos não tenham sido efetivamente criados neste momento histórico, é neste contexto que florescem e são desenvolvidos: “Os mecanismos disciplinares são, por tanto, antigos, mas existiam em estado isolado, fragmentado, até os séculos de XVII e XVIII, quando o poder disciplinar foi aperfeiçoado como uma nova técnica de gestão dos homens.” (FOUCAULT, 2016, p.180).

Na sociedade disciplinar, a partir de estratégias focadas sobre o corpo individual, o homem-corpo, operadas por meio de sua separação, alinhamento, classificação e vigilância, instaura-se em meados do séc. XVII uma anátomo-política do corpo (FOUCAULT, 1999a; 2007). É necessário fazer este copo permanecer vivo, útil, dócil e saudável.

No entanto, no aperfeiçoamento dos mecanismos de governo dessa sociedade disciplinar, o poder disciplinar e sua anátomo-política são gradualmente

acoplados a uma nova tecnologia de governo dos homens e da vida, que em meados do século XVIII vê-se emergir. Este novo poder, classificado diferenciadamente, não exclui, mas abrange o poder disciplinar, centrando agora as tecnologias de governo do Estado no homem-espécie. Trata-se do que Foucault (1999a, 2008a) denominou enquanto biopoder, exercido dentro de uma lógica de biopolítica¹.

A partir do problema da população, do governo dos vivos e da vida, o Estado se ocupa de investimentos sobre o corpo social, traçando previsões e estimativas estatísticas, produzindo saberes sobre o homem-espécie e exercendo o biopoder a partir de mecanismos regulamentadores ou ainda como por vezes definido por Foucault (2008a) mecanismos de previdência.

Foucault (2016) denomina estas novas tecnologias para gerir a vida da população através do exercício do biopoder enquanto governamentalidade, trazendo inicialmente três definições básicas à palavra:

1 – o conjunto constituído pelas instituições, procedimentos, análises e reflexões, cálculos e táticas que permitem exercer esta forma bastante específica e complexa de poder, que tem por alvo a população, por forma principal de saber a economia política e por instrumentos técnicos essenciais os dispositivos de segurança.

2 – a tendência que em todo o Ocidente conduziu incessantemente, durante muito tempo, à preeminência deste tipo de poder, que se pode chamar de governo, sobre todos os outros – soberania, disciplina, etc. – e levou ao desenvolvimento de uma série de aparelhos específicos de governo e de um conjunto de saberes.

3 – o resultado do processo através do qual o Estado de justiça da Idade Média, que se tornou nos séculos XV e XVI Estado administrativo, foi pouco a pouco governamentalizado. (FOUCAULT, 2016, p. 429).

Na sociedade disciplinar, a partir principalmente no séc. XIX, é necessário o exercício de um poder regulamentador sobre o corpo – enquanto realidade biopolítica² – para diminuição dos desvios de normalidade (FOUCAULT, 1999a; 2008b; 2016).

Mas o problema do governo perpassa ainda pela questão da produção de verdades: “[...] seria muito difícil encontrar um exemplo de poder que não se exerça

¹ Para Foucault (2008a, p.431) biopolítica define-se como “[...] a maneira como se procurou, desde o século XVIII, racionalizar os problemas postos à prática governamental pelos fenômenos próprios de um conjunto de vivos constituídos em população: saúde, higiene, natalidade, longevidade, raças [...]”.

² Foucault (2016) considera ser o corpo o grande objeto de exercício do biopoder, unidade fundamental do binômio homem-espécie.

sem se acompanhar, de um modo ou de outro, de uma manifestação de verdade.” (FOUCAULT, 2011, p. 43). Para Foucault, só é possível um efetivo governo dos vivos a partir de um intenso processo de produção de verdades, para constituição de saberes especializados – exercidos por indivíduos autorizados pelo conhecimento especializado – e produção de subjetividades³.

No entanto, a sociedade disciplinar – que já caminhava neste processo de aperfeiçoamento descrito aqui em linhas gerais – estaria prestes a ser superada, ou mesmo já teria evoluído a uma nova configuração. Considerando o polimorfismo das relações de força e a possibilidade de transferência de técnicas e recursos para a condução da vida de acordo com a pertinência, Foucault (2006) apontava uma futura superação da sociedade disciplinar por outro modelo. Porém, foi Deleuze (1992) quem o descreveu.

Desenvolve-se na contemporaneidade o que Deleuze (1992) denomina enquanto sociedade de controle. Para ele, a sociedade contemporânea já desenvolvera suficientemente os chamados mecanismos disciplinares, não sendo mais sustentada a existência das instituições de confinamento, tendo emergido uma forma de controle que as ultrapassa, funcionando muito mais em rede.

Deleuze (1992) ao elaborar sua tese acerca da sociedade de controle – transição que já ocorreria pelo menos desde meados do fim da Segunda Guerra Mundial, acelerada pelo desenvolvimento tecnológico e pelas necessidades de mercado – aponta que, neste modelo, a vigilância é executada a partir da regulação das informações em rede.

Se “É fácil fazer corresponder a cada sociedade certos tipos de máquina, não porque as máquinas sejam determinantes, mas porque elas exprimem as formas sociais capazes de lhes darem nascimento e utilizá-las.” (DELEUZE, 1992, p. 223); na sociedade de controle as máquinas que melhor exprimem as novas formas sociais – não mais baseadas na rigidez e confinamento dos hospitais, escolas, asilos e prisões – são aquelas capazes de dissipar as fronteiras de confinamento: “[...] as sociedades de controle operam por máquinas de uma terceira

³ Subjetividade em Foucault, em resumo, refere-se aos modos de constituição de si enquanto sujeito, processo relacionado às relações históricas de saber-poder. Para Foucault (2011, p. 100) chama-se “[...] subjetivação à formação de uma relação definida de si consigo [...]”.

espécie, máquinas de informática e computadores, cujo perigo passivo é a interferência, e o ativo a pirataria e a introdução de vírus.” (DELEUZE, 1992, p 223)⁴.

O desenvolvimento de uma cibertecnologia propiciou uma série de mudanças na estruturação do tecido social, fluidificando as fronteiras das instituições (HARDT, 2000), e dando origem a um novo *locus* específico denominado ciberespaço⁵ (LÉVY, 1999).

Potencializadas pela função conectiva da internet, no ciberespaço se estabelecem redes sociais articuladas em sites ou aplicativos⁶ com linguagens específicas, onde se potencializa o compartilhamento de informações, bem como se oportunizam novas formas de interação e relacionamento entre os sujeitos usuários, novos processos de produção do conhecimento, e inclusive, novas estratégias de mercado (PRIMO, 2007; RECUERO; BASTOS; ZAGO, 2015).

Se para Lévy (1999), a disseminação dos computadores foi crucial para o que considerou um “[...] movimento geral de virtualização da informação e da comunicação [...]” (LÉVY, 1999, p. 30), na contemporânea sociedade de controle, a partir das estratégias de modulação⁷, este movimento se expande para a virtualização dos sujeitos, desde sua subjetividade, chegando ao corpo e seus parâmetros biofisiológicos de saúde.

⁴ As primeiras máquinas que podem ser consideradas como computadores (calculadoras programáveis capazes de armazenar os programas) surgiram em meados de 1945, na Inglaterra e nos Estados Unidos (LÉVY, 1999). Talvez não por acaso, foram desenvolvidas dentro de uma das mais rígidas e fundamentais instituições de confinamento: o Exército. Seu uso civil só se disseminou por volta dos anos 60.

⁵ “[...] espaço de comunicação navegável e transparente, centrado na informação.” (LÉVY, 1999, p. 43) que vem gradualmente substituindo ou agrupando todos os *softwares* e *hardwares*. Contido e contendo todos os computadores conectados na rede, o ciberespaço é “[...] um computador hipertextual, disperso, vivo, fervilhante, inacabado [...]” (LÉVY, 1999, p. 43).

⁶ É preciso destacar a diferença entre redes sociais e sites de redes sociais. Compreende-se que “As redes sociais são metáforas para a estrutura dos agrupamentos sociais. Elas são constituídas pelas relações entre os indivíduos e vão servir como estrutura fundamental para a sociedade. São, assim, uma forma de olhar os grupos sociais, onde se percebem as relações e os laços sociais como conexões e os indivíduos como atores que estão unidos por essas conexões, formando o tecido social.” (RECUERO; BASTOS; ZAGO, 2015, p. 23). Já os sites de redes sociais são suportes para a manifestação destas redes no ciberespaço, “[...] um tipo específico de mídia social [...] voltado para a criação e manutenção de redes sociais” (RECUERO; BASTOS; ZAGO, 2015, p. 25). Estas mídias sociais específicas do ciberespaço podem ser acessadas de maneira mais fácil a partir dos seus aplicativos; *softwares* desenvolvidos para aparelhos eletrônicos portáteis como *smartphones* e *tablets*.

A análise de redes sociais, ainda que não se dê apenas no estudo de suas manifestações no ciberespaço, tem tomado vulto na contemporaneidade com os estudos das redes sociais estabelecidas na internet.

⁷ O conceito de modulação refere-se a uma forma de exercício de poder que atua como uma malha de captura da subjetividade, de maneira fluida e auto-moldante, para o controle da vida (DELEUZE, 1992). O conceito será melhor trabalhado na sessão de revisão de literatura.

Estimulados mutuamente à participação e acesso, na internet os sujeitos são mapeados por uma inteligência artificial que, partir dos rastros de acesso, estabelece um grande banco de dados sobre modos de ser, de pensar, de agir, consumir, enfim, de viver dos usuários. Uma infinidade de informações potencialmente visualizáveis, produzidas e lançadas constantemente pelos próprios usuários estabelecem relações que ultrapassam inclusive as fronteiras espaço-temporais (RECUERO; BASTOS; ZAGO, 2015; CASSINO, 2018). Informações preciosas as emergentes estratégias de controle da vida e vigilância da saúde, cada vez mais vinculadas as práticas de mercado capitalista. Nas fronteiras fluidas do ciberespaço, onde todos podem ver todos, a produção de saberes cresce exponencialmente, a partir da própria vontade do sujeito em se revelar e exibir mais sobre si (COSTA, 2004).

Esta produção de saberes na internet ocorre, em especial, em sites de redes sociais ou mesmo em aplicativos de redes sociais, (ciber)espaços que traduzem a complexidade das interações sociais no ciberespaço, possibilitando a produção de conhecimento numa larga escala, o que Recuero, Bastos e Zago (2015) salientam nunca antes ter sido possível.

Neste sentido, a partir das operações da internet, ocorre uma atualização nos processos de produção de verdades, e em consequência, dos processos de poder e governo sobre os homens e sobre a vida, afinal, parece mais produtiva uma forma de governo e vigilância constante, onde os próprios sujeitos mantenham-se monitorados a partir de uma comunicação rápida e contínua, a qual são modulados a voluntariamente fazer parte: “O controle é de curto prazo e de rotação rápida, mas também contínuo e ilimitado [...]”. (DELEUZE, 1992, p. 224). Fazer viver os sujeitos já não é mais uma questão de confinamento, mas de controle. Um resgate constante, preventivo, reativado e executado de maneira diluída e em larga escala pelos próprios sujeitos na rede.

Na busca pela compreensão dos mecanismos e estratégias deste novo modelo de sociedade, faz-se necessário o desenvolvimento de estudos acerca dos incrementos do campo midiático⁸, em especial dos meios de comunicação nos sites e aplicativos para redes sociais na internet.

⁸ Utiliza-se o termo “campo midiático” a partir da compreensão de que aquilo que se entende tradicionalmente como “mídias” constitui um espaço não homogêneo, plural, polifônico, e, geralmente, multidiscursivo, no sentido que Bourdieu (1983) constrói seu conceito de Campo.

Dentre os sites ou aplicativos de redes sociais na internet, um dos mais utilizados é o Instagram, um aplicativo para compartilhamento instantâneo de imagens ou vídeos, com mais de 1 bilhão de usuários no mundo, sendo mais de 60 milhões somente no Brasil⁹, uma quantidade significativa de potenciais produtores de conteúdo.

O Instagram integra-se a outros sites ou aplicativos, como Facebook e Twitter para o compartilhamento de conteúdo, e é comumente acessado de maneira remota através de seu aplicativo para *smartphones*, ainda que possa ser acessado em dispositivos computacionais mais tradicionais como o *desktop*. O Instagram se constitui a partir das imagens “postadas” pelos usuários, relativas a suas atividades diárias, seus hábitos e comportamentos, suas preferências de consumo, bem como sobre suas condições de vida, e consequentemente de saúde (HU; MANIKONDA; KAMBHAMPATI, 2014; ZANDAVALLE, 2018).

Por esta razão, considera-se o Instagram um promissor *locus* de estudo para compreender as estratégias de governo dos vivos e vigilância da saúde operacionalizadas na contemporânea sociedade de controle. Considera-se para esta empreitada, em especial, as linhas traçadas de uma história das práticas – discursivas e não-discursivas – de saúde da população, que se relacionam, de forma imanente, as questões do governo da vida a partir da produção de domínios onde determinadas práticas são regulamentadas como verdadeiras de acordo com sua pertinência em relação ao modelo vigente (FOUCAULT, 2006).

Sendo introduzido o panorama, a partir destes pressupostos elabora-se os objetivos desta pesquisa.

1. 1 Objetivos

É objetivo geral desta pesquisa problematizar as estratégias de operacionalização de um governo dos vivos e vigilância da saúde no contexto de emergência de uma sociedade de controle, a partir de uma análise discursiva de publicações com as *hashtags* #saúde e #corpo presentes no Instagram.

⁹ Ver: <<https://www.apptuts.net/tutorial/redes-sociais/quantos-usuarios-do-instagram-existem-no-brasil-mundo-2017>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

Prevê-se apresentar como produto desta pesquisa dois artigos, cada um com seus respectivos objetivos, que neste projeto articulam-se da seguinte forma:

- Objetivo do Artigo 1: analisar texto e imagem de publicações do Instagram sem caráter comercial, com as hashtags #saúde e #corpo;
- Objetivo do Artigo 2: analisar texto e imagem de publicações do Instagram com caráter comercial – venda de produto ou prestação de serviço – com as hashtags #saúde e #corpo.

1. 2 Justificativa

Tratar acerca da saúde e do corpo na sociedade contemporânea, no sentido aqui proposto, parece imprescindível, dada a importância figurada pela temática nas mais diversas relações e contextos, principalmente no que se refere às formas de produção e promoção da saúde na contemporaneidade.

Indícios da relevância política, histórica e social do corpo – e por consequência da saúde – podem ser encontrados nos estudos foucaultianos e no pensamento do próprio autor, como por exemplo, quando ele assinala que:

O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade biopolítica. (FOUCAULT, 2016, p. 144).

Desta forma, desde que emerge o problema de gerir a população e não apenas o território, emergem também, e principalmente, os investimentos sobre o corpo. O corpo é, portanto, objeto de investimento, produção e controle do biopoder, para contínua manutenção da vida e vigilância da saúde, através das estratégias dos dispositivos de segurança para o exercício de uma governamentalidade.

Na contemporaneidade, com o advento do campo midiático, os processos de governo atualizam-se rapidamente¹⁰, desenvolvendo uma forma de poder constante, onde os indivíduos monitoram-se uns aos outros e a si mesmos.

Considerando como Foucault (2011), que uma governamentalidade só parece efetivamente possível a partir da produção de verdades para a construção de modos de subjetivação; na internet parece estar se estruturando um novo meio de se exercer o governo sobre o sujeito – sua saúde e sua vida – a partir de seu controle, afinal, no ciberespaço todos os usuários, potencialmente, convertem-se em produtores, moderadores e consumidores de conteúdo – ou pode-se dizer de saberes – ali se subjetivando.

No mundo da internet, os discursos sobre o sujeito transcendem ao controle do outro, e se ramificam em microrelações de força que se multiplicam quase instantaneamente. A captura dos sujeitos ocorre cada vez menos vinculada ao sequestro de seus corpos e cada vez mais pelos processos de modulação de suas subjetividades.

Estudos acerca do caráter educativo/normalizador do campo midiático e sua articulação com relações de poder, podem ser encontrados na literatura científica brasileira, em especial, aqueles desenvolvidos por Fischer (2002; 2013), que destaca as estratégias de construção daquilo que define como um dispositivo pedagógico midiático; instrumento técnico para disciplinamento e governo dos vivos a partir da linguagem midiática de comunicação.

No âmbito da Educação Física, estudos acerca do campo midiático com interface a temática da saúde e suas transversalidades, também já são observados, inclusive a partir de uma perspectiva de análise que considere a influência das relações de poder.

Andrade (2003), por exemplo, ao buscar situar o posicionamento do corpo – em especial o feminino, de acordo com o recorte de seu estudo – enquanto um “[...] constructo que é histórico, social e cultural [...]” (ANDRADE, 2003, p. 120), percebe as diversas influências na construção de representações sobre este. Para a autora, essa construção de uma representação do corpo feminino perpassa por múltiplas relações de poder e seus efeitos de verdade, que principalmente no século XX

¹⁰ Considera-se que, ao ensinar modos de ser e estar a partir de uma linguagem própria, o campo midiático corrobora na construção de modos de subjetivação conformados a determinados padrões de relações de poder, capturados pelos padrões de normalidade (FISCHER, 2002).

convergem para uma conexão intrínseca entre beleza e saúde, assim como “[...] um deslizamento, um cruzamento de fronteiras entre o corpo e as tecnologias [...]” (ANDRADE, 2003, p. 140) que hibridiza estes conceitos, a partir dos processos históricos de significação articulados em campos diversos, como na indústria, no mercado, na medicina, na ciência e nas veiculações midiáticas.

Gomes e Caminha (2016) aprofundam os olhares sobre as questões midiáticas ao tratar dos discursos sobre o corpo em produções fílmicas, percebendo a presença de discursos que apresentam a magreza e a saúde a partir de uma articulação intrínseca, estabelecida nos roteiros. Relacionam esta percepção as técnicas de normalização de um biopoder que “[...] fomenta a criação de estratégias de cuidar do corpo.” (p. 419), a partir de práticas variadas que vão de dietas a intervenções cirúrgicas, atravessadas por um padrão de estética construído a partir das relações sociais estabelecidas.

Leitzke, Rigo e Knuth (2019), ao analisarem as práticas discursivas de um determinado quadro televisivo de grande impacto no Brasil no início da década de 2010 – o quadro “Medida Certa”, no Fantástico – também percebem a articulação de estratégias biopolíticas de caráter normalizador para uma vigilância da saúde. Traduzem, assim, seu *modus operandi*, identificando a ênfase discursiva em técnicas de confissão, um caráter prescritivo bem como o balizamento das estratégias em discursos técnico-científicos para produção dos corpos dos participantes do quadro, e por consequência, dos telespectadores, servindo a atração inclusive de modelo para implementação de políticas públicas no país em ocasião de sua exibição.

Já Oliveira *et al* (2010) discutem acerca do posicionamento do discurso veiculado no campo midiático – em especial, na revista “Boa Forma” – relacionado as concepções e efeitos de verdade e seu caráter normativo quanto uma representação social de corpo e saúde, que se atrela aos ideais de uma ética de mercado. Para eles, este campo é atravessado por estas concepções e efeitos de verdade ao passo que também as (re)produz.

Este discurso presente no campo midiático não é, em momento algum, neutro, mas corresponde aos ideais do mercado da estética e beleza, principalmente, a partir de um embasamento técnico-científico, discursado por “autoridades na área”, mas de caráter moral. Oliveira *et al* (2010) ainda ressaltam que, estes ideais de mercado se reinventam de acordo com a necessidade de

perpetuar o consumo. Desta forma, a promessa de uma beleza e uma saúde segue inatingível, por que sempre deslocada, a partir do discurso publicitário e dos interesses de mercado.

Assumindo um possível processo de transição da sociedade disciplinar para a sociedade de controle, Oliveira *et al* (2010) ainda assinalam a emergência do (auto)controle exercido de forma contínua e o distanciamento dos modelos de confinamento.

Sobre a percepção das influências da emergência de uma sociedade de controle na condução da vida e da saúde da população, Fraga (2006) destaca que passamos a uma forma de governo que supera as relações de assujeitamento do corpo individual para investir em técnicas que regulamentem o corpo coletivo a partir do que define "[...] biopolítica informacional" (FRAGA, 2006, p. 13).

Esta realidade biopolítica trabalha para aumentar as visibilidades dos modelos de saúde que reafirma e converte em produto comercializável pela difusão de informações. Isso é possível com a articulação de várias instâncias, governamentais e não-governamentais – como organizações acadêmicas e científicas, profissionais ou empresariais – cada uma com seus sistemas, que convergem a uma noção transversal: a importância da atividade física e do estilo de vida ativo para saúde e para longevidade da população. Oportuniza-se assim a comercialização desta noção e a proliferação de seus postos de venda (FRAGA, 2006).

Ainda para Fraga (2006) este processo se relaciona também a uma noção intrínseca de risco a saúde, proliferada nas práticas discursivas informacionais. Incita-se o medo ao evidenciar as vulnerabilidades potenciais da vida, ao mesmo passo, apresenta-se as soluções para estas vulnerabilidades a partir de uma prática especializada e com base em conhecimentos científicos, caracterizando, assim, os processos de comercialização da saúde, responsáveis agora pela captura dos sujeitos.

Desta maneira, a noção de risco se converte em um "[...] elemento político de regulação das escolhas saudáveis e educação para o consumo de estilos de vida [...]" (FRAGA, 2006 p. 78). Este elemento é referente a ideia de governamentalidade trabalhada por Foucault (2016) ao serem consideradas suas características e estratégias específicas para o desenvolvimento de saberes sobre

a população para condução da vida, vinculadas a noção convergente de economia política no mercado capitalista.

Fraga (2006) percebe então serem estes os meios de articulação de uma nova ordem discursiva no campo da saúde e da atividade física, que implicam diretamente a prática profissional da área da Educação Física ao fazerem emergir categorias de comercialização da “vida ativa” nas quais a área atua. Introduz, assim, a noção de desenvolvimento de uma instrumentalização profissional para o controle e monitoramento da população, relativa à organização da nova sociedade de controle, baseada em tecnologias políticas que consideram cada um dos sujeitos um potencial sistema informacional.

Na esteira desta percepção sobre a conversão dos sujeitos em bases de informações, Silveira e Rigo (2015), observando a produção discursiva da Agência Mundial Antidoping (WADA) e seu programa permanente de controle antidoping “Passaporte Biológico do Atleta”, percebem a operacionalização ativa de um controle sobre os atletas a partir do biológico. Apresentam assim a trajetória de desenvolvimento destas técnicas de controle para o antidoping, evidenciando suas estratégias de operacionalização, que passam pela alimentação de um banco de dados dos atletas cadastrados no programa, com o máximo de informações necessárias para não “deixar escapar” nenhum transviante.

Ainda que restrita ao entendimento da operacionalização de um controle no âmbito do esporte de alto rendimento, a pesquisa de Silveira e Rigo (2015), ao refletir sobre estes mecanismos, traz indícios de que uma sociedade de controle já se opera enquanto novo paradigma, atrelada principalmente aos processos de inovação tecnológica, que oportunizam uma certa transmutação da vida em objeto técnico e mercadoria, fazendo emergir um sujeito facilmente convertido em banco de dados para análise e em cifras para classificação, o que remete as novas lógicas de governamentalidade em processo na sociedade de controle contemporânea.

Inserida neste panorama de estudos da Educação Física, esta pesquisa que aqui se projeta, torna-se relevante ao tratar da temática da internet – em especial do Instagram enquanto campo de estudos – e seus processos de comunicação mediada pela tecnologia cibereletrônica, considerando suas características próprias de linguagem em rede, para discutir as estratégias de governo dos vivos e vigilância da saúde numa sociedade de controle que se percebe já em vias de operacionalização.

Assim, considerando o objetivo desta pesquisa, tem-se interesse em traduzir e decodificar alguns dos mecanismos de produção de verdades e suas relações de poder imanentes, presentes nas publicações com as *hashtags* #saúde e #corpo no Instagram, seus sistemas de formação e suas transversalidades relativas ao campo da saúde, considerando as possíveis estratégias de governo da vida e vigilância da saúde para as novas modalidades de exercícios de poder. Procura-se assim traçar algumas linhas do quadro maior que mapeia a emergência da sociedade de controle como novo paradigma na contemporaneidade; noções que ainda possuem fôlego para discussões na Educação Física.

Por fim, a delimitação deste estudo o situa no campo da sociologia da saúde e suas correlações com a Educação Física, área do conhecimento moderno que cada vez mais é convocada a falar sobre o corpo, sobre a saúde e sobre os modos de ser e de viver dos sujeitos e das populações na contemporaneidade.

2 Revisão de literatura

Para fazer uma boa análise dos dados é necessária a apropriação de um referencial teórico o qual contemple a gama de conceitos que se operacionalizam nesta proposta. Deste modo, ainda que já tenham sido feitas anteriormente algumas considerações teóricas sobre os processos de consolidação do poder disciplinar e do biopoder bem como da transição da sociedade disciplinar a sociedade de controle e suas relações com o ciberespaço; apresenta-se a seguir um aprofundamento.

2. 1 Do Poder Disciplinar ao Biopoder

O problema do governo, que emergiu em meados do século XVII, trouxe consigo novas táticas de gerir os sujeitos, a vida e a saúde a partir do corpo. Neste momento histórico ainda se operava um tipo de poder vinculado ao exercício da soberania, um poder que se ocupava inicialmente de fazer com que as pessoas obedecessem. Para garantir a obediência, técnicas de gerir foram sendo aprimoradas e passaram a incorporar mecanismos disciplinares a suas estratégias de investimento sobre os corpos e os sujeitos (FOUCAULT, 2016).

A esta altura, “Todas as características e medidas da matéria, na física, já tinham sido extrapoladas para os sujeitos, que passaram a ter corpos.” (SANTOLIN, 2013, p. 59). Assim, institui-se gradualmente uma anátomo-política sobre o corpo individual, que pretende discipliná-lo para sua utilidade plena e docilidade, manipulando-o a minúcia: “Encontraríamos facilmente sinais dessa grande atenção dedicada então ao corpo – ao corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil, cujas forças se multiplicam” (FOUCAULT, 2007, p. 117).

Basicamente este poder tem como alvo de seus conjuntos de técnicas os indivíduos em sua singularidade:

É o poder de individualização que tem o exame como instrumento fundamental. O exame é a vigilância permanente, classificatória, que permite distribuir os indivíduos, julgá-los, medi-los, localizá-los e, por conseguinte, utilizá-los ao máximo. Através do exame, a individualidade torna-se um elemento pertinente para o exercício do poder. (FOUCAULT, 2016, p.182).

Neste contexto uma série de técnicas foram elaboradas para garantir uma eficiente educação do corpo. Estas técnicas constroem-se a partir de “[...] uma política das coerções, que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos.” (FOUCAULT, 2007, p. 119).

No entanto, é a partir do século XVIII que se percebe claramente a grande influência deste poder disciplinar na gestão dos corpos e da vida: “A partir do século XVIII, se desenvolve uma arte do corpo humano: Começa-se a observar de que maneira os gestos são feitos, qual o mais eficaz, rápido e melhor ajustado.” (FOUCAULT, 2016, p. 181).

O desenvolvimento de uma anátomo-política do corpo propiciou um terreno fértil para a evolução das práticas de exercícios ginásticos, mais tarde denominadas em seu conjunto enquanto Movimento Ginástico Europeu, no século XVIII (SOARES, 2002). Embasado em uma prática discursiva cientificista, o Movimento Ginástico Europeu trazia descrições detalhadas de exercícios específicos para garantir a retidão e a rigidez das carnes, bem como garantir também a disciplina, e o desenvolvimento de noções adequadas de tempo, de gasto de energia e de manutenção da saúde: “E estas são as metas de um poder que, desde o século XVIII, vem construindo uma nova mentalidade científica, prática e pragmática, baseada na ciência e na técnica como formas específicas de saber.” (SOARES, 2002, p. 18).

Com a crise do poder soberano, uma nova forma de gestão emerge. O problema do governo passou a ser tratado fora do quadro jurídico da soberania, em meados do século XVIII, e vinculou-se ao prisma da economia, dos problemas específicos de uma figura emergente e central neste contexto: a população. Os estudos estatísticos e a produção de saber sobre esta população constituiu-se enquanto fator técnico da emergência deste novo tipo de gestão, qual seja o Estado administrativo de governo. O problema da população desbloqueou a arte de governar (FOUCAULT, 2016).

Segundo Scliar (2007), métodos estatísticos para o estudo da sociedade e seus parâmetros relativos à saúde já eram utilizados pelo menos desde o século XVII. No entanto, sua influência política passa a ser decisiva para o exercício do poder do Estado em meados do século XVIII, fazendo emergir o biopoder, esta nova forma de poder que se ocupa de fazer viver a partir de um modelo de vigilância.

Tendo como base a emergência da noção de população, dentro do exercício de uma biopolítica, são produzidos saberes a partir dos estudos demográficos, através de medições estatísticas. O biopoder se exerce, assim, sobre o homem-espécie, não apenas a partir da disciplina, mas de uma regulamentação baseada em fazer viver ou deixar morrer (FOUCAULT, 2008a).

Neste sentido, assimila-se o corpo individual ao corpo social no exercício administrativo de governo:

Se a saúde do corpo individual podia ser expressa por números – os sinais vitais –, o mesmo deveria acontecer com a saúde do corpo social: ela teria seus indicadores, resultado desse olhar contábil sobre a população e expresso em uma ciência que então começava a emergir, a estatística. (SCLiar, 2007, p. 34).

Desta maneira, os estudos estatísticos revelaram os problemas próprios da população, principalmente aqueles vinculados à vida e a saúde. Neste contexto a discussão acerca das questões de saúde/doença se fortifica.

A nova configuração social, o desenvolvimento industrial, o esvaziamento do campo e o início do trabalho fabril no século XVIII trouxeram mudanças à realidade dos indivíduos e sua saúde, colocando em foco a questão da disciplina, necessária para seu ajuste ao emergente sistema de trabalho fabril (ENGUITA, 1989).

Nesta realidade percebia-se que distúrbios psicológicos se tornavam comuns, bem como a delinquência e a criminalidade. O adoecimento chamava a ciência e a política para uma associação com vistas ao reordenamento social (CORBIN, 2008). Assim a operacionalização de um governo da população reflete diretamente nos investimentos do Estado sobre os cuidados com a saúde. As instituições hospitalares, que no período do modelo de exílio, eram tidas “[...] não como um lugar de cura, mas de abrigo e de conforto para os doentes.” (SCLiar, 2007, p. 33) passam no modelo da vigilância a ser local de tratamento e promoção da saúde.

Emerge uma nova medicina hospitalar enquanto estratégia biopolítica, que deve zelar pela saúde dos enfermos, e garantir que a doença não ofereça riscos à sociedade:

De maneira geral, pode-se dizer que, diferentemente da medicina urbana francesa e da medicina de Estado da Alemanha do século XVIII, aparece, no século XIX e sobre tudo na Inglaterra, uma medicina que é essencialmente um controle da saúde e do corpo das classes mais pobres para torná-las mais aptas ao trabalho e menos perigosas às classes mais ricas. (FOUCAULT, 2016, p. 169).

Evoluem as chamadas “teorias organicistas” que concebiam a sociedade enquanto corpo social, que por tanto, deveria funcionar como o corpo humano (CORBIN, 2008). O Estado toma sua responsabilidade sobre a difusão de uma educação para a higiene e a profilaxia da população (VIGARELLO, 2006). É neste contexto que a população se consolida enquanto objeto final do governo e seu exercício biopolítico:

Pois qual pode ser o objetivo do governo? Não certamente governar, mas melhorar a sorte da população, aumentar sua riqueza, sua duração de vida, sua saúde, etc. e quais são os instrumentos que o governo utilizará para alcançar estes fins, que em certo sentido são imanentes a população? Campanhas, através das quais se age diretamente sobre a população, e técnicas que vão agir indiretamente sobre ela [...] O interesse individual – como consciência de cada indivíduo constituinte da população – e o interesse geral – como interesse da população, quaisquer que sejam os interesses e aspirações individuais daqueles que a compõem – constituem o alvo e o instrumento fundamental de governo da população. (FOUCAULT, 2016, p. 425-426).

Mas quais seriam os processos utilizados para garantir uma eficiente gestão da população aos níveis definidos estatisticamente como ideais? Foucault (1999a) resume os processos de poder sobre o corpo individual e sobre a população da seguinte forma: “Temos, pois, duas séries: a série corpo – organismo – disciplina – instituições; e a série população – processos biológicos – mecanismos regulamentadores – Estado.” (FOUCAULT, 1999a, p. 298).

Para Foucault (2016; 1999a) o desenvolvimento da disciplina ou dos mecanismos disciplinares se torna ainda mais essencial neste contexto de governo da população, no entanto, ele se articula ao desenvolvimento de uma regulamentação principalmente através do que ele denomina enquanto norma.

Neste sentido é na norma onde se pode perceber a coexistência da disciplina e da regulamentação:

De uma forma mais geral ainda, pode-se dizer que o elemento que vai circular entre o disciplinar e o regulamentador, que vai se aplicar, da mesma forma, sobre o corpo e à população, que permite a um só tempo controlar a ordem disciplinar do corpo e os acontecimentos aleatórios de uma multiplicidade biológica, esse elemento que circula entre um e outro é a norma. A norma é o que pode tanto se aplicar a um corpo que se quer disciplinar quanto a uma população que se quer regulamentar. (FOUCAULT, 1999a, p. 302).

No contexto do biopoder – ou seja, do poder exercido sobre a multiplicidade biológica da população – a normalização se relaciona aos ascendentes dispositivos de segurança, os quais, baseados nos estudos demográficos e medições estatísticas, passam a delinear as noções de caso, risco, perigo e crise. A partir destas noções, bem como a partir dos novos procedimentos médicos de variolização/vacinação, há uma mudança no referencial de normalidade, que modificam por sua vez os modos de governar.

Com a possibilidade de uma expectativa da distribuição de casos em uma “[...] curva normal geral [...]” (FOUCAULT, 2008b, p. 82), são traçadas estimativas de normalidades, bases sobre as quais as técnicas dos dispositivos de segurança agem sobre a população, na busca pela redução de normalidades desviantes.

No entanto, no contexto do poder disciplinar – poder exercido sobre o homem-corpo – as influências normativas são percebidas por Foucault (2008b) de outra forma. A partir da norma já estabelecida é que o normal e o anormal aparecem. Nesta perspectiva, a norma do poder disciplinar se caracteriza enquanto essencialmente prescritiva. Para Foucault (2008b) este primeiro esboço da norma lhe parece mais uma normação que efetivamente uma normalização.

Já no biopoder “O normal é que é primeiro e a norma se deduz dele, ou é a partir desse estudo das normalidades que a norma se fixa e desempenha seu papel operatório.” (FOUCAULT, 2008b, p. 83). Desta forma, as técnicas de normalização podem ser resumidas em sucessivas e incessantes tentativas de “[...] reduzir as normalidades mais desfavoráveis [...]” (FOUCAULT, 2008b, p. 82) na curva de normalidade geral, tarefa esta executada pelos dispositivos de segurança. Neste entendimento, os dispositivos de segurança são as operações de um biopoder,

constituindo-se por investimentos sobre a população – e ao cabo sobre os corpos individuais – a fim de garantir o sucesso das práticas de governo.

No que se refere ainda ao normal e ao anormal, Canguilhem (2010) ressalta que, o normal só pode ser definido a partir de um julgamento apreciativo anterior, que defina um justo meio-termo. Ao ser objetivo da medicina restabelecer um estado de normalidade, ela mesma o definiria, sendo a condição patológica, ela própria, normativa. Para a vida não haveriam diferenças biológicas, mas normatividades, normas biológicas sãs e patológicas de ordens diferentes entre si. Neste sentido a anomalia, o anormal e o patológico não existem por si só, sendo apenas expressões de vida possíveis.

No contexto da medicina social desenvolvem-se parâmetros biométricos, que se consolidam no século XIX correlacionados a noção de risco, traga pelos estudos demográficos e medições estatísticas. Qualquer variação proeminente da curva de normalidade geral é tratada então como risco, noções que se colocam em prática nos discursos normalizadores. Esta é uma relação que parece ser observada ainda na contemporaneidade:

Na literatura científica biomédica ou em suas construções contemporâneas que ecoam na mídia, é possível encontrar uma extensa variedade de discursos advogando a relação entre “corpos em forma” e a ideia de evitar riscos à saúde. O pensamento probabilístico tem sido utilizado hegemonicamente como ferramenta fundamental de convencimento dessa relação. (OLIVEIRA *et al*, 2010, p. 32).

Para Palma *et al* (2012, p. 112) estes processos impactam diretamente sobre o desenvolvimento de uma economia política, constituída justamente “[...] na avaliação e controle de certos processos biológicos, como índices de natalidade, mortalidade, morbidade, expectativa de vida, etc.”. Neste mesmo viés, considera-se como Pelbart (2003, p. 24) que a “Biopolítica designa pois essa entrada do corpo e da vida, bem como de seus mecanismos, no domínio dos cálculos explícitos do poder, fazendo do poder-saber um agente de transformação da vida humana”.

Neste sentido as estratégias desta economia política perpassam pelo diagnóstico para o controle, na operacionalização de dispositivos de segurança para combater tudo aquilo que constitua um risco, ou ainda, que desvie da curva normal geral. As estratégias biopolíticas para o governo dos vivos operam em prol de uma produção e manutenção da saúde, mas que se vincula a uma educação do corpo,

garantida pelo êxito do poder disciplinar, já que "[...] nunca, tampouco, a disciplina foi mais importante e mais valorizada do que a partir do momento em que se tentava gerir a população." (FOUCAULT, 2006, p. 302).

Ser saudável se vincula, nessa perspectiva, a uma noção de conquista individual, a ser obtida com a observância e seguimento à risca das prescrições dadas. Esta constatação também é destacada por Soares (2002, p. 19) ao tratar sobre a popularização dos métodos ginásticos europeus a partir do século XVIII:

Havia ainda mais uma vantagem na aplicação da ginástica: a suposta aquisição e preservação da saúde, compreendida já como conquista/responsabilidade individual, podia ocorrer como decorrência de sua prática sistemática, afirmavam higienistas e pedagogos [...] (SOARES, 2002, p. 19).

Já no século XX, um aumento exponencial da exposição dos corpos é percebido, vinculado a popularização do cinema e mais tarde das mídias televisivas (SANT'ANNA, 2014). Um modelo de bem estar ascende junto a crescente individualização dos cuidados com o corpo. Os discursos pregam o "amar a si mesmo" a partir do cuidado com o próprio corpo. Neste contexto difundem-se diversos métodos de ginástica e emagrecimento para abarcar as múltiplas necessidades e realidades de cada indivíduo. A responsabilidade recai sobre o próprio sujeito, e a culpabilização dos "indisciplinados" torna-se escancarada (VIGARELLO, 2006).

Uma tendência que Sant'Anna (2014) denomina hipersaúde aparece já na segunda metade do século XX, trazendo discursos expressos através da exposição de imagens de corpos jovens, lisos e de musculatura delineável, defensores de um corpo 100% "sarado".

No entanto o que merece destaque é justamente a consolidação deste novo modelo de governamentalidade, a partir do biopoder. Neste contexto, percebe-se que o Estado é completamente tomado da responsabilidade de governar a população, mediante políticas sociais e econômicas, garantindo o êxito de sua tarefa com metas de reduzir o risco de doenças, promovendo ações e serviços de proteção e recuperação desta população.

Dado este panorama, na contemporaneidade é possível perceber os mecanismos de um biopoder operando sobre a população de maneira crescente: "Nos dois últimos séculos, a saúde tem se tornado cada vez mais politicamente

relevante como um eixo articulador entre Estado e população.” (OLIVEIRA *et al*, 2010, p. 31).

Ainda que seja interesse do Estado manter a população em uma posição na curva de normalidade geral que garanta os menores risco, esta tarefa não é executada apenas nesta esfera de poder. Os mecanismos regulamentadores ou como por vezes se refere Foucault (1999a), previdenciários, são executados também por instituições denominadas pelo autor como subestatais.

Em nossa realidade contemporânea, estratégias de governo dos vivos e vigilância da saúde podem ser percebidas no campo midiático em geral: “Como uma questão social, moral e de seguridade, a ideologia da saúde ultrapassa os muros dos hospitais e passa a ocupar ‘as primeiras páginas’ das mídias de massa mais relevantes do país, como jornais, revistas, internet, televisão, etc.” (PALMA *et al*, 2012, p. 101) (grifos do autor).

Neste sentido, o campo midiático parece operar uma “[...] crescente ênfase discursiva a favor do envolvimento com (auto)disciplina e normas de comportamento na busca de se promover uma ‘boa saúde’” (OLIVEIRA *et al*, 2010, p. 31-32) (grifos do autor). Suas estratégias discursivas vêm corroborando com a produção de imagens idealizadas de saúde e beleza, com a veiculação e produção de imagens de corpos jovens, magros, lisos e ágeis, ou seja, de corpos “perfeitos”, possivelmente numa reedição da chamada “hipersaúde” como a entendia Sant’Anna (2014). Neste mesmo sentido, estas práticas posicionam aquelas normalidades desviantes em posição vilanesca: “A obesidade e o sedentarismo têm sido considerados dois dos grandes vilões da Saúde Pública.” (PALMA *et al*, 2012, p. 99).

Dentro deste viés, os estudos já produzidos sobre a linguagem midiática parecem traduzir uma série de técnicas de regulamentação sustentadas em sistemas de formação referentes ao campo médico-científico, onde a prescrição predomina: o “faça em casa”, “faça em 30 minutos”, “faça em qualquer lugar”, as “dietas dos famosos” ou ainda a ênfase nas estratégias cirúrgicas.

Assim percebe-se como Palma *et al* (2012) a articulação destas técnicas de regulamentação aos interesses de processos econômicos na esteira do desenvolvimento de uma sociedade capitalista. Se objetifica o corpo e a saúde para comercialização de variados modos de ser e estar saudáveis na

contemporaneidade, estratégias de marketing com efeitos de poder no contexto de uma governamentalidade contemporânea para condução da vida.

No entanto, há outras relevâncias a respeito da governamentalidade, sua emergência e exercício no processo de condução da vida e da saúde, as quais necessitam de um olhar mais específico.

2. 2 Da Governamentalidade do Estado às Tecnologias de Si

Na observação da operacionalização dos dispositivos de segurança, Foucault procura tratar dos problemas de uma população, o que remete diretamente as questões de governo, correspondendo a série “[...] segurança-população-governo [...]” (FOUCAULT, 2006, p. 281). Neste sentido, volta-se para entender as estratégias emergentes de governo, em especial, em sua forma política.

Apresenta então a noção de economia como central dentro de uma prática de exercício político do Estado. Essa noção desenvolve-se como ascendente a noção de uma moral e descendente a noção de prática política. Três noções às quais correspondem as práticas múltiplas de governo imanentes ao Estado (FOUCAULT, 2006).

Mas a economia sobrepuja a condição de noção para no século XVIII designar “[...] um nível de realidade, um campo de intervenção, e isso através de uma série de processos complexos e, penso eu, absolutamente capitais para nossa história. Eis aqui, então, o que é governar e ser governado.” (FOUCAULT, 2006, p. 289).

Assim a introdução da economia como prática central de um exercício político toma posição, quando um governo das coisas e dos homens se estrutura. Não por acaso, “O mercantilismo é a primeira racionalização do exercício do poder como prática de governo; é de fato, a primeira vez que se começa a constituir um saber do Estado que pudesse ser utilizável como tática do governo.” (FOUCAULT, 2006, p. 296), mesmo que ainda bloqueado pelo exercício da soberania.

Na ascendência de uma lógica social do governo, a economia enquanto nível de realidade tanto é condicionada quanto é condição de existência relativa ao problema da população. Seu desbloqueio em relação as práticas de soberania tem

como um dos fatores técnicos principais a evolução de uma estatística, a qual produz os saberes necessários para a compreensão da regularidade própria da vida, tais como as taxas na natalidade e mortalidade, por exemplo, possibilitando a quantificação dos fenômenos referentes à população (FOUCAULT, 2006).

As questões imanentes da população, na evolução da estatística e desbloqueio da economia, passam a figurar então como objetivo último do governo: "[...] melhorar o destino das populações, de aumentar suas riquezas, sua duração de vida, ou sua saúde." (FOUCAULT, 2006, p. 300). Neste sentido, a economia se constitui em uma relação indissociável de um saber de governo e um saber em torno da população. É o que se pode chamar de uma "economia política". (FOUCAULT, 2006).

Destes apontamentos depreende-se o que Foucault (2006) compreende como governamentalidade. Para o autor, governamentalidade se refere a um conjunto de procedimentos, instituições, reflexões, análises, cálculos e técnicas que possibilitam o exercício de um poder sobre a população a partir da economia política, como principal forma de saber, e os dispositivos de segurança enquanto instrumento técnico. Também compreende ser esta a tendência que se conduz no Ocidente de um tipo de saber-poder chamado de governo, que sobrepuja outros tais como a soberania e a disciplina, reposicionando seus instrumentos técnicos, sem, contudo, extingui-los. Como um terceiro conceito, governamentalidade também é compreendida como o resultado de um processo de transformação do Estado de Justiça medieval em Estado Administrativo governamentalizado. Assim, o Estado tal qual hoje se organiza está relacionado justamente a esta governamentalidade, que define também sobre o que é de caráter público e o que é de caráter privado, ou estatal e não estatal (FOUCAULT, 2006).

Nesta perspectiva, para Foucault (2006; 2016), o problema da população é na verdade o problema do Estado. No entanto, o que garante o efetivo governo de todos e cada um? Ou em outras palavras, como o Estado garante que o sujeito que se governa se deixe ser governado?

Avelino (2010) compreende a partir de Foucault que, para a análise de uma referida prática de governo, é preciso considerar sua articulação a partir de duas dimensões: a dimensão tecnológica, relativa aos dispositivos de segurança que reposicionam os instrumentos técnicos jurídicos e disciplinares, por vezes, inclusive, os endurecendo; e a dimensão programática, referente às racionalidades do

governo, suas instâncias reflexivas acerca da própria prática de governar, como as operações do neo-liberalismo e as operações do eixo verdade-subjetividade.

Esta última dimensão programática – o eixo verdade-subjetividade – é do que se ocupa Foucault (2011) a partir de então, na busca pela compreensão do “[...] governo dos homens pela verdade sob a forma da subjetividade e [para] propor uma genealogia das formas da obediência moderna.” (AVELINO, 2010, p. 8).

Avelino (2010, p.10) esclarece que este modelo de exercício de poder descrito por Foucault (2011) – a governamentalidade – está indexado sobre a racionalidade dos que são governados “[...] como sujeitos econômicos, como sujeitos de interesse, como indivíduos que, para satisfazer seus interesses utilizam de maneira mais ou menos livre as regras e os objetos disponibilizados pelo mercado.” (AVELINO, 2010, p.10). Esta percepção é relativa à necessidade de que é imperativo que aquele que se governa permita-se ser governado já que “[...] o consentimento dos governados deve ser a fonte originária e o único fundamento do poder político legítimo.” (AVELINO, 2010, p. 10), para manutenção da adesão social a um determinado projeto político, garantindo que todos obedeçam.

Deste modo, a racionalidade política do contrato [social], configurada pelo liberalismo dos séculos XVIII e XIX, e pelo neoliberalismo de nossos dias, consiste em indexar o exercício do poder na racionalidade daqueles sobre os quais o próprio poder é exercido. Foi assim que, após a Razão de Estado, a racionalidade política do contrato introduziu a exigência, tornada indispensável para o exercício do poder, deste elemento que precedentemente tinha pouca importância: o Sujeito. O exercício do poder será doravante uma atividade cuja indexação não é independente de uma subjetividade, de um Eu, de um Si. (AVELINO, 2010, p. 10).

Os processos de constituição de uma subjetividade ganham destaque quando se considera que a atividade de exercício do poder, tal qual como o governo, estão indexadas justamente sobre esta subjetividade. Neste sentido, Foucault (2011) entende a necessidade e exigência para o exercício do poder de que os sujeitos não somente obedeçam, mas declarem ao que obedecem, declarem quem são, o que fazem e o que desejam; e essa necessidade de declaração refere-se, enfim, a necessidade da manifestação da verdade e do verdadeiro sobre o sujeito para seu efetivo governo.

É assim que a verdade e seus processos de articulação e regimes tomam centralidade na analítica foucaultiana das relações de poder, a partir do entendimento da atual exigência de “[...] atos de subjetivação da verdade

manifestada nos procedimentos de verificação através dos quais subjetividade e verdade foram indexadas.” (AVELINO, 2010, p. 13).

Foucault (2011) elucida que aquilo que conhecemos hoje enquanto verdade, o conhecimento desenvolvido a partir dos procedimentos científicos da lógica, da experimentação, da observação e da pesquisa¹¹, são possíveis formas de um exercício do que se chama “aleturgia”¹². Neste sentido, o autor, que já trazia a questão do saber correlacionada às relações de poder faz seu deslocamento para a noção do governo dos vivos a partir da produção de verdades: “[...] quanto mais o governo governa pela verdade, no fundo ele governará tanto menos.” (FOUCAULT, 2011, p. 55).

Um efetivo governo dos vivos só poderia então ser realizado a partir da produção de saberes legitimados como verdadeiros. A aleturgia desenvolve-se como um conceito relativo a esta manifestação da verdade enquanto procedimento, verbal ou não verbal, de oposição ao que seja falso, oculto ou ainda imprevisível em determinado sistema de formação: “Poder-se-ia chamar aleturgia esse conjunto de procedimentos e dizer que não existe exercício de poder sem qualquer coisa como uma aleturgia.” (FOUCAULT, 2011, p. 46).

Essa aleturgia relaciona-se aos processos de subjetivação dos homens para seu governo, tendo em vista que “[...] essa manifestação de verdade na forma da subjetividade tem efeitos que vão muito além das relações, digamos, imediatamente utilitárias do conhecimento: a aleturgia, a manifestação da verdade faz muito mais que permitir conhecer.” (FOUCAULT, 2011, p. 67). Dessa forma, um efetivo governo dos vivos não poderia de articular se não nos processos de subjetivação indexados no circuito de uma aleturgia (FOUCAULT, 2011).

¹¹ Essa, no entanto, não é a única forma de se “desenvolver conhecimentos” ditos verdadeiros nos quais se exercitam o poder. Num primeiro momento, a sociedade ocidental conheceu um poder baseado na sabedoria religiosa e no texto da Igreja, em segundo momento este poder se reedita para um baseado na sabedoria do Príncipe para produção de verdades (FOUCAULT, 2011). É a “verdade” neste exercício construída a partir das práticas discursivas e não-discursivas das relações poder. Se antes baseada numa racionalidade advinda do poder soberano, se modifica a partir da racionalidade cartesiana, que introduz a questão do método, promovendo o desenvolvimento científico a partir do séc. XVII, deslocando a centralidade do exercício do poder soberano para o exercício do poder pelo governo, na tratativa dos problemas da população, do mercado e da economia.

¹² Apresentando aleturgia enquanto uma palavra que deriva do adjetivo grego *alêthourguês*, o autor ainda complementa trazendo-nos que, sendo a palavra grega hegemonia tomada em seu sentido original, qual seja a possibilidade de condução das condutas dos outros, “[...] é bem provável que não exista nenhuma hegemonia que possa se exercer sem qualquer coisa como uma aleturgia.” (FOUCAULT, 2011, p. 46).

Foucault (2011) destaca três papéis principais do sujeito na operação de uma aleturgia: “[...] 1) pelo papel que ele desempenha como operador; 2) pelo papel que ele desempenha como espectador; 3) pelo papel que ele desempenha como objeto mesmo da aleturgia.” (FOUCAULT, 2011, p. 75). Em destaque, no exercício destes papéis, tem-se refletido uma forma histórica de produção de verdade: a confissão.

Nesse momento tem-se um ato de verdade no qual o sujeito é ao mesmo tempo ator da aleturgia, porque é ele que, pelo seu discurso faz aparecer e vir à luz qualquer coisa que estava nas sombras e na obscuridade; segundo, ele é a testemunha, porque ele pode dizer: eu sei que é na minha consciência que isso se passou e eu o vi, nessa observação interior que eu fiz sobre mim; e enfim, terceiro, ele é o objeto, porque é ele que está em questão no testemunho que ele porta e na manifestação de verdade que ele opera. (FOUCAULT, 2011, p. 76).

Desta forma, Foucault (2011) retorna as práticas confessionais típicas da moralidade cristã, para traçar uma genealogia da obediência, evidenciando a importância daquilo que chamou de dispositivo da confissão para o atual exercício da governamentalidade; demonstrando também o reposicionamento dos antigos instrumentos técnicos de poder nos novos exercícios. Para o autor, a submissão, a obediência, partem diretamente da obrigatoriedade cristã de se dizer a verdade sobre si mesmo, ou ainda da prática da confissão, de confessar seus desejos, traçando discursos e enunciados sobre si.

Chama então de tecnologias de si estas técnicas de relação de si consigo mesmo, necessárias para produção das variadas formas ou estados de obediência. A respeito disso, Avelino (2011, p. 32) ressalta:

[...] não há produção de obediência possível sem tecnologias de si. Foucault mostra que só foi possível ao liberalismo e ao neoliberalismo indexar o exercício do poder na racionalidade dos governados porque existe há séculos, da parte destes sobre os quais se exerce o poder, práticas de relação de si consigo produtoras de estados de obediência. É preciso uma relação de si consigo, são necessárias tecnologias de si para realizar a governamentalização dos indivíduos.

Neste sentido para um efetivo governo dos vivos é necessária a articulação eficiente entre os dispositivos de segurança e as desenvolvidas tecnologias de si. Desta forma os sujeitos continuam sendo instigados a falarem sobre si e confessarem seus modos de ser e estar.

Os regimes de verdade relacionam-se neste viés, a um certo engajamento entre os sujeitos, a verdade e seus procedimentos de manifestação, tendo em vista que “[...] é no momento em que somos chamados a nos constituir como Sujeito que aceitamos o império dos discursos científicos e não científicos que tem por função revelar aquilo o que verdadeiramente somos.” (AVELINO, 2010, p. 13).

Nesta perspectiva, a verdade é considerada como imanente a determinada prática – discursiva ou não-discursiva¹³ – produzida a partir de domínios de regulamentação de acordo com sua pertinência a determinado exercício de poder (FOUCAULT, 2011).

Há efeitos de verdade que uma sociedade como a sociedade ocidental, e hoje se pode dizer a sociedade mundial, produz a cada instante. Produz-se verdade. Essas produções de verdades não podem ser dissociadas do poder e dos mecanismos de poder, ao mesmo tempo porque esses mecanismos de poder tornam possíveis, induzem essas produções de verdades, E por que essas produções de verdade têm, elas próprias, efeitos de poder que nos unem, nos atam. São essas relações de verdade/poder, saber/poder que me preocupam. (FOUCAULT, 2006, p. 229).

Na tratativa das relações entre poder, o exercício do governo e as manifestações da verdade, Foucault lista cinco formas principais as quais apresenta numa descrição mais ou menos linear na história. A primeira refere-se ao governo a partir de uma razão de Estado, estruturada no domínio dos princípios do conhecimento aceito como legítimo e verdadeiro:

Em suma, essa foi a idéia segundo a qual a racionalidade da ação governamental é a razão de Estado, e que a verdade que deverá ser manifestada é a verdade do Estado como objeto de ação governamental. Esse era o princípio de Botero que foi um dos primeiros a formular de modo mais sistemático o princípio da razão de Estado (FOUCAULT, 2011, p. 54).

A segunda refere-se a uma relação, à primeira vista paradoxal e possivelmente utópica, no entanto historicamente importante, entre o governo e a

¹³ Sobre a noção de práticas é preciso considerar que, em Foucault “O domínio das práticas se estende então da ordem do saber à ordem do poder. [...] Por isso, pode-se afirmar que de fato, ainda que nem sempre o determinando conceitualmente, Foucault utiliza o conceito de prática desde as suas primeiras obras.” (CASTRO, 2009, p. 337). Neste sentido as práticas discursivas referem-se aquelas práticas produtoras de sistemas de formações discursivas, e as práticas não-discursivas aos dispositivos de poder, instituições e seus exercícios políticos, econômicos e jurídicos. Ambas são exercidas a partir de um caráter imanente e diagonal. Estas relações serão retomadas ainda na metodologia deste projeto.

verdade, qual seja a noção de que quanto mais se governa pela verdade, ou seja, pelo conhecimento aceito como verdadeiro, menos se governa. A grosso modo, criaria o governo, a partir das verdades, uma ordem sem autoridade, baseada em formulações “evidentes” e aceitas por todos. Para o autor, neste panorama

[...] deverá chegar um momento, uma espécie de ponto utópico da história em que o império da verdade poderá fazer reinar sua ordem sem que as decisões de uma autoridade, sem que as escolhas de uma administração, tenham que intervir a não ser como formulações evidentes aos olhos de todos daquilo que é preciso fazer. O exercício do poder não será, portanto, nada mais que um indicador da verdade e se essa indicação da verdade for realizada de uma maneira suficientemente demonstrativa, todo mundo estará de acordo e haverá um limite no qual não será mais necessário ter um governo; em que o governo não será mais que a superfície de reflexão da verdade, da sociedade e da economia em um certo número de expressões que não farão outra coisa senão repercutir essas verdades naqueles que são governados. Governante e governado serão, de qualquer modo, atores e coatores, atores simultâneos de uma peça que eles jogam em comum e que é aquela da natureza na sua verdade. (FOUCAULT, 2011, p. 55).

Chama esta noção como o princípio de Quesnay e a resume como a “[...] idéia que se os homens governarem sob as regras da evidência, não serão mais os homens que governarão, serão as coisas por elas mesmas.” (FOUCAULT, 2011, p. 55).

Quase que como desdobramento da forma anterior, passa-se ao processo de desenvolvimento do saber especializado – principalmente a partir do século XIX –, necessário para o conhecimento objetivo das verdades, indispensável ao governo dos vivos. Forma-se uma categoria de especialistas em verdades, o que define um conjunto de imposições políticas. esta noção então é descrita como o princípio de Saint-Simon (FOUCAULT, 2011).

A partir desta terceira forma de relação entre o exercício do poder, o governo e as manifestações de verdades, desenvolve-se mais uma, relativamente inversa à anterior, onde se discute as necessidades de haver saberes especializados. Seria esta necessidade na realidade uma tentativa de encobrir os variados conhecimentos de todos? Afinal “[...] se todo mundo soubesse tudo na sociedade na qual vive, bem, muito simplesmente o governo não poderá mais governar.” (FOUCAULT, 2011, p. 56-57). A vontade de saber de todos e o acesso irrestrito as verdades promoveria uma revolução, caracterizando o princípio “[...] da tomada de consciência universal como princípio de perturbação de governos, dos regimes e

dos sistemas.” (FOUCAULT, 2011, p. 57), princípio este creditado a Rosa Luxemburgo.

Por fim, o autor lista uma quinta forma, resultante imediatamente da anterior, qual seja aquela referente ao princípio de Soljenítsin, ou ainda princípio do terror, onde a governamentalidade se apresenta desnuda, completamente embasada em conhecimentos verdadeiros, agora sabidos por todos e aceitos porque não deixa margem a dúvidas. Processo consciente, sem ocultações, um governo que Foucault denomina como

[...] o terror [que] é precisamente a governamentalidade no seu estado nu, em estado cínico, em estado obscuro. No terror é a verdade e não a mentira que imobiliza: é a verdade que ele deixa, é a verdade que se rende ela mesma, pela sua evidência manifesta por toda parte, que se rende intangível e inevitável. (FOUCAULT, 2011, p. 58).

No entanto, ainda que exponha suas ideias de forma mais ou menos linear, Foucault (2011) ressalta que sua intenção não seria mostrar um encadeamento entre as formas ou menos ainda que o princípio do terror estivesse em alguma gênese a outros princípios como fim inevitável, porque para ele as relações entre o poder e a verdade são bem mais antigas do que quaisquer exercícios de governo. Volta-se ainda a noção aletúrgica do exercício do poder, afinal, não poderia ser o poder exercido sem a verdade.

Desta compreensão depreende-se a noção de que o poder não pode ser tomado ou encarado enquanto violência, vez que se refere a relações de forças que são exercidas antes de serem possuídas de qualquer forma. Relações de forças traçadas a partir de práticas, já que, “[...] segundo Foucault, tudo é prática [...]” (DELEUZE, 2005, p. 82). O poder, assim, refere-se a categorias referentes a relações de forças produtivas, tais como a produção de verdades: “Ele [o poder] produz verdade enquanto problema.” (DELEUZE, 2005, p. 90).

Se de qualquer forma não se conseguiria exercer o poder de maneira essencialmente repressiva, uma vez que ele “[...] passa pelos dominados tanto quanto pelos dominantes [...]” (DELEUZE, 2005, p. 79), foi preciso então operacionalizar tecnologias extremamente coercitivas que correspondessem ao que se exigia como expectativas de um liberalismo econômico e social: “Não teria sido possível, segundo Foucault, liberar os indivíduos sem a adoção de processos destinados para a correção de suas condutas.” (AVELINO, 2010, p. 16).

Deve-se perguntar, então, como se exercem na contemporaneidade as relações entre o governo dos vivos, a manifestação de verdades e as tecnologias de si para construção de subjetividades, bem como quais suas relações com a emergência de um novo modelo de sociedade. Na pretensão de problematizar estes movimentos, passa-se a discussão dos indícios de operacionalização de uma sociedade de controle.

2. 3 Da Sociedade de Disciplina à Sociedade de Controle

Foucault (2006, p. 268) admite em determinado momento que “[...] é evidente que devemos nos separar, no futuro, da sociedade de disciplina de hoje.”. Por certo, não haveria como compreender este processo enquanto uma substituição de modelos. A própria sociedade de disciplina não substituiu a sociedade de soberania, mas antes rearranjou seus instrumentos técnicos¹⁴. Foucault (2006) compreende que um novo modelo deverá rearranjar novamente estes instrumentos, já que para ele, “A disciplina, que era eficaz para manter o poder, perdeu uma parte de sua eficácia. Nos países industrializados, as disciplinas entram em crise.” (FOUCAULT, 2006, p. 268).

Ao dialogar com seus estudos, Gilles Deleuze (1992) evidencia os indícios desta crise, mostrando que aquilo que conhecemos como sociedade disciplinar converteria seus processos a uma lógica diferenciada a ponto de fazer emergir um novo paradigma de operacionalização do poder. Chamou este novo modelo de sociedade de controle.

Deleuze (1992), corrobora a percepção foucaultiana referente a gradativa sucessão da sociedade de soberania – centrada no poder soberano de fazer morrer ou deixar viver – por uma sociedade disciplinar. Assim, seria plausível pensar que, eventualmente também essa sociedade disciplinar seria sucedida por outra forma de organização social. Argumenta ainda que os indícios dessa transição já se

¹⁴ O autor trabalha a perspectiva de que “Têm-se, de fato, um triângulo: soberania-disciplina-gestão governamental cujo alvo principal é a população, e cujos mecanismos essenciais são os dispositivos de segurança.” (FOUCAULT, 2006, p. 302).

observariam pelo menos desde meados do fim da Segunda Guerra Mundial, evento que para o autor precipita este processo enquanto o acontecimento determinante, que força uma reforma nas antigas instituições de confinamento.

Para Deleuze (1992) eventualmente as instituições de confinamento serão, então, extintas: “[...] todos sabem que essas instituições estão condenadas, num prazo mais ou menos longo. Trata-se apenas de gerir sua agonia e ocupar as pessoas, até a instalação das novas forças que se anunciam.” (DELEUZE, 1992, p. 220).

O sujeito, que passava toda sua vida numa peregrinação através dos espaços fechados e regulamentados – como a família, a escola, a fábrica, o hospital, e a prisão – característicos da sociedade disciplinar, já não mais poderia ser capturado por suas instituições de confinamento para separação, alinhamento, classificação e vigilância. Desta maneira seria preciso desenhar novas formas de poder para condução da vida e governo dos homens (DELEUZE, 1992).

Deleuze (1992) exemplifica a operacionalização embrionária desta nova sociedade de controle nas reformas provisórias das instituições disciplinares em crise, como o hospital, que se readéqua para o atendimento a domicílio, integrando a sua prática mecanismos de controle; a fábrica que se readéqua a lógica da empresa, estimulando rivalidades através das diferenças salariais; ou ainda a escola, que passa a ser substituída pelos processos de formação continuada: “[...] com efeito, assim como a empresa¹⁵ substitui a fábrica, a formação permanente tende a substituir a escola, e o controle contínuo substitui o exame.” (DELEUZE, 1992, p. 221).

Hardt (2000) complementa a perspectiva deleuziana de reforma das instituições de confinamento trabalhando a concepção de que teriam as próprias instituições se dissolvido pelas incontáveis – e por isso imperceptíveis – estrias da aparentemente lisa sociedade de controle: “Os muros das instituições estão desmoronando de tal maneira que suas lógicas disciplinares não se tornam ineficazes mas se encontram, antes, generalizadas como formas fluidas através de todo o campo social.” (HARDT, 2000, p. 357).

¹⁵ É relevante destacar que o próprio Foucault (2008a) percebia a emergência da lógica da empresa dentro do contexto de uma governamentalidade, que se remodelava a partir do neoliberalismo recente. Para o autor, esta “[...] é uma sociedade submetida à dinâmica concorrencial. Não uma sociedade de supermercado – uma sociedade empresarial.” (FOUCAULT, 2008a, p. 161).

Corroborando esta percepção, Chevitarese e Pedro (2005, p. 140-141) salientam que “O esfacelamento dos ‘muros’ que definiam as instituições traz como movimento articulado o apagamento dos limites entre ‘o dentro e o fora’, a interioridade e a exterioridade, o público e o privado.” (grifos do autor). Hardt (2000) também considera que, com o processo de declínio das funções mediadoras das instituições, gradualmente, as distinções entre os limites interiores e exteriores do confinamento serão diluídos, dando fim as separações dos espaços. Este processo substitui o par fora-dentro pelo hibridismo, e favorece um processo de privatização dos espaços públicos¹⁶ que passarão a ser regidos por forças de ordem privada, às quais já parecem invadir todo o campo social. Estes são os indícios do que Hardt (2000) define como uma passagem da modernidade a pós-modernidade.

Não seria possível, no entanto, que tais mutações, as quais culminam na emergência de uma sociedade de controle, ocorressem sem que também ocorresse uma evolução tecnológica, afinal “Os sistemas tecnológicos se produzem socialmente e a produção social é determinada pela cultura.” (CASTELLS, 2001, p. 51, tradução nossa)¹⁷, ou mesmo como diria Deleuze (2005, p. 49) “[...] as máquinas são sociais antes de serem técnicas. Ou melhor, há uma tecnologia humana antes de haver uma tecnologia material.”.

Se para as sociedades de soberania as máquinas correspondentes eram as manuais, e nas sociedades de disciplinas as máquinas energéticas prevaleceram; na sociedade de controle as máquinas de informática tomam o terreno. Passa-se das máquinas energéticas, rígidas e pesadas, para os computadores cada vez mais portáteis e conectados em rede (DELEUZE, 1992).

O aperfeiçoamento de uma cibertecnologia, em especial o desenvolvimento e popularização do computador e da internet, sua difusão massiva de uso e consumo, relaciona-se estreitamente ao processo histórico de transição da sociedade disciplinar a sociedade de controle (COSTA 2004; CASSINO, 2018). Isso porque é preciso considerar que “[...] A cultura da Internet é a cultura dos criadores da Internet” (CASTELLS, 2001, p. 51, tradução nossa)¹⁸. Assim, este acontecimento – o desenvolvimento da internet e de uma chamada revolução eletrônica (ANTOUN,

¹⁶ Aqui não se refere a questões especificamente político-estatais mas a difusão de uma lógica antes retida às paredes da residência da família e agora diluída a partir da lógica da sociedade de controle.

¹⁷ “Los sistemas tecnológicos se producen socialmente y la producción social viene determinada por la cultura.”

¹⁸ “La cultura de Internet es la cultura de los creadores de Internet.”

2008) – potencialmente permite a visualização e o acompanhamento dos processos de transição de um modelo social a outro.

A produção – e armazenamento – de saberes no contexto do desenvolvimento do que se chama de mídias digitais é exponencial e se torna o grande objeto de controle para uma regulação social: “Nenhuma forma de poder parece ser tão sofisticada quanto aquela que regula os elementos imateriais de uma sociedade: informação, conhecimento, comunicação.” (COSTA, 2004, p. 163).

Na difusão do ciberespaço com o surgimento da internet, conhecimento e informação são produzidos e reproduzidos de forma rizomática, transformando as estratégias de vigilância que passam a regular os indivíduos a partir das informações que acessam e produzem:

Parece que o mais importante agora é a vigilância sobre a dinâmica da comunicação não apenas entre as pessoas, mas sobretudo entre estas e as empresas, os serviços on-line, o sistema financeiro, enfim, todo o campo possível de circulação de mensagens. (COSTA, 2004, p. 164).

Com o ciberespaço, difunde-se o poder, mas também a vigilância. Uma vigilância que se opera de maneira diferenciada. Bauman (1999) ao trabalhar a questão do poder a partir da internet, considera que, se na sociedade disciplinar o interesse era capturar para dentro das margens das instituições, não permitindo escapes – modelo do Panóptico – no contexto contemporâneo o interesse é bloquear a entrada de intrusos – modelo do Sinóptico¹⁹. Neste sentido,

Não importa mais se os alvos do Sinóptico, que agora deixaram de ser os vigiados e passaram a ser os vigilantes, se movam ou fiquem parados. Onde quer que estejam e onde quer que vão, eles podem ligar-se — e se ligam — na rede extraterritorial [a internet] que faz muitos vigiarem poucos (BAUMAN, 1999, p. 59).

Pode-se dizer, a partir das observações do autor, que se opera na contemporaneidade uma vigilância sedutora, diferente da vigilância coercitiva de

¹⁹ A percepção de Bauman (1999) a respeito do Sinóptico na internet é trabalhada a partir de Thomas Mathiesen. Considerando o sentido aqui proposto, é possível traçar uma relação com o que Deleuze (1992) define como perigos passivo e ativo relativo às máquinas de operação de uma sociedade de controle. Se a operação da vigilância no Sinóptico, conforme Bauman, (1999) é a partir do bloqueio de intrusos, seus perigos são justamente os que apresenta Deleuze: a interferência (perigo passivo), ou a pirataria e os vírus (perigo ativo), relativos ao roubo de dados e informações a partir de acessos invasivos.

outrora (BAUMAN, 1999)²⁰. Isso porque a liberdade, no modelo atual é condicionada ao oferecimento de informações: quanto mais informações o usuário oferece, mais acesso à rede ele tem, assim, mais potencial de vigilância: “Ao contrário do Panóptico, o banco de dados é um veículo de mobilidade, não grilhões a imobilizar as pessoas.” (BAUMAN, 1999, p. 59).

Neste sentido, traçando um paralelo entre as concepções de Bauman (1999) e a noção de sociedade de controle de Deleuze (1992), parece que na contemporaneidade, a liberdade se condiciona de maneira imanente a vigilância das informações registradas nos bancos de dados da rede. Desta noção depreende-se de que o controle estimula uma certa renúncia a privacidade em prol de uma segurança (CHEVITARESE; PEDRO, 2005)²¹.

Observando as análises de Foucault e de Deleuze acerca dos dois modelos de sociedade, Costa (2004) salienta que, enquanto na sociedade disciplinar, o poder é privilegiado pela sua posição no panóptico e estaria longe do indivíduo, que se tornaria transparente aos seus olhos de vigilância; na sociedade de controle haveria uma reivindicação por uma transparência. Não que os indivíduos deixem de ser vigiados, mas reivindicariam agora saber quem os vigia e controla, e o porquê. Para ele “Há uma mudança de natureza do próprio poder, que não é mais hierárquico, e sim disperso numa rede planetária, difuso. Isso pode significar que a antiga dicotomia opacidade-transparência não seja mais pertinente.” (COSTA, 2004, p. 162).

As características rizomáticas deste novo poder que se consolida o tornam cada vez menos localizável. Ainda para Costa (2004), o poder deixaria de se manifestar de forma vertical para apresentar-se, nesta perspectiva, horizontalmente. A figura do ícone de poder dissolve-se gradualmente entre os nós constituintes da rede onde se articula: “[...] o poder não tem mais uma cara. Hoje, o

²⁰ Operacionalizam-se nesta escrita as noções de Bauman (1999) em complemento a ideia de Deleuze (1992) de sociedade de controle. No entanto, Bauman trabalha a noção de sociedade de consumo e suas expressões no contexto contemporâneo.

²¹ Sobre esta noção é interessante ressaltar a emergência de dispositivos eletrônicos digitais portáteis – os gadget – utilizados para monitoramento de aspectos biofisiológicos, como batimentos cardíacos por minuto (bpm), horas de sono, número de passos no dia, dentre outras. Refere-se aos *smartwatches*, que conectados via *bluetooth* aos aparelhos de *Smartphone*, registram múltiplos dados acerca de seus usuários, propiciando o monitoramento das variações de maneira contínua. Estes aparelhos permitem, inclusive, notificar outras pessoas – como o médico ou o *personal trainer* do usuário, por exemplo – caso a variação de batimentos cardíacos por minuto extrapole os padrões definidos de normalidade. Estratégias de controle sedutoras, porque promovem a sensação de segurança ao usuário.

importante parece ser essa atividade de modulação constante dos mais diversos fluxos sociais [...]” (COSTA, 2004, p. 162).

Mas ao tratar do exercício do poder e da vigilância na contemporaneidade, é preciso considerar que, ainda que as práticas de vigilância atuais permitam “[...] uma nova transparência [...]” (BAUMAN; LYON, 2014, p. 13) para o exercício do monitoramento constante de todos e cada um; estas mesmas práticas tornam-se obscuras em relação ao que Bauman e Lyon (2014, p. 13) denominam “[...] organizações de vigilância [...]”.

Ainda que os sujeitos observem e vigiem uns aos outros e a si mesmos nas redes difusas de poder operacionalizadas na internet, estes processos estão imbricados a estruturas de vigilância a partir do processamento de informações²², mecanismos de controle orientados às práticas de mercado, os quais são obscuros a uma maioria: “[...] a transparência simultaneamente aumenta para uns e diminui para outros.” (BAUMAN; LYON, 2014, p. 13).

A noção de segurança sobrepuja assim a de privacidade a partir das relações sedutoras com a vigilância e com a liberdade que se operam nas mediações cibereletrônicas da internet: “Os principais meios de obter segurança, ao que parece, são as novas técnicas e tecnologias de vigilância, que supostamente nos protegem, não de perigos distintos, mas de riscos nebulosos e informes.” (BAUMAN; LYON, 2014, p. 70).

A liberdade nesta perspectiva está condicionada a voluntariamente revelar e exhibir mais de si, o que implica no que Bauman e Lyon (2014, p. 87) destacam como um “[...] óbvio envolvimento voluntário dos consumidores em sua própria vigilância.”. As informações que alimentam o grande banco de dados que se processa na internet, são voluntariamente registradas pelos próprios sujeitos que transformam seus interesses em visibilidades relativas a suas condições de existência no mundo (BAUMAN; LYON, 2014). Neste sentido, talvez “[...] a vida social já se transformou em vida eletrônica ou cibervida [...]” (BAUMAN; LYON, 2014, p. 24).

A necessidade de falar sobre si ascende nas sedutoras redes do ciberespaço. Os sujeitos instigam uns aos outros a informarem cada vez mais, exercendo assim uma vigilância controlada dos outros e de si mesmos. Neste sentido, pode-se dizer que há um rearranjo dos instrumentos técnicos de poder dos

²² Para os autores, as práticas de vigilância migram das práticas discursivas como descritas por Foucault para o processamento de informação, práticas não-discursivas.

modelos soberano e disciplinar, em especial do dispositivo de confissão, para garantir o exercício do modelo vigente. Articulação que implica diretamente em novos modos de subjetivação dos sujeitos conectados à rede. Num espaço onde todos podem ver todos, a produção de verdades sobre os sujeitos se potencializa a partir da própria vontade destes em acessar o espaço para se sentirem seguros.

Traçando um comparativo entre as estratégias da sociedade disciplinar e aquelas que emergem na sociedade de controle, Deleuze (1992) aponta que, enquanto na sociedade disciplinar as figuras do homem-corpo e do corpo social, descritas por Foucault, se complementavam para o governo, na sociedade de controle entraria em cena a figura da cifra, que marcaria os processos de informação: “Não se está mais diante do par massa-indivíduo. Os indivíduos tornaram-se ‘dividuais’, divisíveis, e as massas tornaram-se amostras, dados, mercados ou ‘bancos’” (DELEUZE, 1992, p. 222) (grifos do autor).

Estes processos de dividualização relacionam-se às lógicas de capital emergentes, afinal, “Não é uma evolução tecnológica sem ser, mais profundamente, uma mutação do capitalismo.” (DELEUZE, 1992, p. 223). Este processo de mutação pelo qual passa o capitalismo – de um modelo dirigido à produção, para um modelo dirigido à venda de produtos e serviços – potencializa o desenvolvimento do marketing e sua operacionalização como instrumento de controle. O dinheiro, antes representado na moeda cunhada em ouro, agora se representa também em forma de cifras, flutuantes e fluidas, como necessário para as rápidas trocas.

Hardt (2000) acredita que o mercado capitalista é antes de tudo uma das grandes expressões da operacionalização dos mecanismos de uma sociedade de controle. Através do que o autor denomina como a passagem do imperialismo ao Império – uma nova ordem mundial definida por ele como a sociedade de controle mundial – o capitalismo rompe de vez as fronteiras espaço-temporais, na busca pela inclusão de todos e cada um em suas redes de consumo, afinal “[...] O mercado capitalista é contrariado pelas exclusões e prospera incluindo, em sua esfera, efetivos sempre crescentes.” (HARDT, 2000, p. 361).

Esta noção – a noção de inclusão – propícia aos interesses de mercado de uma lógica capitalista, é relativa ao exercício do controle a partir do que Deleuze (1992) denomina modulação. Para o autor, “[...] os controles são uma *modulação*, como uma moldagem alto-deformante que mudasse continuamente, a cada instante, ou como uma peneira cujas malhas mudassem de um ponto a outro.”

(DELEUZE, 1992, p. 221) (grifos do autor). No contexto de revolução eletrônica vivido na contemporaneidade, as fronteiras institucionais perdem sentido justamente pelo exercício desta chamada modulação, já que “[...] o que conta não é a barreira, mas o computador que detecta a posição de cada um, lícita ou ilícita, e opera uma modulação universal.” (DELEUZE, 1992, p. 225).

Lazzarato (2006) trabalha a noção de modulação reconhecendo sua operacionalização enquanto uma forma de exercício de poder na sociedade de controle, um “[...] diagrama da flexibilidade da produção e da subjetividade [...]” (LAZZARATO, 2006, p. 73). O autor expõe que, no declínio da operacionalização das instituições disciplinares a partir do rompimento de seus limites pela explosão das diferenças, não há mais como – ou porque – exercer um poder disciplinar; estas forças podem simplesmente ser moduladas: “Não se trata, portanto, de discipliná-las em um espaço fechado, mas de modulá-las em um espaço aberto. O controle se superpõe, dessa maneira, à disciplina.” (LAZZARATO, 2006, p. 72).

Assim, conforme compreende Hardt (2000), se com o rompimento das margens das instituições de confinamento as próprias estratégias destas instituições se dissolvem pelas estrias da sociedade de controle, de igual forma a multiplicidade, as diferenças subjetivas, ou mesmo a potência da vida, como prefere Pelbart (2003), também se dissolvem.

Nessa perspectiva, as forças vivas presentes por toda parte na rede social deixam de ser apenas reservas passivas à mercê de um capital insaciável, e passam a ser consideradas elas mesmas um capital, ensejando uma comunidade de auto-valorização, em vez de serem apenas objetos de uma vampirização por parte do Império, são positividade imanente e expansiva que o Império se esforça em regular, modular, controlar. (PELBART, 2003, p. 139).

Nesse sentido “[...] justamente a vida e o vivo que, em última análise, são os objetos da modulação.” (LAZZARATO, 2006, p. 81). Dentro dos mecanismos de uma sociedade de controle, estratégias relativas às lógicas de mercado emergentes, passam então a operar a partir de um poder que cristaliza “[...] uma determinada subjetividade desejada na memória, no cérebro das pessoas.” (CASSINO, 2018, p. 15).

O poder modular é eficiente pois trabalha justamente sobre aspectos de uma subjetividade, os aspectos psicológicos dos (in)divíduos. Conforme já alertava Foucault (2006, p. 311) "Os controles psicológicos são sempre mais eficazes que

os controles físicos.". Desta maneira, é justamente nas "[...] relações de poder [que] se expressam pela ação a distância de uma mente sobre outra, pela capacidade de afetar e ser afetado dos cérebros [...]" (LAZZARATO, 2006, p. 76) que a sociedade de controle opera suas estratégias e rearranja as antigas técnicas de governo da sociedade disciplinar. Processos orquestrados dentro de uma lógica "[...] mediatizada e enriquecida pela [ciber]tecnologia [...]" (LAZZARATO, 2006, p. 76).

A lógica da modulação relaciona-se de maneira muito eficiente às estratégias de vigilância a partir da produção de informação, alavancadas exponencialmente na internet, tendo em vista que dentro do ciberespaço é possível acessar e produzir um sem número de fluxos de informações, disponíveis aos os usuários, os quais possibilitam a absorção de diferentes modos de vida. Neste contexto "[...] consumimos toneladas de subjetividade." (PELBART, 2003, p. 20).

O exercício de uma modulação se articularia, neste sentido, a partir da intenção de incluir as múltiplas subjetividades produzidas e confessadas pelos sujeitos, conforme garante o rearranjo das tecnologias de si, na busca pela sustentação dos estados de obediência. Para favorecer aos interesses do mercado capitalista nesta nova ordem, é preciso incluir quanto mais for a respeito de tudo e de todos, propiciando a "[...] multiplicação da oferta de 'mundos' (de consumo, de trabalho, de lazer)." (LAZZARATO, 2006, p. 101) (grifos do autor) na rede.²³

Este cenário, o qual se pode visualizar em operação hoje na internet, neste (ciber)espaço se relaciona a um exercício da modulação mais específico, qual seja a modulação algorítmica (CASSINO, 2018). A partir do trabalho da inteligência artificial, a base de dados construída na internet é manejada a fim de fornecer ao usuário aquelas demandas as quais lhes são interesse. Este "[...] armazenamento, integração, processamento, e tratamento destas gigantescas bases de dados [...]" (CASSINO, 2018, p. 26) refere-se ao que se entende como *Big Data*, que permite a análise massiva de dados para "[...] racionalizar decisões e substituir intermediários [...]" (CASSINO, 2018, p. 26) nos processos de condução e ampliação das estratégias de marketing para o consumo dentro do ciberespaço.

²³Os interesses de mercado, dentro desta perspectiva de multiplicação de ofertas, são consonantes aos interesses neoliberais como já os percebia Foucault (2008a, p.161): "Ora, para as neoliberais, a essência do mercado não está na troca, nessa espécie de situação primitiva e fictícia que os economistas liberais do século XVIII imaginavam. Está em outro lugar. O essencial do mercado está na concorrência."

Neste sentido, na internet operacionaliza-se a prática de uma modulação algorítmica que cresce ao passo do crescimento do *Big Data*. Os dados armazenados referentes aos usuários consumidores transformam-se em amostras comercializáveis, as quais balizam estratégias de marketing que se articulam nos múltiplos mundos de consumo, influenciando os usuários aos quais se dirigem (CASSINO, 2018; SILVEIRA, 2018).

Sobre o processo de modulação algorítmica, Silveira (2018, p. 37-38) expõe:

A modulação é um processo de controle da visualização de conteúdos, sejam discursos, imagens ou sons. As plataformas [na internet] não criam discursos, mas possuem sistemas algoritmos que distribuem os discursos criados pelos seus usuários, sejam corporações, sejam pessoas. Assim, os discursos são controlados e vistos, principalmente, por e para quem está dentro dos critérios que constituem as políticas de interação desses espaços virtuais.

Estes processos, os quais são obscuros a grande maioria dos usuários, “[...] são sim pré-definidos por profissionais humanos de *marketing* e desenvolvedores de *softwares* [...]” (CASSINO, 2018, p. 27), ainda que posteriormente sejam conduzidos pelas máquinas eletrônicas com base nas previsões algorítmicas dos comportamentos. Bauman e Lyon (2014, p. 10) destacam que “Os designers de software dizem que estão simplesmente ‘lidando com dados’, de modo que seu papel é ‘moralmente neutro’ e suas avaliações e distinções são apenas ‘racionais’.”. (grifos do autor).

Assim, Cassino (2018) considera que a modulação, tal como concebida por Deleuze (1992) está operacionalizada nas redes da internet como condição de mediação algorítmica voltada a uma pré-definição das decisões de consumo dos usuários. Segundo Silveira (2018, p. 42) “A modulação depende dos sistemas algoritmos e da estrutura de dados ampla, vasta e variada dos viventes, dentro e fora das plataformas e redes digitais.”

Quanto aos processos referentes ao exercício da modulação, Silveira (2018, p. 39) destaca:

O processo de modulação começa por identificar e conhecer precisamente o agente modulável. O segundo passo é a formação do seu perfil e o terceiro é construir dispositivos e processos de acompanhamento cotidiano constantes, se possível, pervasivos. O quarto passo é atuar sobre o agente para conduzir o seu comportamento ou opinião.

Assim, os usuários consumidores são conduzidos nas redes digitais de acordo com seus interesses apresentados, ou seja, os links que acessam, as buscas que fazem, as *hashtags* e perfis que seguem. Neste processo, a modulação algorítmica fragmenta o (in)divíduo em variados mundos de mercados, nichos específicos ou mesmo “bolhas”. Para Bauman e Lyon (2014, p. 86)

As bolhas de filtragem oferecidas pela mídia social, mas infladas por nós quando nelas soprarmos nossas preferências e predileções a cada clique do mouse, simplesmente reproduzem essa “introversão” consumista, líquida moderna, que é ao mesmo tempo e paradoxalmente uma forma de extroversão, um desejo de publicidade. (grifos do autor).

Considerando ainda as proposições de Bauman e Lyon (2014), assimila-se as estratégias de uma modulação algorítmica aos processos de vigilância contemporâneos. A consideração de inclusão da maior quantidade possível de (in)divíduos a nichos de mercado, a partir do processamento de informações na rede, privilegia o desenvolvimento de uma tecnologia de vigilância: “[...] é nessa nova linha de frente que se tem registrado o mais rápido e notável progresso em tecnologia de vigilância, e onde se pode esperar um crescimento ainda mais rápido e notável num futuro previsível.” (BAUMAN; LYON, 2014, p. 85).

Neste sentido, a noção de inclusão na sociedade de controle, conforme observa Chevitarese e Pedro (2005), antes de operar a partir de um confinamento – como no modelo disciplinar – opera justamente a partir da “[...] sensação de liberdade [...]” (CHEVITARESE; PEDRO, 2005, p. 144) para acesso, noção que está também condicionada ao consumo. Quanto mais se inclui, mais mundos são produzidos, de acordo com as diversidades registradas. Mas estes “mundos” só podem ser usufruídos “de dentro” da rede. Assim, é possível dizer que o sujeito, no contexto da sociedade de controle, subjetiva-se no desejo pela segurança do livre acesso para consumo: “Em outras palavras, esses fluxos imateriais têm por conteúdo formas de vida e nos fazem consumir formas de vida.” (PELBART, 2003, p. 147).

Neste contexto, a própria subjetividade torna-se uma mercadoria, ou como nos diz Pelbart (2003, p. 149) “[...] um capital biopolítico [...]”, disposto nas teias virtuais de relacionamento no ciberespaço. Os processos de subjetivação condicionam-se, cada vez mais, aos processos virtuais de mercadorização, que

convertem a subjetividade em opções para um exercício de liberdade de consumo, dentro de uma lógica neoliberalista (SILVEIRA, 2018).

Este processo de auto-remodelamento de si como mercadoria converte cada sujeito em uma microempresa. É preciso utilizar das melhores estratégias, os melhores recursos, para elevar o valor do produto, que se pretende vender. Os sujeitos “São, simultaneamente, o produto e seus agentes de marketing, os bens e seus vendedores [...]” (BAUMAN, 2008, p. 13).

Neste sentido, mesmo considerando a noção de inclusão e seus desdobramentos na produção de mundos de consumo enquanto noção central do exercício de uma modulação dentro das redes da sociedade de controle, é preciso destacar que, nesta perspectiva, os processos de subjetivação articulam-se também a partir de uma ordem de exclusão. Isso porque estão indexados em uma racionalidade elitista de mercado neoliberalista, que objetifica a subjetividade, e consequentemente, a vida. Se o processo de subjetivação está imbricado ao próprio processo de mercado, a subjetividade converte-se em mercadoria (BAUMAN, 2008).

O controle sobre a vida e os processos de modulação – em especial a modulação algorítmica – dos (in)divíduos dentro das redes da sociedade de controle, neste viés, estão relacionados aos interesses neoliberais de mercado e a lógica cíclica do capital econômico: “A modulação nas plataformas digitais tem servido, principalmente, à expansão do neoliberalismo.” (SILVEIRA, 2018, p. 43)²⁴.

Avelino (2010), ao trabalhar a perspectiva foucaultiana de governamentalidade, aponta que é justamente a necessidade deste neoliberalismo contemporâneo que desloca o exercício do poder da Razão de Estado à racionalidade dos sujeitos, sobre os quais se exerce o poder. Este deslocamento torna gradualmente a figura do sujeito e seus processos de subjetivação mais relevante.

Assim, pode-se dizer que o exercício de um poder de modulação sobre a mente dos sujeitos, dentro da sociedade de controle, se opera a partir de uma lógica de mercado neoliberalista, que articula estes processos de subjetivação, numa conexão imanente entre o governo da vida e o governo de si. A operacionalização

²⁴ Para a autora, “A doutrina neoliberal interfere e tem implicações no desenvolvimento da internet e de suas invenções.” (SILVEIRAA, 2018, p. 43).

de uma governamentalidade na sociedade de controle se relaciona, desta forma, a racionalidade de mercado, que converte o sujeito em microempresa e a subjetividade em produto valioso a ser oferecido e comercializado. Processo o qual é possível observar dentro do ciberespaço, potencializado pelos recursos de uma modulação algorítmica e inteligência artificial.

Não livre de contradições, os processos referentes a emergência de uma sociedade de controle, ou uma nova ordem mundial, conforme percebe Hardt (2000), apesar de apresentarem constituir uma rede lisa de relações, na verdade engendram variados rasgos em suas teias; incontáveis estrias onde se agenciam suas menores, porém inúmeras e mal definidas, pequenas crises, num permanente sistema de esfacelamento, muito conveniente às necessidades fluidas do exercício da modulação.

Deleuze, em sua descrição acerca da importância das novas lógicas capitalistas para operacionalização de uma sociedade de controle, utiliza uma metáfora para comparar as transações de mercado na sociedade disciplinar em relação aquelas executadas no novo modelo; metáfora essa que diz também sobre a transição nos modos de exercício do poder. Na primeira, o animal é a toupeira, cega pelo confinamento, transita pelos túneis e buracos que cava; já na sociedade de controle, o animal correspondente é a serpente, fluida, ondulatória, orbital, constituída por seus anéis contínuos (DELEUZE, 1992).

Na sociedade de controle continua fundamental a produção de saberes sobre os sujeitos para seu governo, tal como era nas sociedades disciplinares. Muda-se, no entanto, os processos de produção destes saberes e sua condução, disseminada nos anéis da serpente.

Hardt (2000), apesar de desenvolver a noção de sociedade mundial de controle a partir das formulações de Deleuze, considera sua ideia exígua. O próprio Deleuze (1992) aponta como frágeis os exemplos que utiliza em sua argumentação sobre a emergência de uma sociedade de controle, mas salienta, no entanto, a necessidade de perceber os indícios das crises vividas pelas instituições de confinamento, descrevendo suas tentativas de reformulação.

Deleuze (1992) procura efetivamente descrever os indícios da ascensão da sociedade de controle como um novo regime social, que ele considera poder se apresentar talvez mais rígido que o anterior. Hardt (2000, p. 369) corrobora a

percepção ressaltando que “[...] no colapso generalizado, o funcionamento das instituições é, ao mesmo tempo, mais intensivo e mais disseminado.”

Assim, como pode ser possível escapar ao controle, ou ainda exercer uma liberdade fora de suas lógicas de modulação? Neste sentido Chevitarese e Pedro (2005, p. 146) ressaltam:

[...] se a Sociedade de Controle, ao operar no agenciamento da velocidade e virtualidade dos dispositivos informacionais, possibilita modulações contínuas e quase-instantâneas da subjetividade ‘em qualquer lugar’, o que se coloca, de imediato, é a problematização da liberdade. (grifos do autor)

Esta relação entre a modulação da subjetividade e o problema da liberdade é uma relação obscura na internet, a qual os sujeitos usuários percebem somente quando veem sua liberdade de acesso “para dentro” restrita. É aí que, conforme apresenta Chevitarese e Pedro (2005, p. 151) “[...] damo-nos conta da existência de bancos de dados’ cujo interior não conhecemos e que, por suas sanções, fazem sentir o controle sobre nossa ‘liberdade de circulação’.” (grifos do autor).

Assim se opera o desejo pelo controle e a obediência ao poder, a partir dos “[...] efeitos do investimento criativo do poder sobre a vida [...]” (CHEVITARESE; PEDRO, 2005, p. 151), articulados nas redes virtuais do ciberespaço. A operação do controle sobre a vida, no sentido aqui apresentado, é ainda mais potente porque disseminada. Ao tornar os indivíduos seres individuais, relaciona-se às suas múltiplas divisões, agindo assim sobre elas, promovendo suas existências efêmeras para incentivar um consumo eterno, justamente como possibilidade de existência. Relações que se extrapolam aos aspectos bio-fisiológicos e físicos da vida, agindo “[...] não apenas sobre o que somos, mas sobre o que, virtualmente, portamos.” (CHEVITARESE; PEDRO, 2005, p. 155).

Neste viés, o processo de individualização dos (in)divíduos promove a virtualização ou como preferem Bauman e Lyon (2014) a informatização dos corpos: “[...] Em numerosas situações de vigilância, corpos são reduzidos a dados [...] a informação desincorporada termina afetando de modo crítico as chances de vida de gente de carne e osso [...]” (BAUMAN; LYON, 2014, p. 91)²⁵. Ainda para os autores,

²⁵ Como exemplo os autores trabalham acerca das práticas de biometria em fronteiras para verificação de imigrantes.

estes sujeitos – agora individuais – transformam-se cada vez mais em “[...] *hyperlink* humano.” (BAUMAN; LYON, 2014, p. 11).

Cria-se, por tanto, a partir do exercício do poder modular sobre a vida, o que Pelbart (2003, p. 47) entende como um “[...] corpo pós-orgânico [...]” que anexa esta vida a racionalidade axiomática do Capitalismo. Ou mesmo, parece que a potência da vida no contexto cibereletrônico da sociedade de controle está cada dia mais suportada em “[...] um corpo-sem-órgãos [...]” (PELBART, 2003, p. 47) o qual parece se tornar uma das maiores condições de possibilidade de experiência de constituição da subjetividade – ou mesmo de existência – na contemporaneidade. Em todo caso, é reconhecida a transformação dos sujeitos em amontoados de “[...] carne-código-dispositivo-dados [...]” (LUPTON, 2017, p. 121)²⁶ ao passo que as interações com uma tecnologia digital aumentam exponencialmente na contemporaneidade.

Retomando a questão acerca das possibilidades de resistência quanto as articulações do exercício de um poder para condução da vida, é preciso considerar, conforme elucida Foucault (2006; 2016), esta operação do poder como algo circulante. Assim, suas possibilidades de resistência somente lhe podem ser coextensivas: “[...] para resistir, é preciso que a resistência seja como o poder. Tão inventiva, tão móvel, tão produtiva quanto ele” (FOUCAULT, 2016, p. 360). Neste sentido, possibilidades de resistência emergem das próprias relações de poder as quais produzem contra-movimento (VILELA, 2006). São “[...] *a convergência de múltiplos poderes conflituais*.” (VILELA, 2006, p. 118) (grifos do autor) e sua posição é sempre interior ao poder ao qual se relaciona, ou antes, a resistência é a própria condição de reinvenção deste poder (VILELA, 2006; CASTRO, 2009).

Silveira (2018) aponta que, ainda que as articulações da modulação enquanto exercício de um poder para o controle favoreçam a lógica de manutenção do neoliberalismo, estas mesmas articulações geram movimentos de resistência, tanto por sua denúncia dentro das redes sociais articuladas na internet – reconhecidas como extensão da esfera pública – quanto pelo uso das tecnologias cibereletrônicas como “[...] tecnopolíticas anti-sistêmicas e com articulações pós-

²⁶“Está se reconhecendo que os corpos se tornam conjuntos de carne-código-dispositivo-dados à medida que as pessoas interagem com as tecnologias digitais.” (LUPTON, 2017, p. 121 tradução nossa) (“It is becoming acknowledged that bodies become assemblages of flesh-code-devices-data as people interact with digital technologies.”).

capitalistas que ainda não conseguiram superar o axioma do Capital, mas resistem a sua supremacia.” (SILVEIRA, 2018, p. 44). Neste viés, a vida, ela mesma, se apresenta tanto como objeto de exercício de um (bio)poder, quanto como potência produtora de novas relações de poder para resistência (PELBART, 2003).

Mas seria ainda necessário considerar que, uma vez que o controle opera seus mecanismos de condução da vida a partir do processamento das informações disponíveis na rede, as possibilidades de resistência a um poder de modulação, conforme considera Deleuze (1992, p. 217), parecem seguir ao encontro da necessidade de “[...] criar vacúolos de não-comunicação, interruptores, para escapar ao controle”. Neste caso, talvez “[...] só uns poucos excepcionalmente rebeldes, corajosos, combativos e resolutos estejam preparados para a tentativa séria de resistir.” (BAUMAN; LYON, 2014, p. 20) aos encantos sedutores da liberdade controlada.

Deleuze (1992) abre o leque de discussões cerca da necessidade de descrição e categorização dos mecanismos da sociedade de controle em emergência. Ressalta ainda a necessidade de acompanhar de maneira rápida e contínua aqueles mecanismos, perspectiva compreensível inclusive pelas características modulares que o próprio autor aponta como sendo as principais deste novo modelo. Afinal “[...] nas sociedades de controle nunca se termina nada, a empresa, a formação, o serviço sendo os estados metaestáveis e coexistentes de uma mesma modulação, como que de um deformador universal.” (DELEUZE, 1992, p. 221-222).

Neste viés, considera-se essencial para o esforço analítico de compreensão dos processos e estratégias de operacionalização de uma sociedade de controle que se articule um acompanhamento de seus rastros que seja tão rápido e tão constante quanto seus processos produtivos. Possibilidade propiciada pelo estudo das relações registradas no ciberespaço, principalmente aquelas articuladas nos sites ou aplicativos de redes sociais.

2. 4 Das Redes Sociais na Internet ao Instagram

Popularizada a partir de meados dos anos 1990 do século XX, aquilo que se convencionou chamar internet protagoniza espaço num processo reconhecido como uma revolução eletrônica. Mas é a partir do século XXI que esta revolução eleva a internet ao que Antoun (2008, p. 07) reconhece como uma das “[...] mais surpreendentes mídias já feitas pelo homem.”

Sua operacionalização é suportada por máquinas de computador, que conectadas em rede, configuram o que se chama ciberespaço, em uma de suas definições (LÉVY, 1999). A disseminação dos computadores durante os anos 60 do séc. XX foi crucial para a construção de um “[...] movimento geral de virtualização da informação e da comunicação [...]” (LÉVY, 1999, p. 30) que afetaria de maneira decisiva as formas de produção e organização da vida social.

A partir da popularização do uso de computadores, construiu-se as estruturas para o surgimento da internet²⁷ “[...] na incomum encruzilhada entre a grande ciência, a pesquisa militar e a cultura libertária.” (CASTELLS, 2001, p. 31, tradução nossa)²⁸. Organizada a partir de pressupostos de cooperação e liberdade de informação, o caráter aberto da internet e sua articulação em rede permite que seus próprios usuários se convertam enquanto seus produtores, favorecendo processos de inovação tecnológica e de interação social. É partir deste contexto que se desenvolve aquilo que Castells (2001) chama de uma cultura comunitária virtual²⁹.

A evolução dos modelos de produção e de comunicação, a partir da difusão massiva do uso de computadores e outros dispositivos eletrônicos, propicia “[...] o surgimento de um público auto-organizado e participativo.” (ANTOUN, 2008, p. 11) que eventualmente traçaria a diretriz evolutiva dos reconhecidos processos de

²⁷ Segundo Castells (2001, p. 23, tradução nossa) “As origens da internet são situadas na ARPANET, uma rede de ordenadores estabelecida por ARPA em setembro de 1969.”. (“Los orígenes de Internet hay que situarlos en ARPANET, una red de ordenadores establecida por ARPA en septiembre de 1969.”)

²⁸ “[...] en la insólita encrucijada entre la gran ciencia, la investigación militar y la cultura libertaria.”

²⁹ “A cultura da internet se caracteriza por ter uma estrutura em quatro estratos: a cultura tecnomeritocrática, a cultura hacker, a cultura comunitária virtual e a cultura empreendedora.” (CASTELLS, 2001, p. 51, tradução nossa). (“La cultura de Internet se caracteriza por tener una estructura en cuatro estratos superpuestos: la cultura tecnomeritocrática, la cultura hacker, la cultura comunitaria virtual y la cultura emprendedora.”)

marketing e consumo a partir de uma regulação pelas interações dos sujeitos na internet.

No entanto, como salienta Rosa e Chevitarese (2017), a internet desenvolveu um processo de interatividade perceptível não apenas nas relações comerciais, mas também nas relações interpessoais, propiciada pelo fluxo bidirecional da comunicação nestes (ciber)espaços.

O ciberespaço neste contexto pode ser considerado como essencialmente um *locus* de comunicação e informação, que acopla *softwares* e *hardwares* num grande espaço construído ativamente pelos usuários (LÉVY, 1999).

O ciberespaço, enquanto plataforma de interação, possibilita também o que tem se chamado de interação mútua, um processo operacionalizado através de ações interdependentes entre os sujeitos usuários do sistema, de forma ativa e criativa, e não apenas reativa como ocorre em outras mídias tradicionais (PRIMO, 2000). Isso é importante no contexto midiático pois, nos modelos tradicionais, os sujeitos não se encontravam potencialmente capazes de desenvolver e transmitir conteúdos e informação na figura de emissores, limitando-se a receptores, numa interação puramente reativa. É evidente que enquanto receptores os sujeitos poderiam realizar suas leituras críticas e interpretativas, mas até então, limitavam-se aí em grande parte suas perspectivas de experiência (ANTOUN, 2008).

Passa-se de um modelo centralizado a um modelo difuso. Desta maneira, perdem espaço gradativamente as obsoletas formas midiáticas de comunicação, que desconsideram a perspectiva do consumidor/receptor de forma (inter)ativa: “A internet teria empoderado uma demanda de participação, produção e honestidade incompatível com as comunicações invasivas e unilaterais” (ANTOUN, 2008, p. 14).

É precisamente esta característica de linguagem interativa que propicia as trocas de recomendações entre usuários nas redes sociais³⁰ na internet. Todas estas características tornam a linguagem e a comunicação ocorrida na internet específica e diferenciada de outras mídias.

³⁰ Castells (2001, p. 68, tradução nossa) salienta que “Os primeiros usuários de redes de computadores criaram comunidades virtuais, usando o termo popularizado por Howard Rheingold, e estes se tornaram uma fonte de valores que determinavam o comportamento e a organização social.” (“Los primeros usuarios de las redes informáticas crearon comunidades virtuales, por usar el término popularizado por Howard Rheingold, y estas se convirtieron en fuente de valores que determinaban el comportamiento y la organización social.”)

Enquanto mídia de comunicação, a internet possui características específicas, constituintes de sua própria lógica de operacionalização como ferramenta. Lévy (1993) destaca em especial o hipertexto³¹, que se articula a partir de uma linguagem multimodal, executada em rede; por tanto com impacto a nível macro. O seu desenvolvimento enquanto mídia de comunicação propicia uma “[...] expressiva disponibilidade de dados [...]” (RECUERO; BASTOS; ZAGO, 2015, p. 21) acerca de seus usuários, que “[...] tem despertado a atenção de pesquisadores e empresas de todo o mundo.” (RECUERO; BASTOS; ZAGO, 2015, p. 21).

Neste contexto, análise de redes sociais na internet tem tomado vulto. Ainda que esta modalidade analítica seja possível em espaços não virtuais, ela se populariza ao mesmo passo da popularização do uso destas redes de comunicação virtual. As redes que se expressam nos sites de redes sociais traduzem a complexidade das interações virtualmente estabelecidas, possibilitando a realização de estudos em larga escala acerca destas interações, da produção de discursos sobre determinados assuntos, bem como acerca dos interesses e tendências de consumo (RECUERO; BASTOS; ZAGO, 2015).

Desta forma, dinâmicas de interação social expressas nos sites de redes sociais na internet são passíveis de serem visualizadas a partir de suas conexões em rede, onde “Vértices [ou nós] passam a ser sinônimos de atores sociais, e suas conexões são demarcadas como arestas [ou laços].” (RECUERO; BASTOS; ZAGO, 2015, p. 21). Teias que remetem as relações sociais que, estabelecidas ali, tornam-se mais estáveis e ainda mais complexas (RECUERO; BASTOS; ZAGO, 2015).

Os rastros recuperáveis das relações estabelecidas nos sites de redes sociais, tornam estas plataformas espaços de visibilidades de diferentes formas de ser e estar na contemporaneidade. Os sujeitos na rede “[...] determinam quais informações serão reproduzidas, quais serão reverberadas, quais receberão visibilidade e quais serão debatidas [...]” (RECUERO; BASTOS; ZAGO, 2015, p. 132).

Práticas discursivas exercidas on-line, assim como aquelas exercidas off-line, são produzidas dentro de determinadas condições, as quais traduzem – ao

³¹ Lévy (1993) propõe seis princípios abstratos para o entendimento do hipertexto: 1. Princípio de metamorfose; 2. Princípio de heterogeneidade; 3. Princípio de multiplicidade e de encaixe das escalas; 4. Princípio de exterioridade; 5. Princípio de topologia e 6. Princípio de mobilidade dos centros.

passo que igualmente produzem – realidades. Conforme indicam Recuero, Bastos e Zago (2015) é possível observar que nas redes sociais na internet os discursos produzidos pelos sujeitos evidenciam aquilo que constitui uma chamada “opinião pública”:

Essas características mostram-nos que há uma mudança no suporte da interação [social], o que vai permitir que as informações que circulam nessas redes sejam difundidas de forma diferente. A possibilidade de replicar uma informação deve-se, principalmente, a sua permanência, ou seja, ao fato de que aquilo que é publicado permanece no ciberespaço, sendo passível de ser visto e replicado. [...] a informação torna-se mais visível a outros atores da rede (por exemplo, aqueles que não estavam on-line quando ela foi publicada originalmente), podendo ser escalada rapidamente. A “buscabilidade”, ou seja, a possibilidade de que a informação seja encontrada também contribui para a escalabilidade. Basicamente, isso significa que as conexões sociais que são construídas nos sites de rede social atuam de forma mais intensa e permanente do que aquelas que são off-line (RECUERO; BASTOS; ZAGO, 2015, p.31).

Nesta perspectiva, as estruturas de redes na internet propiciam o estabelecimento de conexões mais fortes e estáveis entre os sujeitos, bem como possuem articulações propícias aos interesses de mercado.

Boyd (2010) descreve as estruturas de redes na internet enquanto possuindo quatro características: a persistência – as “postagens” dos usuários permanecem nas plataformas, em geral – a replicabilidade – há a possibilidade de compartilhamento das publicações em outras plataformas – a escalabilidade – refere-se a possibilidade exponencial de visibilidade dos conteúdos publicados, por vezes, contando com recursos comerciais para impulsionamento – e a pesquisabilidade – possibilidade de buscar pelos assuntos publicados, potencializada por vezes pelo uso das *hashtags*, ferramentas de palavras-chave, que funcionam como *hyperlinks*, promovendo a escalabilidade.

Desta maneira, para compreender as estruturas de organização das determinadas práticas as quais atravessam o ciberespaço e as redes sociais na internet, é preciso considerar, suas características próprias de interconectividade, conforme aponta Lupton (2017, p. 130, tradução nossa)³²:

Qualquer análise sobre como as mídias e dispositivos digitais operam e os significados e práticas que elas reproduzem ou criam devem incorporar a

³² “Any analysis of the ways in which digital media and devices operate and the meanings and practices they reproduce or create must incorporate awareness of the interconnected nature of these media, as well as the constant circulation, reconfiguration and repurposing of their content.”

consciência da natureza interconectada dessas mídias, bem como a circulação, reconfiguração e redefinição constante de seu conteúdo.

Importa saber que, ainda que as relações sociais desenvolvidas nos de sites de redes sociais pareçam ocorrer apenas no ciberespaço, seus atravessamentos promovem efeitos reais-virtuais, uma vez que se referem a variadas práticas relativas os processos de condução da vida nos mais amplos aspectos, como os políticos, sociais, jurídicos e mercadológicos.

Articulam-se nestas plataformas estratégias para que sejam traçados desenhos de perfis dos sujeitos usuários, a partir do que normalmente acessam/consomem; um processo de mapeamento algorítmico, com mecanismos pouco claros à maioria da população, que se extrapola em estimativas de mercado.

Esta gama de dados produzida nas mídias sociais na internet, é referente não apenas a modos de ser e se relacionar, mas alcança ainda aspectos relativos às questões biofisiológicas da população usuária. Assim, nestes (ciber)espaços, a saúde, o corpo e a própria vida convertem-se em valor de mercado:

Os dados sobre os corpos e os estados de saúde das pessoas são altamente valiosos para uma variedade de atores na economia de dados digitais, incluindo não apenas os desenvolvedores digitais das tecnologias que geram esses dados, mas também os terceiros aos quais eles vendem os dados, pesquisadores, agências governamentais, empresas de seguros de saúde, empresas de mineração e criação de perfis de dados e uso ilegal por hackers e cibercriminosos. (LUPTON, 2017, p. 130, tradução nossa)³³.

Neste entendimento, a própria vida social parece se converter em “[...] vida eletrônica ou cibervida [...]” (BAUMAN, 2008, p. 09). Os processos de constituição dos sujeitos no contexto contemporâneo se vinculam cada vez mais aos processos mediados pela cibertecnologia. Processos de subjetivação, porque relacionados a constituição de si consigo mesmo, porém, também processos de objetificação quando relacionados a materialização da vida enquanto produto virtualmente distribuído.

Nas teias do ciberespaço, torna-se pouco possível separar os processos de subjetivação humana dos processos mercadológicos de objetificação, os quais lhes

³³ “Data about people’s bodies and states of health are highly valuable to a range of actors in the digital data economy, including not only the digital developers of the technologies that generate these data but also the third parties to whom they on-sell the data, researchers, government agencies, health insurance companies, data mining and profiling companies and illegal use by hackers and cybercriminals.”.

são transversais. Assim a própria subjetividade converte-se em uma mercadoria a ser comercializada, e os sujeitos "São, ao mesmo tempo, os promotores *das mercadorias e as mercadorias que promovem*.[...]" (BAUMAN, 2008, p. 13) (grifos do autor).

Este processo de marketing e mercadorização de si mesmo é amplamente observado nos sites de redes sociais e na internet em geral, no entanto, cabe destacar uma plataforma em específico, na qual se articulam estas estratégias de "[...] auto-promoção e constituição de redes de relacionamento [...]" (HU; MANIKONDA; KAMBHAMPATI, 2014, p. 597, tradução nossa)³⁴, qual seja, o Instagram.

Dentre os sites ou aplicativos de redes sociais mais acessados na contemporaneidade apresenta-se o Instagram, um aplicativo para compartilhamento instantâneo de imagens e vídeos, com grande quantidade de usuários³⁵. A plataforma possui uma estrutura de conectividade que permite sua integração com outros sites ou aplicativos como Facebook e o Twitter, e é comumente acessada através de *smartphones*, o que favorece ainda mais seu potencial de consumo por parte dos usuários. O Instagram conta ainda com a opção de cadastros de perfis comerciais e a possibilidade de promoção publicitária de anúncios³⁶, exibidos aos usuários do aplicativo de acordo com seus interesses, identificados pelos algoritmos de inteligência artificial que analisam as interações estabelecidas.

Estas características tornam o Instagram extremamente atrativo para a lógica de mercado contemporânea, promovendo sua relevância exponencialmente. Para Silva *et al* (2013, p. 461), o Instagram possui inclusive um potencial "[...] Como ambiente para sensoriamento participativo em grandes regiões". Isso significa que, observando os dados de geolocalização fornecidos voluntariamente pelos usuários da plataforma, é possível traçar "mapas" dos locais visitados e dos hábitos de deslocamento, decodificando as dinâmicas de organização de centros urbanos; perspectiva que tem um potencial de projeção global.

³⁴ "This is in line with the conventional wisdom that Instagram is mostly used for self promoting and social networking with their friends."

³⁵ Mais de 1 bilhão de usuários no mundo, sendo mais de 60 milhões somente no Brasil. Ver: <<https://www.apptuts.net/tutorial/redes-sociais/quantos-usuarios-do-instagram-existem-no-brasil-mundo-2017>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

³⁶ Ver: <https://business.instagram.com/advertising?locale=pt_BR>. Acesso em: 20 abr. 2020.

Para Hu, Manikonda e Kambhampati (2014, p. 595, tradução nossa)³⁷ “É importante ter um profundo entendimento do Instagram, pois nos ajudará a obter *insights* profundos sobre questões sociais, culturais e ambientais sobre as atividades das pessoas (pelas lentes de suas fotos)”. A articulação da plataforma a partir de uma “[...] cultura altamente visual [...]” (ZANDAVALLE, 2018, p. 80), com sua interface composta pelas imagens “postadas” em conjunto as legendas e *hashtags* (#), conforme é possível visualizar na Figura 1, oportuniza um entendimento sobre as atividades, hábitos, gostos, condições de vida e saúde dos usuários (SILVA et al, 2013; HU; MANIKONDA; KAMBHAMPATI, 2014; ZANDAVALLE, 2018).



Figura 1 - Interface de usuário do Instagram.

Fonte: Perfil pessoal da autora no Instagram.

³⁷ “Having a deep understanding of Instagram is important because it will help us gain deep insights about social, cultural and environmental issues about people’s activities (through the lens of their photos).”.

Conforme observa Zandavalle (2018), pesquisas a partir do Instagram são potencialmente significativas pelas características da plataforma e seus recursos disponíveis: “O potencial do Instagram para estudo de comportamento humano é evidente, já que a dinâmica da plataforma incentiva o compartilhamento de registros de atividades diárias por perfis de usuários a todo o momento.” (ZANDAVALLE, 2018, p. 95). Neste sentido, é possível observar na plataforma informações variadas acerca dos modos de ser e estar dos usuários, seus hábitos cotidianos e suas práticas correspondentes a tópicos diversos (ZANDAVALLE, 2018).

Ainda Zandavalle (2018) exemplifica alguns dos *insights* possíveis pela análise de dados visuais do Instagram, os quais perpassam por percepções de estratégias de marketing e consumo, observação de dinâmicas de comportamento, de construção e reforço de determinados padrões estéticos, e até mesmo possíveis orientações para desenvolvimento de políticas públicas para promoção de hábitos de saúde³⁸. Neste sentido, a partir da análise das postagens relativas as *hashtags* selecionadas, conforme a pertinência do tema a ser abordado, é possível traçar as melhores estratégias para reforçar ou não determinados comportamentos.

Jacob (2014), ao analisar a linguagem *fitness* em perfis de mulheres no Instagram, observa que é presente na plataforma um enorme destaque aos processos de obtenção de corpos esteticamente enquadrados as expectativas contemporâneas de beleza: o corpo magro.

Nas imagens compartilhadas no Instagram destacam-se os corpos perfeitos, as fotos de antes e depois das donas dos perfis (antes gordas, agora magras e dentro do padrão), as *hashtags* de incentivo e as palavras de cunho religioso que impelem os seguidores daquele estilo de vida a continuar – como já dito, fé, força e foco são as mais comuns de tais *hashtags*. (JACOB, 2014, p. 92).

Ainda conforme Jacob (2014), as estratégias de uma prática discursiva visualizada no Instagram se correspondem as estratégias biopolíticas de condução da vida a partir da sedução dos usuários que se subjetivam dentro de uma obrigação imposta de seguir um determinado modo de vida, que se vincula a uma promessa de felicidade comercializada na plataforma: “Por trás de discursos motivacionais esconde-se uma realidade de eterna vigilância e controle, onde quem segue

³⁸ No caso trabalhado por Zandavalle (2018) refere-se a compreensão dos hábitos de usuários de cigarros eletrônicos a partir de postagens no Instagram para promoção de estratégias de políticas públicas para combate ao tabagismo.

monitora aqueles que segue e é monitorado por quem é seguido” (JACOB, 2014, p. 103). Para a autora, opera-se uma vigilância e uma possível punição dentro desta perspectiva, relacionada as estratégias de comunicação percebidas na plataforma, vinculadas a “[...] marcas identitárias fortes da linguagem alimentar fitness” (JACOB, 2014, p. 103).

Neste viés, para Fernandes (2016) as rotinas de treino e exercício físico exibidas nos perfis de Instagram das chamadas “musas *fitness*” revelam e promovem práticas que caracterizam as formas de construção identitária do ideal contemporâneo de saúde. Também nestes perfis, a autora encontra práticas referentes aos sistemas científicos de formação discursiva, que legitimam as escolhas das musas apresentadas na plataforma, oferecendo a sensação de credibilidade e segurança que promove a admiração dos seguidores.

Carrera (2012) compreende que aplicativos como o Instagram, se imbricam a práticas sociais pré-estabelecidas para contribuírem aos propósitos dos usuários (formação de redes de relacionamentos, auto-promoção de si, dentre outros), mas também para promover novas percepções e novos desejos dentro de novos “[...] enunciados culturais [...]” (CARRERA, 2012, p. 161) que potencialmente possibilitam a manifestação de novas materialidades: “[...] é possível perceber que o próprio artefato tecnológico possibilita a criação de novas práticas, pelo uso constante e pela reapropriação de seus atributos.” (CARRERA, 2012, p. 162).

Poderia ser dito, nestes termos, que no Instagram operacionalizam-se práticas de exibição, mas também de produção de determinados referenciais de saúde e seus entrelaçamentos, a partir de estratégias discursivas e de marketing que estão imbricadas em formas subjetivas e objetivas de construção de si, imanentes a um paradigma de sociedade.

Neste sentido, o Instagram converte-se em um promissor campo de estudos para compreender as estratégias de governo dos vivos, vigilância da saúde e suas relações com as atuais práticas de mercado. É neste viés, considerando as indicações de Deleuze (1992) sobre a sociedade de controle, que serão desenvolvidas as análises de texto e imagem de publicações do Instagram com as *hashtags* #saúde e #corpo propostas por esta pesquisa.

3 Metodologia

Ao pensar sobre a questão metodológica e as diretrizes analíticas desta pesquisa que se projeta, considerando cada artigo previsto como articulação dos resultados, percebe-se a necessidade de esclarecer sob quais premissas transita.

Inicialmente cabe ressaltar que se encara os caminhos teórico-metodológicos escolhidos mais como uma experiência traçada sobre objeto, problema e aporte teórico, já que não se vê como dissolver as linhas que entrelaçam estes elementos. Considera-se assim o todo constituinte do processo de pesquisa e sua inserção num *campo* do conhecimento o qual pretende contribuir com um fazer científico³⁹.

Desta maneira, nessa experiência entende-se a necessidade não de sustentar discursos de verdades, mas de tratar dos rastros deixados pelas linhas traçadas entre as relações de força e seus tensionamentos; não se propõe a tarefa de fazer uma história geral da atualidade, mas trabalhar cenários, noções, destacar falas, evitando se apresentar de maneira presunçosa frente aos “achados”, ou a realidade a qual tanto espelham como condição de sua existência, quanto constroem como resultado de suas relações.

Estas considerações indicam os caminhos que se percorrem e também os que se constroem, pela necessidade de compreender um pouco mais do presente, para o aperfeiçoamento de uma prática investigativa e de uma metódica de operacionalização das ferramentas para um trabalho analítico de determinada delineação. Desta maneira, inicialmente cabe esmiuçar o delineamento assumido, antes mesmo de apresentar as ferramentas de coleta de dados. Assim, transita-se pelos pressupostos de uma analítica foucaultiana.

³⁹ Refere-se aqui sobre a identidade epistemológica da área do conhecimento na qual se insere esta pesquisa, qual seja, a Educação Física enquanto campo acadêmico.

3. 1 Da perspectiva analítica

Vários esforços de descrição dos movimentos de trabalho de pesquisa de Foucault já foram feitos, ainda que o próprio autor não costumasse delimitar seus trabalhos a um ou outro método. Na verdade, percebe-se como Veiga Neto (2009) que Foucault parecia se afastar destes esforços. Na perspectiva de trabalho aqui assumida, considera-se importante perceber como um todo os movimentos de pesquisa feitos pelo autor, procurando compreender da mesma forma os possíveis movimentos a serem realizados a partir deste projeto para materialização dos resultados percebidos.

Para Veiga Neto (2009, p. 89), Foucault transita durante sua trajetória investigativa, de forma gradiente e descontinuada entre a arqueologia, a genealogia, chegando a questão de uma ética da existência: “Ao longo desse gradiente, o que já não era grande, ou talvez até vestigial — a saber, o compromisso com o formalismo da técnica, da definição, do procedimento —, se reduz e quase desaparece.”.

O interesse inicial de Foucault (2006) talvez pudesse se resumir em um fazer historiográfico sobre um material dito medíocre, porque não é sobre um apogeu, mas sobre um material “menos nobre”, fazendo surgir um arquivo sobre este. Desta maneira, “O termo ‘arqueologia’ remete, então, ao tipo de pesquisa que se dedica a extrair os acontecimentos discursivos como se eles estivessem registrados em um arquivo.” (FOUCAULT, 2006, p. 257).

Não poderia então a arqueologia deixar de se relacionar com a produção do saber e suas condições de existência. Neste sentido, “A arqueologia é uma história das condições históricas de possibilidade do saber.” (CASTRO, 2009, p. 40). Não que se trate de uma análise puramente causal sobre determinados fatos, mas sim de um esforço para trazer quais seriam as condições, instituições, relações econômicas e sociais que fariam emergir determinado discurso, e não outro. (CASTRO, 2009).

Nesta perspectiva, ao se pensar sobre o discurso é imprescindível considerá-lo para mais que uma mera reprodução linguística. Se modos de compreender o mundo só podem se realizar a partir de uma significação coletiva, o discurso possui

um potencial produtivo extremamente relevante: além de comunicar, divulgar e promover, os discursos criam saberes (FOUCAULT, 1996; 1999b; 2008c; 2006).

Os esforços arqueológicos se concentrariam, então, em tratar sobre a “[...] constituição do sujeito pelo saber, a partir da materialidade do discurso [...]” (SILVA; SILVA, 2019, p. 32). Nesta perspectiva, considerando o discurso como um “[...] conjunto de enunciados que se apóia em um mesmo sistema de formação [discursiva] [...]” (FOUCAULT, 2008c, p. 122), para compreender estes processos de constituição do sujeito pelo saber, é imprescindível tomar como central a questão do enunciado e sua regularidade em determinadas formações discursivas.

Quando pensa na questão do enunciado a partir dos estudos de Foucault, Deleuze (2005) esclarece que se distinguem em torno deste três círculos, ou faixas de espaço: Uma primeira faixa dita “[...] *colateral, associado ou adjacente* [...]” (DELEUZE, 2005, p. 16-17) (grifos do autor), referente as relações de enunciados com outros enunciados onde constroem-se determinados grupos enunciativos, o que implica na noção inevitável que não haveria qualquer espaço livre ou indiferente as regras da formação enunciativa. Isso se refere a característica de transversalidade do enunciado, uma regra que garante que este não poderia se reduzir a um mero contexto.

A segunda faixa de espaço que Deleuze (2005) aponta é a correlativa, que se refere as relações do enunciado “[...] com seus sujeitos, seus objetos, seus conceitos.” (DELEUZE, 2005, p. 18). O enunciado tem relação com quem o produz ou reproduz e isso também lhe dá delineamento. Esta relação é o que o autor propõe enquanto “[...] variável intrínseca do enunciado.” (DELEUZE, 2005, p. 18).

Sobre a terceira faixa, refere-se a um “[...] espaço complementar, ou de formações não-discursivas (‘instituições, acontecimentos políticos, práticas e processos econômicos’).” (DELEUZE, 2005, p. 21) (grifos do autor). Neste aspecto, considera-se o enunciado formado por relações além do discurso:

Uma instituição comporta ela mesma enunciados, por exemplo, uma constituição, uma carta, um contrato, inscrições e registros. Inversamente, os enunciados remetem a um meio institucional sem o qual os objetos surgidos nesses lugares do enunciado não poderiam ser formados, nem o sujeito que fala de tal lugar [...]. (DELEUZE, 2005, p. 21).

Ocorre assim, para formação de determinado enunciado, o estabelecimento de uma diagonal de “[...] *relações discursivas com os meios não discursivos* [...]”

(DELEUZE, 2005, p. 21) (grifos do autor). Esta linha traçada refere-se justamente ao limite ou horizonte de eventos de um campo enunciativo, ponto sem retorno onde determinados enunciados e enunciadore surgem ou deixam de surgir. Neste sentido, o enunciado, segundo Deleuze (2005) percebe a partir das obras de Foucault, se articula como um conjunto de focos de relações de força, visíveis ao mesmo tempo que ocultas.

Foucault (2008c, p. 82-83) considera importante, ao tratar da questão da análise enunciativa, compreender que os discursos – ou os enunciados – se vinculam ou mesmo são pertencentes a determinados campos de saber, constituindo

um feixe complexo de relações que funcionam como regra: ele prescreve o que deve ser correlacionado em uma prática discursiva, para que esta se refira a tal ou tal objeto, para que empregue tal ou tal enunciação, para que utilize tal ou tal conceito, para que organize tal ou tal estratégia. Definir em sua individualidade singular um sistema de formação é, assim, caracterizar um discurso ou um grupo de enunciados pela regularidade de uma prática. (FOUCAULT, 2008c, p. 82-83).

Neste sentido, Foucault destaca quatro noções fundamentais enquanto o que chama de princípio regulador de uma análise do discurso ou mesmo de uma análise enunciativa, quais sejam: “[...] a noção de acontecimento, a de série, a de regularidade, a de condição de possibilidade. (FOUCAULT, 1996, p. 54).

Sobre a primeira noção, a de acontecimento, refere-se ao sentido de novidade história, rompimento, condição de surgimento de determinadas novas práticas discursivas. O acontecimento, no entanto, não deixa de se relacionar a regularidade, ao corroborar para a constituição desta (FOUCAUT, 1996; CASTRO, 2009). No fazer arqueológico procura-se então, “[...] descobrir porque e como se estabelecem relações entre os acontecimentos discursivos.” (FOUCAULT, 2006, p. 258), pois, somente desta maneira poderíamos descobrir “[...] o que somos hoje.” (FOUCAULT, 2006, p. 258).

O acontecimento é uma noção relevante, no sentido que se relaciona justamente as condições de possibilidade para que um determinado sujeito dissesse alguma coisa em um determinado momento, este em verdade, é o grande interesse da arqueologia de Foucault (2006, p. 255): “Não é o sentido que eu busco evidenciar, mas a função que se pode atribuir uma vez que essa coisa foi dita naquele momento. Isto é o que eu chamo de acontecimento.”. Assim ele declara

que o discurso nada mais é que uma série de acontecimentos, e é então necessário descrever quais as relações de determinados acontecimentos com outros acontecimentos de diversas ordens, como a econômica, a política, a institucional; percebendo igualmente quais suas funções estratégicas em determinados sistemas políticos e/ou de poder (FOUCAULT, 2006).

A segunda noção, a de série, ou seja, dos entrelaçamentos os quais transpassam determinados sistemas de formações discursivas, relaciona-se diretamente a noção de regularidade. Enquanto noção de série se opõe a uma noção de unidade, a de regularidade se opõe a originalidade (FOUCAULT, 1996).

Compreende-se a partir destas noções uma última: a noção de condição de possibilidade. A partir desta noção entende-se a necessidade de encontrar as condições de possibilidade de materialização de determinado discurso enquanto acontecimento derivado e derivante de determinadas relações de saber/poder (FOUCAULT, 1996).

Trabalhando melhor a noção de regularidade, esta refere-se ao que caracteriza uma tal disciplina, ou poderíamos dizer, qualquer saber, ou ainda uma tida verdade. Regularidade não se refere pura e simplesmente a uma repetição de determinada palavra, ou como diria Foucault (2008c, p. 163) a “[...] uma certa posição central entre os limites de uma curva estatística - não pode, pois, valer como índice de frequência ou de probabilidade [...]”. Deleuze (2005, p. 16) acrescentaria: “O que conta é a *regularidade do enunciado*: não uma média, mas uma curva.” (grifos do autor).

Assim a regularidade enunciativa refere-se a elementos que caracterizam especificamente campos discursivos os quais garantem sua existência, ou mesmo o fazem “acontecer”:

Regularidade não se opõe, aqui, à irregularidade que, nas margens da opinião corrente, ou dos textos mais frequentes, caracterizaria o enunciado desviante (anormal, profético, retardatário, genial ou patológico) [...]. Não se deve, portanto, opor a regularidade de um enunciado à irregularidade de outro (que seria menos esperado, mais singular, mais rico em inovações), mas sim a outras regularidades que caracterizam outros enunciados. (FOUCAULT, 2008c, p. 163).

É neste sentido que se diz que essas regularidades caracterizam os campos discursivos produtores de relações de força.

Mas considera-se relevante perceber que uma característica importante do enunciado – e não das palavras, vez que estes conceitos não são equivalentes – é justamente a de poder se repetir:

[...] no entanto, aparentemente as condições reais da repetição são bastante restritas. É preciso que haja o mesmo espaço de distribuição, a mesma repartição de singularidades, a mesma ordem de locais e de posições, a mesma relação com o meio instituído: tudo isso forma para o enunciado uma "materialidade" que faz repetível. (DELEUZE, 2005, p. 22).

Disto decorre a necessidade de trabalhar também uma certa noção de materialidade que é específica a cada sistema de formação discursiva. Esta materialidade específica – que se refere justamente a noção de condições de possibilidade – se relaciona a um exercício de poder, afinal, se a própria prática discursiva caracteriza os processos que qualificam determinados discursos enquanto válidos e verdadeiros em detrimento de outros, ela se relaciona então a sua lógica de produção, processo que se vincula intrinsecamente ao exercício do poder: “[...] o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.” (FOUCAULT, 1996, p. 10).

Neste sentido é possível dizer que a posição do discurso enquanto expressão de uma materialidade se relaciona imanentemente ao exercício do poder, seja sobre os corpos individuais que se pretende disciplinar, ou sobre a população que se pretende governar (FOUCAULT, 1996; 1999b; 2006; 2008c).

Esta percepção da necessidade de entender as “[...] relações discursivas entre o enunciado discursivo e o não-discursivo.” (DELEUZE, 2005, p. 59) leva Foucault a um deslizamento teórico-metodológico, num esforço para “[...] problematizar as práticas, os acontecimentos nas suas singularidades, assim como as relações de poder e de saber que se produzem a partir de situações específicas, contextualizadas histórica e socialmente.” (SILVA; SILVA, 2019, p. 32). Refere-se aqui a genealogia.

Na tratativa das relações de força enquanto práticas referentes a determinados exercícios de saber/poder, Foucault problematiza a dimensão política do discurso, elemento estritamente necessário aos dispositivos para o disciplinamento e governo. Assim compreende que "O discurso é uma série de elementos que operam no interior do mecanismo geral do poder. [...] uma série de

acontecimentos, como acontecimentos políticos, através dos quais o poder é vinculado e orientado." (FOUCAULT, 2006, p. 254).

Ainda que deixe claro que o poder não é fonte ou origem do discurso, outorga a este último uma condição estratégica de operacionalização do primeiro: "[...] O poder é alguma coisa que opera através do discurso, já que o próprio discurso é um elemento em um dispositivo estratégico de relações de poder." (FOUCAULT, 2006, p. 253).

No processo genealógico Foucault procurou voltar seu interesse sobre "[...] técnicas do poder, sobre a tecnologia do poder. [...] em estudar como o poder domina e se faz obedecer." (FOUCAULT, 2006, p. 267). Neste sentido, no decorrer de seu trabalho o autor forjou seus próprios métodos, instrumentos e caminhos, subvertendo cada vez mais sua lógica de pesquisa, afastando-se dos formalismos da época, na busca por uma genealogia do saber, a qual para ele teria seu cerne em perceber as

[...] táticas e estratégias de poder. Táticas e estratégias que se desdobram através das implantações, das distribuições, dos recortes, dos controles de territórios, das organizações de domínios que poderiam bem constituir uma espécie de geopolítica por onde minhas preocupações iriam ao encontro de seus métodos. (FOUCAULT, 2006, p. 188).

Este fazer genealógico seria imprescindível para dar conta dos processos de funcionamento de um determinado poder – relativo a um saber que lhe é condição de existência – e da recondução de seus efeitos.

Veiga Neto (2009) define esta faceta do fazer foucaultiano a partir da noção de *techné*. Para o autor, a genealogia se relaciona a noções, percepções e entendimentos,

[...] uma *techné* de fundo, uma *techné* que informa — para usar a expressão do filósofo — um “modo de ver as coisas” que estão em determinadas práticas e suas relações com outras práticas — sejam elas discursivas ou não-discursivas. Trata-se, isso sim, de uma *techné* que consiste numa forma muito singular de escutar a história.” (VEIGA NETO, 2009, p. 90).

Neste sentido, na empreitada genealógica é preciso compreender quais os regimes de práticas referidos e quais seus efeitos de condutas relativos aos “[...] efeitos de prescrição em relação ao que se deve fazer (efeitos de ‘jurisdição’) e

efeitos de codificação em relação ao que se deve saber (efeitos de ‘veridictividade’).” (FOUCAULT, 2006, p. 338).

A genealogia não consistiria em encarar qualquer cientificismo como opositor desclassificante de outros saberes constituintes da multiplicidade concreta de uma realidade, afinal, “Não é um empirismo nem um positivismo, no sentido habitual do termo, que permeiam o projeto genealógico.” (FOUCAULT, 2016, p. 268), mas sim o projeto genealógico teria sua construção sobre a oportunidade de abrir novas clareiras na história sabida, a partir de outros saberes, os considerados infames, fazendo aparecer as múltiplas formas de constituição da realidade: “Chamemos provisoriamente genealogia o acoplamento do conhecimento com as memórias locais, que permite a constituição de um saber histórico das lutas e a utilização deste saber nas táticas atuais.” (FOUCAULT, 2016, p. 267-268).

Assim, mais que um movimento metodológico, e longe de ser apenas um método de pesquisa, a genealogia trata do que Foucault (2016, p. 268) chama “[...] insurreição dos saberes antes de tudo contra os efeitos de poder [...]”. Estes efeitos certamente estão vinculados a determinados discursos e determinadas instituições – ou a práticas discursivas e não-discursivas – em especial o discurso científico, que organiza então um determinado funcionamento ideal da sociedade a partir de determinado paradigma. Em um momento, Foucault (2016, p. 268) afirma “[...] são os efeitos de poder próprios a um discurso considerado como científico que a genealogia deve combater.”. É preciso, pois, no processo genealógico, pensar a respeito de um propósito opositor em relação aos saberes historicamente posicionados em privilégio, e traçar relações de luta.

Este fazer genealógico – que é um trabalho de pesquisa, mas também uma relação de luta – analisa então o que Deleuze (2005) explica como diagrama: expõe quais as relações de força constituintes de determinado poder a partir do entendimento das séries e noções da análise enunciativa, considerando as diagonais de relações entre práticas discursivas e não-discursivas.

Segundo Castro (2009), o que se aponta enquanto um período genealógico de Foucault consiste em um apanhado de produções do autor onde este se dedicou a “[...] análise das formas de exercício do poder.” (CASTRO, 2009, p. 184). O autor percebe acertadamente que não há qualquer ruptura entre uma chamada fase arqueológica e uma fase genealógica de Foucault, afinal “Arqueologia e genealogia se apoiam sobre um pressuposto comum: escrever a história sem referir a análise

à instância fundadora do sujeito” (CASTRO, 2009, p. 184-185). Esta relação fica clara para Deleuze (2005) ao compreender que, na analítica foucaultiana, a consideração da estrutura a partir de práticas discursivas e não-discursivas, é feita através de análises das relações discursivas entre estas duas práticas.

Desta maneira, o próprio Foucault resume seus trabalhos traçando paralelos: “Enquanto a arqueologia é o método próprio à análise da discursividade local, a genealogia é a tática que, a partir da discursividade local assim descrita, ativa os saberes libertos da sujeição que emergem dessa discursividade.” (FOUCAULT, 2016, p. 270).

O questionamento a respeito das reais intenções de um conhecimento ao se posicionar em privilégio referente a outros conhecimentos, bem como o estudo referente ao poder – ou seja, as relações de força – e sua articulação e exercício sobre um governo da vida, dos vivos ou mesmo das coisas, leva Foucault ao questionamento sobre a verdade, e conseqüentemente a uma imersão na história antiga para constituição do que Veiga-Neto (2011, p. 15) chama de “[...] o terceiro eixo de sua ontologia histórica do presente [...]”, uma inversão importante em relação também ao seu método.

Esta inversão ou deslocamento teórico-metodológico de Foucault, é percebida por Avelino (2011) como procedência da análise da governamentalidade, “[...] deslocamento analítico do eixo Poder-Saber para o eixo do ‘governo dos homens pela Verdade sob a forma da Subjetividade’.” (AVELINO, 2011, p. 22) (grifos do autor), baseado na “[...] tríade Poder, Governo e si mesmo [...]” (AVELINO, 2011, p. 29).

Passa então a ser ocupação nos estudos de Foucault as questões de uma ética da existência. Esta fase é eventualmente denominada pelo próprio autor como anarqueologia do saber (FOUCAULT, 2011).

Assimilando a empreitada do que chama anarqueologia à sua própria arqueologia, Foucault (2011) discorre sobre a necessidade do estudo dos regimes de verdade e as relações entre suas manifestações e procedimentos e os sujeitos que as operam, testemunham, ou lhes são objeto:

Portanto, uma semelhante perspectiva arqueológica excluindo absolutamente a divisão entre o científico e o ideológico implica, ao contrário, que se tome em consideração a multiplicidade dos regimes de verdade; que se tome em consideração o fato de que todos os regimes de verdade, sejam eles científicos ou não, comportam modos específicos de

vincular, de qualquer modo constrangente, a manifestação do verdadeiro e o sujeito que o opera.” (FOUCAULT, 2011, p. 85).

Na anarqueologia, a intenção seria então se debruçar sobre os regimes de verdade, e suas operações junto aos sujeitos, percebendo-os em sua multiplicidade. (SILVA; SILVA, 2019). Neste sentido Foucault (2006) resume seus interesses investigativos da seguinte forma:

[...] meu problema é saber como os homens se governam (eles próprios e os outros) através da produção de verdade (eu repito, ainda, por produção de verdade: não entendo a produção de enunciados verdadeiros, mas a disposição de domínios em que a prática do verdadeiro e do falso pode ser, ao mesmo tempo, regulamentada e pertinente). (FOUCAULT, 2006, p. 343).

Foucault percebe então a importância dos chamados “jogos de verdade” e se dedica aos estudos de seus processos. Neste viés, “A verdade é inseparável do processo que a estabelece [...]” (DELEUZE, 2005, p. 72).

Como esclarece Avelino (2010), a anarqueologia se procede através de uma analítica sobre as formas de produção de subjetividade pela produção da verdade para governamentalidade: “Muito ao contrário de ocupar uma posição antitética em relação ao poder, a verdade é um de seus principais elementos de catalisação, ela conduz e reproduz relações de poder.” (AVELINO, 2010, p. 2).

A anarqueologia se relaciona estreitamente com uma reformulação das teorias sobre o poder na analítica foucaultiana. Para dar conta desta intenção, Foucault se volta as questões referentes as racionalidades e tecnologias para o governo, elaborando assim a noção de governamentalidade, imbricada imanentemente as questões dos regimes de verdade (AVELINO, 2010).

Desta maneira, para Avelino (2010, p. 3)

[...] a anarqueologia prolonga e resitua as análises da governamentalidade, iniciadas em 1978 com o objetivo de marcar a distinção entre política e guerra e para tornar operatório o problema da luta, em termos de relações agonísticas, no domínio político.

O movimento a uma anarqueologia se relaciona, assim, diretamente a necessidade de desfazer qualquer dualismo da fase genealógica sobre as relações de poder, que passam a ser tratadas mais por questões de governo, referentes aos problemas da população, mas também do mercado e da economia:

O objetivo foi estudar a maneira refletida de governar ou o conjunto de reflexões sobre a melhor maneira de governar; enfim, trata-se de estudar a “instância reflexiva” das práticas de governo e sobre as práticas de governo. Em outras palavras, o objeto de estudo são os modos de conceitualização das práticas de governo com a finalidade de apreender a maneira pela qual essa conceitualização estabeleceu os objetos, as regras gerais e os objetivos de conjunto que são próprios ao seu domínio. (AVELINO, 2010, p. 4).

De outra maneira, pode-se perceber a anarqueologia enquanto um movimento metodológico de transgressão, ou uma “*anarquia epistemológica*” (AVELINO, 2010, p. 8) (grifos do autor), ao inverter as posições tradicionalmente postas entre filosofia e verdade, considerando a característica de concretude realística desta última um realismo epistemológico, que descreve “[...] as articulações obscuras entre o poder político e a verdade na configuração disto que precisamente é chamado o real.” (AVELINO, 2010, p.14).

Foucault (2011) então explicita sua intenção de inversão metodológica:

Trata-se, se vocês quiserem, de uma atitude teórico-prática concernindo com a não necessidade de todo poder; e para distinguir essa posição teórico-prática sobre a não necessidade do poder como princípio de inteligibilidade de um saber ele mesmo, melhor que empregar a palavra anarquia, anarquismo, que não conviria, eu gostaria de jogar com as palavras, [...] então eu diria que isso que vos proponho é um tipo de anarqueologia. (FOUCAULT, 2011, p. 72).

De outra forma, pode-se dizer que uma pesquisa anarqueológica precisa ser permeada de algo que Avelino (2010, p. 13) define como “[...] atitude anárquica frente ao poder que deve ser tomada como ponto de partida para uma análise da verdade.”. Desta maneira uma posição analítica anarqueológica “[...] consiste em um gesto de transgressão ao poder, no entanto que coloca o ato de desobediência como ponto de partida e condição da análise.” (AVELINO, 2011, p. 34).

Concordando ainda com Avelino (2010; 2011), como poderia ser esta uma tarefa simples, afinal, se o processo de pesquisa parece se justificar justamente na necessidade de produção de conhecimento, como proceder neste caminho recusando, ao mesmo tempo, a existência de apenas uma verdade e seus efeitos de poder?

Compreende-se que para ter êxito nesta empreitada seja necessário discutir os objetivos de uma postura de pesquisa que tenha como grande problema

justamente o estudo dos regimes de verdade, ou mesmo os mecanismos de uma manifestação de verdade, seus procedimentos e os sujeitos que lhes operam, testemunham ou mesmo lhes são objeto. Neste viés é imprescindível não recorrer a divisões binaristas entre o verdadeiro e o não verdadeiro, tomado como falso ou ideológico, porque justamente são as diferentes relações de força que produzem determinados valores e efeitos de verdade, que só os são ao exercitar estas relações de força – ou se quiser, estes poderes – imanentes. Neste sentido fica evidente que, antes mesmo de uma verdade determinada, é necessário pensar em múltiplos regimes de verdades, que se constroem, qualificam ou ainda permanecem referidos a determinadas relações de poder (FOUCAULT, 2011).

Compreendidas as três interfaces do trabalho foucaultiano, pode-se dizer, como resume Deleuze (2005, p. 124) que “O saber, o poder e o si são a tripla raiz de uma problematização do pensamento.”. Perceber a relação intrínseca entre estas três dimensões é condição *sine qua non* para empreender uma analítica a partir dos pressupostos do autor.

A analogia que Deleuze (2005) constrói quando “desenha” a composição transversal do montante da obra de Foucault diz respeito a relação entre estas três dimensões, traçando as linhas representativas de uma figura quase epitelial (Figura 2). O limite é uma faixa que conecta todos os pontos de poder, e o centro compõe a zona de subjetivação. Uma dobra atravessa os estratos de visibilidades e enunciados: ao tempo que se dobra para baixo, também esta zona de subjetivação se curva para cima, passando para uma zona não estratificada, turbulenta, onde se agitam poeiras de luz e som, visibilidades e enunciados ainda não estratificados, flutuando entre as relações de força. Nesta camada, relações de força se estabelecem, tanto ignorando a dobra de subjetivação quanto a aprofundando. Relações de força e resistência compõe a linha do lado de fora, por isso existem borbulhas, que não podiam estar se não acima da fissura que leva à dobra de subjetivação, singularidades selvagens ainda não conectadas. De acordo com o entendimento de Deleuze (2005) da analítica final de Foucault, é no centro da dobra que se poderia tornar-se senhor de si.

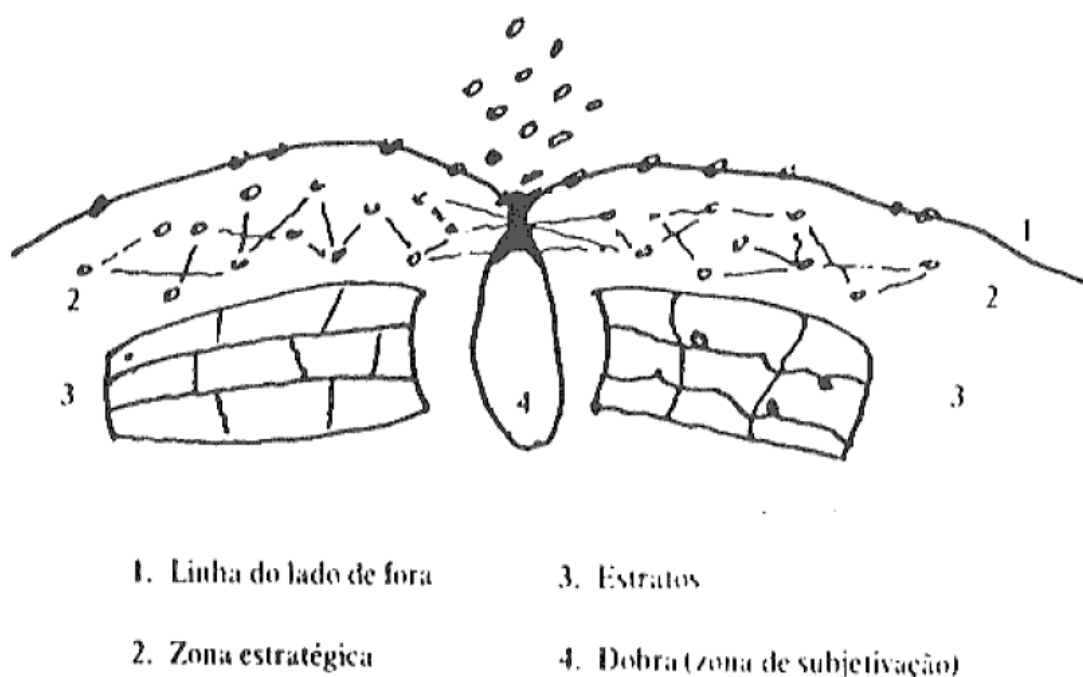


Figura 2 - Diagrama de Foucault.

Fonte: livro "Foucault" (DELEUZE, 2005, p.128).

A compreensão de todas estas fases do trabalho de pesquisa de Foucault, seus deslizamentos e (des)dobramentos sobre si mesmo, na procura por traçar as linhas que compõem o quadro de uma história da atualidade sobre o sujeito, é o que possibilita o empreendimento desta tarefa de pesquisa, que pretende também, ao fim, traçar suas linhas.

Neste viés, na percepção deste trabalho de pesquisa, observando as considerações de Deleuze (1992) para apreensão dos mecanismos de controle em sua aurora, descrever e categorizar as estratégias de operacionalização de um governo dos vivos e vigilância da saúde na contemporaneidade perpassa por identificar também os sistemas de práticas discursivas e não-discursivas e de constituição de regimes de verdades percebendo suas condições de produção e existência, as relações de poder implicadas, seus efeitos e as possibilidades de resistência. Analiticamente, é interesse, valendo-se das palavras de Foucault (2006, p. 343), "[...] recolocar o regime de produção do verdadeiro e do falso no coração da análise histórica e da crítica política" da atualidade.

Assim, não interessa definir uma sistemática de analítica específica – se arqueológica, genealógica ou ainda anarqueológica – mas tomar ciência dos processos de elaboração do autor e como ele, audaciosamente, deslizar por estes:

tatear, fabricar instrumentos para apreender os objetos; afinal, Foucault por vezes denominou a si mesmo enquanto “[...] um empirista cego [...]” (FOUCAULT, 2006, p. 229).

Por fim, neste processo de pesquisa procura-se discutir e problematizar os determinados conjuntos de práticas relativas aos jogos de verdade de um biopoder; jogos que constituem as relações atuais de governo na sociedade de controle, referentes a manutenção da vida e da saúde. Processo relacionado a formação da dobra de subjetividade (Figura 2), entre os limiares das relações de saber e poder que, a partir da revolução cibereletrônica vivida na atualidade, estão relacionadas – se não condicionadas – a uma (bio)tecnologia, que permeia a zona de subjetivação enquanto delineia os contornos do diagrama de uma contemporaneidade. É sobre tais pressupostos que se procederá a análise.

3.2 Do procedimento de coleta de dados

A priori, as análises a serem realizadas em cada um dos artigos que serão apresentados enquanto produto final da Tese que se projeta, serão desdobramentos de uma mesma primeira fase de coleta de dados.

As principais formas para extração de dados a partir do Instagram podem ser resumidas a partir de três possibilidades: diretamente da API (Application Programming Interface)⁴⁰; contratação de ferramentas para extração na API; ou extração manual na plataforma. Quanto aos parâmetros para extração, podem se basear na geolocalização da postagem, nas *hashtags* utilizadas ou mesmo nos perfis de usuários (ZANDAVALLE, 2018).

Para esta pesquisa pretende-se utilizar a ferramenta Netlytic⁴¹ (Figura 3) para extração na API do Instagram. A ferramenta permite a extração de publicações originais e comentários apenas a partir de dois parâmetros: uma única *hashtag* ou geolocalização da postagem, não sendo possível a extração de postagens a partir

⁴⁰API é a sigla para *Application Programming Interface*. Tratam-se basicamente de “[...] comandos que permitem a usuários e aplicativos se comunicarem com os sites e requisitarem dados hospedados em seus servidores” (ALVES, 2016, p. 74).

⁴¹ Em 11 de dezembro de 2018 esta API foi encerrada. Ver: <https://netlytic.org/home/?page_id=254>.

de perfis de usuários. Para esta pesquisa pretende-se utilizar como parâmetro de extração apenas a *hashtag* #saúde.



Figura 3 – Página do site Netlytic.

Fonte: <<https://netlytic.org/>>.

A API do Instagram permite a extração de até 2.500 “postagens” por dia, entre publicações originais e comentários, e organiza os dados extraídos em um arquivo de planilha eletrônica para *download*. São oferecidos dados como data e hora da postagem, *link* para acesso da postagem na plataforma e o texto postado completo. Destaca-se que o procedimento de extração a partir da ferramenta segue a Política de dados do Instagram⁴².

Pretende-se realizar o procedimento de extração no decorrer de quatro semanas, pelo menos duas vezes por semana, em dias alternados. Ao final do período, as extrações serão filtradas para seleção daquelas que contenham, concomitantemente as *hashtags* #saúde e #corpo⁴³ – tendo em vista a necessidade de delimitação da pesquisa e o delineamento teórico já apresentado neste projeto – e agrupadas em uma única planilha eletrônica.

⁴² Ver: <<https://help.instagram.com/519522125107875>>.

⁴³ Serão consideradas todas as variações destas *hashtags*.

Ainda as publicações serão acessadas na plataforma do Instagram, a partir dos links extraídos, e serão “printadas” para agregar a análise de dados visuais ao esforço de pesquisa. Nesta proposta analítica não serão considerados comentários e publicações de vídeos coletados a partir da *hashtag* utilizada. Os perfis autores das postagens extraídas também não serão analisados.

Destes dados selecionados se desdobrarão os procedimentos de análise referentes aos objetivos específicos de cada um dos artigos a serem elaborados enquanto resultado deste projeto de pesquisa. Considera-se assim que, em um primeiro artigo, se proceda uma análise a partir apenas de publicações originais de fotos, sem caráter de venda de produto ou prestação de serviço, a fim de problematizar os processos relativos a um governo dos vivos e vigilância da saúde identificados a partir da perspectiva dos agentes sociais usuários do Instagram.

Já em um segundo artigo, a análise deverá ser realizada a partir das publicações originais de fotos, com caráter comercial explícito – ou seja, venda de produto ou prestação de serviço –, para prosseguimento da proposta de problematização dos processos de governo dos vivos e vigilância da saúde, considerando aspectos da lógica de mercado e suas articulações enquanto dispositivos de exercício do controle sobre os agentes sociais que utilizam a rede.

Ao cabo, o processo de pesquisa será materializado em dois artigos, que deverão compor o todo acerca de um esforço para a construção de um fazer científico que avance na discussão sobre os processos de problematização dos indícios de operacionalização de uma sociedade de controle, seus mecanismos de exercício de um governo e de uma vigilância sobre a vida e a saúde da população na contemporaneidade.

Quanto aos aspectos éticos a serem observados, destaca-se que a pesquisa ficará desobrigada ao Comitê de Ética em Pesquisa, tendo em vista que utilizará dados de acesso público na internet (BRASIL, 2016). Nesta perspectiva, respeita também a lei 9.610 de 1998 de Direitos Autorais (BRASIL, 1998), referente a utilização livre de informações provenientes de espaços públicos. Para análise e apresentação dos achados serão observadas as recomendações do comitê de trabalho de ética da *Association of Internet Researchers* (AoIR) (2020)⁴⁴. Neste

⁴⁴ Ver: <<https://aoir.org/ethics/>> e <<https://aoir.org/reports/ethics3.pdf>>.

sentido, não serão divulgados os *links* das postagens extraídas e serão adaptados os prints de imagens da plataforma, garantindo a ocultação dos perfis acessados.

Havendo necessidade, os procedimentos apresentados neste projeto poderão ser revistos.

4 Cronograma

Atividades desenvolvidas	2016	2017		2018		2019		2020
	2° sem.	1° sem.	2° sem.	1° sem.	2° sem.	1° sem.	2° sem.	1° sem.
Ingresso no Doutorado	X							
Revisão de literatura	X	X	X	X	X	X	X	X
Elaboração da proposta de pesquisa		X	X	X	X	X		
Extração de dados				X				
Análise inicial dos dados				X	X	X		
Elaboração do artigo 1					X	X		
Qualificação da proposta de pesquisa e da primeira versão do artigo 1						X		
Ajuste da proposta de pesquisa a partir das considerações da banca							X	X
Submissão do artigo 1								X
Elaboração do artigo 2							X	X
Defesa final								X

Referências

ALVES, Marcelo. Abordagens da coleta de dados nas mídias sociais *In*: SILVA, Tarcízio; STABILE, Max (org.). **Monitoramento e Pesquisa em Mídias Sociais: metodologias, aplicações e inovações**. São Paulo, SP, editora Uva Limão, p. 67-87, 2016.

ANDRADE, Sandra dos Santos. Saúde e beleza do corpo feminino: Algumas representações no Brasil do Século XX. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 119-143, jan./abr. 2003.

ANTOUN, Henrique. Perspectiva histórica de uma tela à outra: a explosão do comum e o surgimento de uma vigilância participativa. *In*: _____ (org.). **Web 2.0: Participação e vigilância na era da comunicação distribuída**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

ASSOCIATION OF INTERNET RESEARCHERS. **Internet Research: Ethical Guidelines 3.0**. 2020. Disponível em: <<https://aoir.org/reports/ethics3.pdf>>. Acesso em: 27 de abr. 2020.

AVELINO, Nildo. Governamentalidade e Anarqueologia em Michel Foucault. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 25, n. 74, p. 139 - 157, 2010.

_____. Foucault e a anarqueologia dos saberes. *In*: FOUCAULT, Michel. **Do governo dos vivos: Curso no Collège de France, 1979-1980** (aulas de 09 e 30 de janeiro de 1980) São Paulo: Centro de Cultura Social, p. 17-37, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BAUMAN, Zygmunt; LYON, David. **Vigilância Líquida: Diálogos com David Lyon**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BOYD, Danah. Social network sites as networked publics: Affordances, dynamics, and implications. *In*: PAPACHARISSI, Zizi. **Networked Self Identity, Community, and Culture on Social Network Sites**. New York: Routledge, p. 39-58, 2010,

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Diário Oficial União, Brasília, DF, 24 maio 2016. Seção 1. p. 44-46. Disponível em: <http://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/2291758>. Acesso em: 25 maio 2020.

BRASIL. Lei n. 9610, de 19 de fevereiro de 1998. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. Lei de Direitos Autorais, Brasília, fev.1998. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9610.htm>. Acesso em: 25 maio 2020.

CANGUILHEM, Georges. **O Normal e o Patológico**. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2010.

CARRERA, Fernanda. Instagram no facebook: uma reflexão sobre ethos, consumo e construção de subjetividade em sites de redes sociais. **Revista interamericana de comunicação midiática**. v. 11, n. 22, p. 148-165, 2012.

CASSINO, João Francisco. Modulação deleuzeana, modulação algorítmica e manipulação midiática. In: SOUZA, Joyce; AVELINO, Rodolfo; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da (org.). **A sociedade de Controle**: Manipulação e modulação nas redes digitais. São Paulo: Hedra, p. 13-29, 2018.

CASTELLS, Manuel. **La Galaxia Internet**. Madri: Areté, 2001.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CHEVITARESE, Leandro; PEDRO, Rosa Maria Leite Ribeiro. Da sociedade disciplinar à sociedade de controle: a questão da liberdade por uma alegoria de Franz Kafka, em O Processo, e de Phillip Dick, em Minority Report. **Revista do Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFPE**, v, 8, n. 1.2. p 129-162, 2005.

CORBIN, Alain. **História do Corpo**: 2. Da Revolução à Grande Guerra. 2 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

COSTA, Rogério da. Sociedade de Controle. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 61-67, jan./mar. 2004.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**: 1972-1990. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

_____. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

ENGUITA, Mariano. **A face oculta da escola**: educação e trabalho no capitalismo. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FERNANDES, Ana Carolina Machado. Eu sou o que como: As Musas do Instafit e a adoção de novos hábitos alimentares para a construção do corpo sarado. VIII Encontro Nacional de Estudos do Consumo IV Encontro Luso-Brasileiro de Estudos do Consumo II Encontro Latino-Americano de Estudos do Consumo Comida e alimentação na sociedade contemporânea. **Anais...** p.1-18, 2016.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 1, n. 28, p. 151-162, 2002.

_____. **Televisão e Educação**: Fruir e pensar a TV. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975 – 1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999a.

_____. **As Palavras e as Coisas**. 8 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999b.

_____. **Ditos e Escritos IV**: Estratégia, Poder-Saber. 2 ed, Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2006.

_____. **Vigiar e Punir**. 33 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. **Nascimento da biopolítica**: curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

_____. **Segurança, Território e População**: curso no Collège de France (1977 – 1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

_____. **Arqueologia do Saber**. 7 ed. Tradução Luiz F.B. Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008c.

_____. **Do governo dos vivos**: Curso no Collège de France, 1979-1980 (aulas de 09 e 30 de janeiro de 1980) São Paulo: Centro de Cultura Social, 2011.

_____. **Microfísica do Poder**. 4 ed, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FRAGA, Alex Branco. **Exercício da informação**: governo dos corpos no mercado da vida ativa. Campinas: Autores Associados; 2006.

GOMES, Isabelle Sena; CAMINHA, Iraquitan de Oliveira. Os discursos de corpo bem dito, mal dito e não dito: uma análise a partir de filmes. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v. 38, n.4, 2016.

HARDT, Michael. A sociedade mundial de controle. In: ALLIEZ, ERIC (org). **Gilles Deleuze**: uma vida filosófica. São Paulo: Editora 34, 2000.

HU, Yuheng; MANIKONDA, Lydia; KAMBHAMPATI, Subbarao. What we Instagram: a first analysis of Instagram photo content and user types. **Proceedings of the Eighth International AAAI Conference on Weblogs and Social Media**, Arizona, 2014, p. 595-598.

JACOB, Helena. Redes sociais, mulheres e corpo: um estudo da linguagem fitness na rede social Instagram. **Revista Comunicare**, v. 14, n. 1, p. 88-105, 2014.

LAZZARATO, Maurizio. **As revoluções do capitalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LEITZKE, Angélica Teixeira da Silva; RIGO, Luiz Carlos; KNUTH, Alan Goularte. Estratégias biopolíticas de construção do corpo e vigilância da saúde: o caso “Medida Certa”. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, 2019. No prelo.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: 34, 1993.

_____. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LUPTON, Deborah. Digital media and body weight, shape, and size: An introduction and review. **Fat Studies**, v. 6, n. 2, p. 119-134, 2017.

OLIVEIRA, Alexandre Palma de; *et al.* Culto ao corpo e exposição de produtos na mídia especializada em estética e saúde. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 01, p. 31-51, jan./mar, 2010.

PALMA, Alexandre *et al.* Os “pesos” de ser obeso: traços fascistas no ideário de saúde contemporâneo. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 4, p. 99-119, out./dez. 2012.

PELBART, Peter Pál. **Vida Capital**: ensaios de biopolítica. São Paulo: Iluminuras, 2003.

PRIMO, Alex. Interação mútua e reativa: uma proposta de estudo. **Revista da Famecos**, n. 12, p. 81-92, jun. 2000.

_____. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. **E- Compós** (Brasília), v. 9, p. 1-21, 2007.

RECUERO, Raquel; BASTOS, Marco; ZAGO, Gabriela. **Análise de redes para mídia social**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2015.

ROSA, Fábio Medeiros da; CHEVITARESE, Leandro. Vigilância e relações de poder nas redes sociais: questões éticas na sociedade contemporânea. **ORGANICOM**, v. 14, p. 59-69, 2018.

SANT’ANNA, Denise Bernuzzi. **História da Beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.

SANTOLIN, Cezar Barboza. **O nascimento da obesidade**: um estudo genealógico do discurso patologizante. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013.

SCLIAR, Moacyr. História do Conceito de Saúde. **PHYSIS Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.1, n. 17, p. 29-41, 2007.

SENNETT, Richard. **Carne e Pedra**: o corpo e a cidadania na civilização ocidental. Rio de Janeiro: Record, 2005.

SILVA, Thiago R. *et al.* Uma Fotografia do Instagram: Caracterização e Aplicação. 31 Simpósio Brasileiro de Redes de Computadores e Sistemas Distribuídos – SBRC **Anais...** p. 455-468, 2013.

SILVA, Méri Rosane Santos da; SILVA, Rose Méri Santos da. O esporte como um direito: traços e tramas de uma experiência genealógica. FREITAS, Gustavo da Silva; HECKTHEUER, Luiz Felipe Alcantara, SILVA, Méri Rosane Santos da (org.). **Pensar a Pesquisa: Operações em funcionamento**. Rio Grande: Ed. da FURG, p. 27-50, 2019.

SILVEIRA, Viviane Teixeira; RIGO, Luiz Carlos. O programa passaporte biológico: considerações sobre o governo dos atletas. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 2., p. 495-506, 2015.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. A noção de modulação e os sistemas algorítmicos. *In*: SOUZA, Joyce; AVELINO, Rodolfo; SILVA, Sérgio Amadeu da (org.). **A sociedade de Controle: Manipulação e modulação nas redes digitais**. São Paulo: Hedra, p. 31-46, 2018.

SOARES, Carmen Lúcia. **Imagens da Educação no Corpo**. 2 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

VEIGA-NETO, Alfredo. Teoria e Método em Michel Foucault: (im)possibilidades. **Cadernos de Educação**, v. 1, p. 11-23, 2009.

_____. A facilidade de se fazer algo difícil ou, se quisermos, A dificuldade de se fazer algo fácil. *In*: FOUCAULT, Michel. **Do governo dos vivos: Curso no Collège de France, 1979-1980 (aulas de 09 e 30 de janeiro de 1980)** São Paulo: Centro de Cultura Social, p. 9-16, 2011.

VIGARELLO, Georges. **História da Beleza: O corpo e a arte de se embelezar, do Renascimento aos dias de hoje**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

VILELA, Eugénia. Resistência e acontecimento. As palavras sem centro. *In*: GANDRA, Jose; KOHAN, Walter. (org.). **Foucault 80 anos**. Belo Horizonte: Autêntica 2006. p. 107 – 127.

ZANDAVALLE, Ana Cláudia. Análise de dados visuais no Instagram: Perspectivas e aplicações. *In*: SILVA, Tarcízio; BUCKSTEGGE, Jaqueline; ROGEDO, Pedro

(org.). **Estudando cultura e comunicação com mídias sociais**. Brasília: IBPAD, 2018, p. 80 - 96.

Artigo 1

SOCIEDADE DE CONTROLE E REDES SOCIAIS NA INTERNET: #SAÚDE E #CORPO NO *INSTAGRAM*

SOCIETY OF CONTROL AND SOCIAL NETWORKS ON THE INTERNET: #HEALTH AND #BODY ON *INSTAGRAM*

SOCIEDAD DE CONTROL Y REDES SOCIALES EN LA INTERNET: #SALUD Y #CUERPO EN *INSTAGRAM*

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar texto e imagem de publicações na rede social *Instagram*, com as *hashtags* #saúde e #corpo, a partir da noção deleuzeana de sociedade de controle. Para a coleta, utilizou-se o site *Netlytic* e, para a seleção dos dados, o *software LibreOffice Calc*. A metodologia consiste em uma análise enunciativa de perspectiva foucaultiana. Os resultados assinalam a presença de práticas que remetem às técnicas de confissão, de intervenção e de manipulação do corpo e às estratégias de controle para produção da saúde a partir da produção de verdades. Esses são indícios da operacionalização dos atuais mecanismos de vigilância da saúde e das estratégias de governamentalidade na sociedade de controle.

Palavras-chave: Governo. Controle da População. Saúde. Rede social.

Abstract: This paper aims to analyze text and images published on *Instagram* under the *hashtags* #health and #body based on the Deleuzean notion of society of control. Data were collected using the website *Netlytic* and analyzed with the *software LibreOffice Calc*. The methodology consists of an utterance analysis following a Foucaultian perspective. The results stress the presence of practices addressing techniques of confession, intervention and manipulation of the body, on the one hand, as well as controlling strategies to promote health based on the production of truths, on the other. These are indications of how the current health surveillance mechanisms and governmentality strategies in the society of control are operationalized.

Keywords: Government. Population Control. Health. Social Networking.

Resumen: Este artículo objetivó analizar texto e imagen de publicaciones en la red social *Instagram*, con los *hashtags* #salud y #cuerpo, a partir de la noción deleuzeana de sociedad de control. Para la colecta, fue utilizado el sitio *Netlytic*, y, para la selección de los datos, el *software LibreOffice Calc*. La metodología consiste en un análisis enunciativa de perspectiva foucaultiana. Los resultados señalan la presencia de prácticas que remiten a las técnicas de confesión, de intervención y de manipulación del cuerpo y a las estrategias de control para producción de la salud a partir de la producción de verdades. Esos son indicios de la operacionalización de los actuales mecanismos de vigilancia de la salud y de las estrategias de gubernamentalidad en la sociedad de control.

Palabras clave: Gobierno. Regulación de la Población. Salud. Red Social.

1 INTRODUÇÃO

Ocorre, na contemporaneidade, uma revolução tecnocientífica e eletrônica, que eleva a Internet a uma das mais surpreendentes mídias já desenvolvidas (ANTOON, 2008). As influências dessa revolução vão além das mudanças nos modelos de comunicação, refletindo o que Deleuze (1992) apresenta como indícios da emergência de uma sociedade de controle: uma nova configuração social, exercida a partir de um poder constante e de uma comunicação rápida e contínua.

As condições de emergência da sociedade de controle, além de no desenvolvimento tecnocientífico, estão no êxito das estratégias disciplinares e na crise das instituições de confinamento, ambas típicas da anterior sociedade disciplinar, desenvolvida desde meados do século XVII (DELEUZE, 1992; FOUCAULT, 2007).

Na sociedade disciplinar, o modelo de vigilância é executado a partir do sequestro dos corpos para dentro das instituições de confinamento – fábricas, hospitais, exércitos, escolas –, onde são classificados e tornam-se objeto para a produção de novos saberes. Com o aperfeiçoamento desse processo – sequestro, classificação e produção de saberes –, passa-se do homem-corpo ao homem-espécie; de uma anátomo-política do corpo a uma biopolítica¹ da população, o que ocasiona um refinamento das estratégias de governamentalidade² (FOUCAULT, 2007; 2008a; 2008b; 2011; 2016).

Segundo Foucault, fazer viver uma população é o grande problema do governo na sociedade disciplinar. Desse modo, é exercido um (bio)poder regulamentador sobre o corpo – tido enquanto realidade biopolítica – objetivando a correção das normas de conduta e dos desvios de normalidade³, propiciando a produção de verdades e também de subjetividades dóceis, oriundas de diferentes tecnologias de si, implicando em práticas de saúde (FOUCAULT, 1999a; 2008a; 2011; 2016).

No entanto, Foucault (2006) apontava uma eventual separação do modelo de sociedade de disciplina. Ao tratar dos indícios dessa separação, Deleuze (1992) identifica

¹ “[...] maneira como se procurou, desde o século XVIII, racionalizar os problemas postos à prática governamental pelos fenômenos próprios de um conjunto de viventes constituídos em população: saúde, higiene, natalidade, longevidade, raças [...]” (FOUCAULT, 2008b, p. 431).

² Conjunto de instituições, técnicas e relações que propiciam o exercício de um poder chamado governo, exercido sobre a população, a partir, primordialmente, da economia política como forma de saber e dos dispositivos de segurança enquanto técnica fundamental – uma certa convergência entre as técnicas de dominação e as tecnologias de si (FOUCAULT, 2006; 2011; 2016).

³ A questão do normal e do patológico, em Foucault, relaciona-se, em certa medida, às concepções de Canguilhem (2010), para o qual a anomalia, o anormal e o patológico não existem por si só, sendo apenas expressões de vida possíveis.

a emergência da sociedade de controle, um modelo em que a vigilância é executada a partir da regulação das informações. Para ele, o computador seria a máquina que melhor representaria as novas formas de exercício do poder.

Com a evolução tecnológica das máquinas de computador, emerge o ciberespaço, um “[...] espaço de comunicação navegável e transparente, centrado na informação” (LÉVY, 1999, p. 43), que acopla todos os computadores conectados através da Internet. A Internet, articulada especialmente a partir de plataformas de relacionamentos interpessoais e aplicativos em rede, aperfeiçoados pela inteligência coletiva (O’ REILLY, 2005), potencializa a produção contemporânea de saberes. Suas características multimodais, relacionais e de rede (LÉVY, 1993)⁴ alicerçam uma coparticipação criativa de interações mútuas entre os usuários (PRIMO, 2000), principalmente nas plataformas de redes sociais.

As redes sociais, agrupamentos construídos justamente pela interação mútua entre os sujeitos, seja *online* ou *offline*, constituem o que Recuero, Bastos e Zago (2015, p. 23) identificam como “[...] estrutura fundamental para a sociedade”. Na Internet, essas redes operacionalizam-se em plataformas, tornando suas conexões mais estáveis e possibilitando o registro e extração de uma quantidade maciça de dados, o que converte os espaços virtuais em relevantes campos de pesquisa (RECUERO; BASTOS; ZAGO, 2015).

Dentre as redes sociais de destaque na Internet, tem-se o *Instagram*, uma plataforma de publicação de imagens e vídeos com cerca de 66 milhões de usuários no Brasil, segundo país com mais usuários no mundo⁵. Normalmente acessado via *smartphone*, possui conectividade com outras plataformas e permite a publicação de legendas com a adição de *hashtags* (#), que se comportam como *hiperlinks* para buscabilidade.

Considerando o potencial de abrangência e produtividade do *Instagram* (SILVA *et al*, 2013), torna-se relevante observar suas relações discursivas sobre saúde e corpo. A temática da saúde no campo midiático, na perspectiva foucaultiana, já foi objeto de outros estudos (FRAGA, 2006; OLIVEIRA *et al*, 2010; GOMES; CAMINHA, 2016; LEITZKE; RIGO; KNUTH, 2019), inclusive de pesquisas sobre o *Instagram* (JACOB, 2014; FERNANDES, 2016), mas são raros estudos que abordem a mesma temática a partir da

⁴ Representações diversas relativas a uma mesma mensagem, remodelando sentidos diversificados (LÉVY, 1993).

⁵ Ver: <<https://exame.abril.com.br/tecnologia/estes-sao-os-dez-paises-que-mais-usam-o-instagram/>>.

perspectiva deleuziana de sociedade de controle. Nesse sentido, este artigo objetivou analisar texto e imagem de publicações do *Instagram* com as *hashtags* #saúde e #corpo, discutindo indícios da operacionalização dos mecanismos de governamentalidade no contexto da sociedade de controle.

2 CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

O *corpus* empírico desta pesquisa constitui-se de 52 publicações do *Instagram*. Para coleta dos dados, utilizou-se a ferramenta de extração via API⁶ *Netlytic*⁷.

Durante quatro semanas, em dias alternados⁸, foram extraídas 24.178 postagens, dentre publicações e comentários, a partir da *hashtag* #saúde. Os dados (data e hora, perfil, texto e *link* para acesso das postagens) referentes a cada dia foram agrupados em um único arquivo de planilha eletrônica. Posteriormente, através da ferramenta de filtro padrão do *LibreOffice Calc*, selecionaram-se apenas postagens que continham concomitantemente as *hashtags* #saúde e #corpo⁹, restando 281. Em um terceiro momento, as 281 postagens foram acessadas no *Instagram* e “printadas” para análise. Para esta pesquisa, foram selecionadas apenas as publicações sem caráter de venda de produto ou prestação de serviço, desconsiderando-se comentários e vídeos, restando as 52 publicações analisadas.

A coleta seguiu a Política de dados do *Instagram*¹⁰, e, em observância às recomendações do comitê de trabalho de ética da *Association of Internet Researchers* (AoIR)¹¹, não foram divulgados *links* ou imagens analisadas.

O tratamento dos dados, enquanto fontes históricas, privilegia uma análise enunciativa a partir dos pressupostos foucaultianos. Percebe-se o enunciado enquanto conjunto de focos de relações de força visíveis, ao mesmo tempo que ocultos. Sua transversalidade garante sua irredutibilidade a um mero contexto, tendo relações com

⁶ Application Programming Interface, “[...] comandos que permitem a usuários e aplicativos se comunicarem com os sites e requisitarem dados hospedados em seus servidores” (ALVES, 2016, p. 74).

⁷ Ver: <<https://netlytic.org/>>.

⁸ Os dias de coleta foram escolhidos aleatoriamente, com uma frequência de, ao menos, dois dias por semana, no período compreendido entre 22/02/2018 e 25/03/2018.

⁹ Consideraram-se todas as variações das *hashtags*. A opção por delimitar o estudo deu-se a partir da perspectiva teórica assumida, entendendo o corpo enquanto realidade biopolítica, onde se inicia a operacionalização do controle, pois “foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista” (FOUCAULT, 2016, p. 144).

¹⁰ Ver: <<https://help.instagram.com/519522125107875>>.

¹¹ Ver: <<https://aoir.org/ethics/>>.

quem o produz ou reproduz e com os espaços ou instituições onde se articula (FOUCAULT, 1996; 1999b; 2006; DELEUZE, 2005).

Consideram-se as diagonais que interligam as práticas discursivas e não-discursivas através da análise das relações discursivas entre as duas práticas, identificando seus sistemas de formação e seus processos de saber-poder imbricados a regimes de verdade, suas condições de possibilidade de existência, seus mecanismos de manifestação e materialidade, procedimentos e os sujeitos que lhes operam, testemunham ou mesmo lhes são objeto, fazendo aparecer as múltiplas formas de constituição da realidade, seus efeitos e possibilidades de resistência (FOUCAULT, 2006; 2011; DELEUZE, 2005).

Busca-se “[...] recolocar o regime de produção do verdadeiro e do falso no coração da análise histórica e da crítica política” (FOUCAULT, 2006, p. 343), delineando quais as formas de produção de subjetividade relativas aos jogos de verdade de um biopoder, que constitui as atuais relações de governo da vida e da saúde na sociedade de controle.

3 #SAÚDE E #CORPO NO INSTAGRAM: OPERACIONALIZAÇÃO DE UMA SOCIEDADE DE CONTROLE

As publicações analisadas trazem imagens de homens e mulheres durante ou após a realização de atividades físicas variadas, em muitas, exibindo o que se apresenta como resultados de rotinas de treinos eficientes. Há também imagens de pratos e receitas, dicas de saúde e beleza, bem como textos de incentivo.

Estimuladas pelas características da plataforma, estratégias discursivas de confissão se destacam. Os usuários “postam” textos em que confessam como estão se saindo em suas rotinas de exercícios ou de dieta, exibindo seus pratos e corpos como comprovação de seu empenho e êxito.

Neste sentido, um usuário confessa, apresentando um prato com torradas e ovos: “CAFÉ DA MANHÃ HOJE COM DOIS OVINHOS + 1 FATIA DE PÃOZINHO INTEGRAL + CAFEZINHO COM LEITE” (13/03/2018); declara, ainda, a partir do uso de *hashtags*, seu foco em uma “#reeducaoalimentar”, exibindo o que chama de “#diariofitsemneurose #DIETASEMNEURA”, posta em prática por “#amorproprio”.

Outro usuário exhibe imagens de si de frente e de perfil, confessando sua “#ResoluçãoDeAnoNovo”, vinculada a uma “#ReeducaçãoAlimentar” e associada ao “#treino”: “Peso: 63 Tórax: 92 Braço: 28 Cintura: 83 Quadril: 92 Começo de #Março,

pouca coisa mudou de Fevereiro pra cá [...] E claro, preciso manejar nas comidas gordurosas a noite, e aproveitar os outros dias sem aula pra usar o #freeletics¹². Pode não aparecer mas vejo mudanças na região abdominal, amém” (13/03/2018).

Uma usuária, exibindo uma *selfie*, confessa, com o uso de *hashtags*, seus interesses em “#bike” e “#spinning” (23/02/2018). Há, também, outra usuária que utiliza uma *selfie* de corpo inteiro para confessar que pratica “#caminhada”, salientando: “#então vamos #néh” (21/03/2018). Ainda mais uma usuária exibe em uma *selfie* mostrando seu corpo usando um biquíni, declarando obediência a hábitos de “#vidasaudavel”, como “#caminhada” e “#boaalimentação” (25/03/2018).

Destaca-se outra usuária, que confessa seu processo de modificação corporal, exibindo uma imagem de antes e depois de suas “#mudancasdehabito” e aderência a programas de “#jejumintermitente” e “#projeto fitness” (21/03/2018). Mais uma publica uma *selfie* na academia após o treino: “mesmo com uma preguiça enorme, tomei meu termogênico e fui para a academia” (23/02/2018). Neste sentido, ainda outra usuária publica uma foto executando um exercício de corda naval e confessa: “Morreni” (13/03/2018), salientando que “#tapago” o “#funcionaldodia”.

Percebem-se indícios de que a confissão se operacionaliza, na atualidade, como uma técnica de subjetivação e estratégia de governamentalidade, noção já anunciada por Foucault (2016) ao traçar uma genealogia da obediência. As práticas confessionais, típicas da moralidade cristã, constituíam, na sociedade disciplinar, um importante dispositivo para o exercício da governamentalidade. A submissão e a obediência partem diretamente da obrigatoriedade de se dizer a verdade sobre si mesmo, desde seus pecados até seus desejos, traçando enunciados sobre si. Para um efetivo governo dos vivos, é necessária uma junção eficiente entre os dispositivos de regulamentação e as tecnologias de si, estas últimas desenvolvidas principalmente a partir da confissão, implicando em diferentes modos de subjetivação (FOUCAULT, 1999a; 2008a; 2011).

Na atual sociedade de controle, ainda que em um contexto diferenciado, os indícios apontam que os sujeitos seguem instigados a falarem sobre si e a confessarem, agora nas redes sociais, seus modos de ser e estar. A permanência das técnicas de confissão como estratégias de governo assinala que, de forma um pouco diferente do que pressupunha Deleuze (1992), a crise das instituições de confinamento não as levou à extinção, mas, antes, as dissolveu nas incontáveis estrias da aparente lisa sociedade de controle. As

¹² Ver: <<https://www.freeletics.com/pt/>>.

estratégias de disciplinamento e regulamentação, antes centradas nos limites das instituições, invadem os espaços públicos. O borramento entre as fronteiras do público e do privado produz novos saberes e novos modos de subjetivação e de assujeitamento no século XXI (HARDT, 2000).

Essa perspectiva corrobora a percepção de Recuero, Bastos e Zago (2015) acerca da atuação das mídias sociais como traduções da esfera pública. Os discursos ali produzidos pelos sujeitos, ainda que de caráter confessional, evidenciam o que constitui a “opinião pública”, contexto que propicia a emergência da exposição do Eu. É necessário contar a todos como Eu me visto, como Eu me alimento, exibir aquilo que Eu gosto e consumo, em outras palavras, confessar quem Eu sou para assim poder vir a Ser. A confissão se relaciona diretamente com o “Show do Eu” (SIBILIA, 2008).

Nas publicações analisadas, os corpos dos usuários são exibidos como “prova” para comprovação de seus hábitos saudáveis, o que expressa as marcas do processo histórico de intervenção e manipulação do corpo. Os corpos, que na segunda metade do século XX já estão suficientemente disciplinados, alinhados, modelados e classificados (FOUCAULT, 2007), passam a ser anunciados como referência, e, a partir do século XXI, com a emergência da sociedade de controle, virtualizam-se e aumentam sua visibilidade: corpos virtuais que produzem efeitos de realidade, confessando estratégias de saúde e exibindo modelos e padrões.

Corroborando com essa compreensão, destacam-se mais duas publicações: um usuário que posta uma *selfie* durante a prática de exercícios: “*Comece a cuidar mais de você! Faça atividades físicas, sua saúde agradece!*” (22/02/2018), e uma imagem de um homem realizando uma atividade, acompanhada da mensagem: “*Meu treino me leva a ter um corpo mais eficiente e mais forte para minhas atividades esportivas e para minha vida*” (07/03/2018).

Intervenções e investimentos sobre o corpo desenvolveram-se a partir de um ideário de saúde e beleza referendados em saberes que emergiram no século XX, como é o caso, por exemplo, do cálculo do IMC (índice de massa corporal) (VIGARELLO, 2006; SANTOLIN; RIGO, 2015). Sant’Anna (2014, p. 16) destaca que “[...] a transformação do embelezamento em gênero de primeira necessidade marcou profundamente o século XX”, produzindo estratégias de manipulação do corpo, subsidiadas por um discurso de saúde.

As relações entre corpo, saúde e beleza expressas na atualidade e percebidas também nas publicações extraídas constroem-se em conjunto com a ascensão das práticas

fitness, de ginásticas e de dietas. No Brasil, principalmente a partir da década de 80, tais práticas ganharam força junto à promoção de imagens de corpos atléticos, jovens e desejáveis (SANT’ANNA, 2014). Essa tendência, por vezes, serviu de justificativa para a aparição de discursos que desqualificam e até patologizam o corpo gordo (SANTOLIN; RIGO, 2015). Principalmente a partir da segunda metade do século XX, “a magreza encarna o novo *ideal* de beleza, e a gordura é associada à doença [...]” (ANDRADE, 2003, p. 126, grifos do autor).

Expresso nas publicações e endereçado aos possíveis seguidores, o chamamento à “#boaforma”¹³ carrega regimes de verdades vinculados a determinadas formações discursivas normativas e normalizadoras acerca da responsabilização dos sujeitos sobre sua saúde.

Isso pode ser observado, por exemplo, na publicação de uma usuária que exhibe seu corpo magro e declara: “*Se amar faz bem, Mas se cuidar também. [...] Hoje quero estimular você a se amar!*” e complementa com *hashtags* como “#sejaFeliz”, “#reaja” e “#alimentaçãosaudavel”, “#corpoperfeito”, “#emagrecimento”, “#barrigachapada” e “#barriganegativa” (21/03/2018). Ainda outro exemplo é a publicação de um usuário, em que se observa a seguinte legenda na imagem “*A regra é simples... ou você faz ou continua na mesma*” (08/03/2018).

Percebe-se, nas publicações, a exibição de corpos de pessoas magras e atléticas, que convidam seus seguidores a fazerem igual para alcançarem a “#beleza”, a “#barrigachapada”, a “#boaforma”, o “#corpoperfeito”, mas também a “#qualidadedevida” e a “#saúde”. Muitas vezes, as categorias parecem intrínsecas umas às outras.

Além disso, destacam-se, nas escritas, indícios da tendência que Sant’Anna (2014) denomina de “hipersaúde”, referente à crescente necessidade, expressa no sistema de formação discursiva sobre saúde, de se estar 100% saudável, “sarado”. Possivelmente, no *Instagram*, isso se reconfigure para a necessidade de dizer, ou de parecer estar, 100% saudável.

Ainda outras publicações reproduzem enunciados típicos de discursos de responsabilização dos sujeitos. Em determinada publicação, cuja ilustração traz uma mulher despindo-se da gordura (03/03/2018), o usuário é convidado a um “desafio” que

¹³ Aqui utiliza-se a expressão “boa forma” em seu formato de *hashtag* (#), tal como aparece nos excertos analisados. Em outros momentos do texto as *hashtags* também são utilizadas como recurso de linguagem para enfatizar as expressões encontradas no decorrer da análise.

consiste em “*beber 2l de água por dia, [ficar] sem frituras, sem refrigerante, sem açúcar, sem feijão e sem arroz na janta*”. Em outra publicação, observa-se uma *selfie* tirada após o treino junto à descrição: “*Se você quer chegar ao lugar aonde a maioria não chega, deve fazer o que a maioria não faz. Quem desiste da luta, senta para assistir a vitória dos outros*” (21/03/2018).

Encontra-se também nas publicações analisadas a presença de discursos prescritivos, estratégias dos sistemas de formação discursiva do contexto biopolítico, referentes aos procedimentos médicos de inoculação da população (FOUCAULT, 2008a).

Neste sentido, salientam-se três publicações: na primeira o usuário dá o passo a passo para realizar o exercício de supino inclinado (21/03/2018); em uma segunda são exibidas dicas para obtenção de resultados mais rápidos, referente à frequência de treinamento, treinamento para perda de gordura abdominal, treinamento para mulheres e crianças (22/02/2018); e uma terceira, em que a imagem de uma mulher praticando exercícios é exibida, juntamente à seguinte descrição, “*12 dicas para perder peso*”, com recomendações de comportamento como “*mexa-se*” e “*Não coma por impulso*” e de alimentação saudável, como “*Capriche nas hortaliças*” e “*Pela manhã prefira ovos ao invés de pão*” (15/03/2018).

Os enunciados, seja pelo texto interpelativo, seja pelas fotos de corpos magros, lisos e delineados, apresentam-se como vetores de uma subjetividade desejante. Isso pode ser percebido em outras duas publicações. Em uma, uma mulher muito magra, de cintura extremamente fina, aparece exibindo seu corpo de biquíni na praia, olhando para sua barriga; em outra, uma mulher bastante musculosa aparece tirando uma *selfie* em frente a um espelho, exibindo em especial a musculatura definida de sua barriga. Ambas com a mesma descrição feita apenas em *hashtags*: “*#musculação #musculaçãomulheres #musculacaomulheres #nutrição #saúde #alimentação #alimentacaosaudavel #mulheres #musculacaoparamulheres #instafit #academia #treino #dicas #dicasfitness #emagrecimento #boaforma #corpo #atividadefisica #comidadeverdade #exercício #sucesso #foco #meta #crossfit #agua #top10 #calorias #qualidadedevida*” (03/03/2018; 09/03/2018).

Apesar de não haver uma padronização acerca de determinado conceito de saúde nas publicações analisadas, percebe-se a predominância de enunciados referentes à responsabilização, reduzindo-a, tão somente, às escolhas individuais do sujeito para

alcançar o “#corpoperfeito” desejado e a “#boaformafísica”, a partir de uma “#atitude” para um “#estilodevida” com “#saúdeintegral”.

Ainda que algumas publicações ressaltem as singularidades de cada indivíduo, não deixam de produzir desejos e incutir responsabilidades. Por exemplo, uma usuária salienta “*Não se baseie em outros corpos, faça do seu próprio corpo sua melhor versão!*” (07/03/2018) e, no entanto, exibe uma imagem de uma jovem magra, usando uma roupa justa, que acentua sua cintura, em posição de equilíbrio, modelo contemporâneo de um ideário de saúde. Outra usuária, ao apresentar sua perspectiva de “#terapia” a partir da “#físicaquantica”, pergunta: “*O que você pode escolher diferente que criaria uma nova realidade?*” (23/02/2018). Os recursos são variados, basta escolher e buscar sua “melhor versão”.

No entanto, em algumas publicações, parece que a saúde se vincula a outras perspectivas. Por exemplo, uma usuária mostra a página de um livro: “*Sinto que precisamos, urgentemente, lembrar que a nossa humanidade é um exercício diário próprio da vida, e que abdicar dele, ou esquecê-lo, traz consequências graves, tanto para a nossa individualidade como para nossa sociedade.*” Como legenda, complementando sua perspectiva, a usuária ainda utiliza as *hashtags* “#espiritualidade”, “#emoções”, “#sensações”, “#xamanismo”, “#terapiaholistica” e “#meditacaoativa” (13/03/2018).

Outra usuária posta uma foto de si em posição de meditação e escreve: “*Qual é o nome da sua doença? Qual rótulo foi colocado a ela? Quer seja pela ciência alternativa ou ciência fisiológica, entenda, SEMPRE o adoecer é um processo onde o ser humano não se adapta ao meio em que está vivendo*” (07/03/2018). Mais uma usuária posta a seguinte mensagem em conjunto a *hashtags* como “#espiritualidade”, “#bemestar” e “#empatia”: “*Moça, ele não vai mudar por sua causa!... Ninguém muda por ninguém! O problema não está em você...*” (25/03/2018).

Apesar de no corpus analisado predominarem discursos que se pautam por um conceito de saúde legitimado nas verdades científicas biomédicas, instituídas na sociedade ocidental, também identificaram-se discursos que escapam a esta lógica. Isso assinala a emergência de outros saberes e outras verdades acerca do campo da saúde na atualidade.

Considerando as características específicas da Internet, de replicabilidade, buscabilidade, escalabilidade e visibilidade (RECUERO; BASTOS; ZAGO, 2015), difunde-se a possibilidade de produção de discursos sobre saúde. Acessíveis rapidamente

pelas *hashtags* – *hiperlinks* que levam aos hipertextos na rede –, as publicações no *Instagram* projetam-se a um nível macro.

Constroem-se novos saberes sobre saúde, potencialmente produtores de outros regimes de verdade, os quais implicam em novos efeitos de realidade, relações de força e possibilidades de resistência. Assim, a produção de saberes vinculados à saúde na Internet torna-se exponencialmente difusa entre os usuários da rede.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todo o exposto neste trabalho, assinala-se que, no século XXI, as redes sociais, na Internet, consolidam-se como parte operante das estratégias de governamentalidade. É nas redes sociais que se evidencia como se operacionaliza uma sociedade de controle na contemporaneidade, em que as relações de poder constroem engrenagens reais-virtuais-reais. Assim como na sociedade disciplinar, elas produzem um (bio)poder; agora, porém, virtualmente diluído.

As relações de poder produzidas difundem-se no corpo social e multiplicam-se de forma rizomática, diluindo as fronteiras dos antigos espaços institucionais disciplinares. Fazer viver já não é mais tanto uma questão de confinamento, mas de controle sobre o corpo, sobre a saúde e a vida de cada um e, se possível, de todos. Esse controle constrói-se sobre a produção de verdades, subjetividades e desejos, processo relacionado – se não condicionado – a uma (bio)tecnologia, que permeia a zona de subjetivação enquanto delinea os contornos do diagrama¹⁴ de uma pós-modernidade.

O governo de si e dos outros, cada vez mais, opera-se em rede. No ciberespaço, as redes mostram os indícios das atuais estratégias de vigilância, que potencializam a produção de saberes sobre os sujeitos a partir de sua própria vontade em se mostrar, em explicitar cada vez mais suas subjetividades: condições essenciais para elaboração das estratégias de controle (COSTA, 2004).

Como apontados na análise deste trabalho, circulam, no *Instagram*, enunciados vinculados a práticas de confissão, intervenção e manipulação do corpo, relações entre corpo, saúde e beleza, estratégias de manutenção da saúde e normalização dos sujeitos, prescrição, responsabilização e criação de desejos. Na plataforma, os indivíduos buscam

¹⁴ Refere-se aqui à ilustração de Deleuze (2005, p.128) sobre o diagrama de Foucault.

controlar uns aos outros e a si mesmos. Disseminam-se as relações de poder, mas também as estratégias de controle e de vigilância (COSTA, 2004).

Nesse sentido, o governo dos vivos na sociedade de controle, similar ao que apontou Foucault (2011) na sociedade disciplinar, se exerce na produção de verdades. Mudam-se, no entanto, as estratégias de produção e seus meios de disseminação, agora dissolvidos em relações rizomáticas de saber-poder.

Isso não significa discutir se as publicações analisadas e os saberes que veiculam, a partir dos sistemas de formações discursivas em que se apoiam, são ou não verdadeiros. Afinal, para Foucault (2011), a verdade é, ela mesma, uma construção tensionada a partir das relações de poder. Nesse caso, “[...] importa menos a formação especializada de membros individuais. A credibilidade e relevância dos materiais publicados é reconhecida a partir da constante dinâmica de construção e atualização coletiva” (PRIMO, 2007, p. 4).

No modelo de sociedade de controle, operacionaliza-se um processo coletivo real-virtual de autoprodução e autovigilância pelas regras da evidência. Nas redes sociais, na Internet, os enunciados se disseminam a partir das relações estabelecidas entre os usuários acerca de “[...] quais informações serão reproduzidas, quais serão reverberadas, quais receberão visibilidade e quais serão debatidas [...]” (RECUERO; BASTOS; ZAGO., 2015, p. 132).

Alguns enunciados sobre saúde transpassam outros sistemas de formações discursivas, que não apenas aqueles vinculados às ciências médicas e biológicas. Mesmo que se possa dizer que tais perspectivas não sejam predominantes, sua existência tensiona as relações de saber-poder, evidenciando que este espaço de produção de verdades não é neutro ou homogêneo. Como salienta Foucault (2016, p. 360), a resistência é coextensiva ao poder e “para resistir, é preciso que a resistência seja como o poder. Tão inventiva, tão móvel, tão produtiva quanto ele”.

No contexto da sociedade de controle e das redes sociais na Internet, as condições de possibilidade de resistência adquirem configurações diferenciadas. No entanto, considerando que ainda a governamentalidade pareça ser exercida a partir da produção de verdades sobre os sujeitos, talvez o importante “[...] venha a ser criar vacúolos de não-comunicação, interruptores, para escapar ao controle” (DELEUZE, 1992, p. 217).

Como perspectivas futuras, a investigação das estratégias enunciativas em publicações de caráter comercial, bem como das relações de interação entre os sujeitos nas redes sociais na Internet, parecem caminhos produtivos para novos estudos que tratem

de temas emergentes no campo da saúde, fazendo interface com as questões de governamentalidade, na busca por mais indícios da operacionalização de uma sociedade de controle.

REFERÊNCIAS

ALVES, Marcelo. Abordagens da coleta de dados nas mídias sociais *In*: SILVA, Tarcízio; STABILE, Max (org.). **Monitoramento e Pesquisa em Mídias Sociais: metodologias, aplicações e inovações**. São Paulo, SP, editora Uva Limão, 2016. p. 6-87.

ANDRADE, Sandra dos Santos. Saúde e beleza do corpo feminino: Algumas representações no Brasil do Século XX. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 119-143, jan./abr. 2003.

ANTOUN, Henrique. As transformações da participação na sociedade hiperconectada. *In*: _____ (org.). **Web 2.0: Participação e vigilância na era da comunicação distribuída**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008. p. 7-9.

CANGUILHEM, Georges. **O Normal e o Patológico**. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2010.

COSTA, Rogério da. Sociedade de Controle. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 61-67, jan./mar. 2004.

DELEUZE, Gilles. **Conversações: 1972-1990**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

_____. **Foucault**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2005.

FERNANDES, Ana Carolina Machado. Eu sou o que como: As Musas do Instafit e a adoção de novos hábitos alimentares para a construção do corpo sarado. *In*: VIII Encontro Nacional de Estudos do Consumo IV Encontro Luso-Brasileiro de Estudos do Consumo II Encontro Latino-Americano de Estudos do Consumo Comida e alimentação na sociedade contemporânea, 2016, Niterói. **Anais [...]** Niterói, 2016, p. 1- 18. Disponível em: <https://estudosdoconsumo.com/wp-content/uploads/2018/11/ENEC2016-GT07-Fernandes-EuSouOQueComo.pdf>. Acesso em: 16 jun 2020.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975 – 1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999a.

_____. **As Palavras e as Coisas**. 8 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999b.

_____. **Ditos e Escritos IV**: estratégia, poder-saber. 2 ed. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2006.

_____. **Vigiar e Punir**. 33 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. **Segurança, Território e População**: curso no Collège de France (1977 – 1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

_____. **Nascimento da biopolítica**: curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

_____. **Do governo dos vivos**: Curso no Collège de France, 1979-1980 (aulas de 09 e 30 de janeiro de 1980) São Paulo: Centro de Cultura Social, 2011.

_____. **Microfísica do Poder**. 4 ed, Graal, 2016.

FRAGA, Alex Branco. **Exercício da informação**: governo dos corpos no mercado da vida ativa. Campinas: Autores Associados; 2006.

GOMES, Isabelle Sena; CAMINHA, Iraquiton de Oliveira. Os discursos de corpo bem dito, mal dito e não dito: uma análise a partir de filmes. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v. 38, n.4, 2016.

HARDT, Michael. A sociedade mundial de controle. In: ALLIEZ, ERIC (org). **Gilles Deleuze**: uma vida filosófica. São Paulo: Editora 34, 2000. p. 357-72.

JACOB, Helena. Redes sociais, mulheres e corpo: um estudo da linguagem fitness na rede social *Instagram*. **Revista Comunicare** – Dossiê Feminismo. v.14, n. 1, 2014.

LEITZKE, Angélica Teixeira da Silva; RIGO, Luiz Carlos; KNUTH, Alan Goularte. Estratégias biopolíticas de construção do corpo e vigilância da saúde: o caso “Medida Certa”. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, 2019. No prelo.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: 34, 1993.

_____. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

OLIVEIRA, Alexandre Palma de; ASSIS, Monique; LACERDA, Yara; BAGRICHEVSKY, Marcos; SAMPAIO, Karen Santana de. Culto ao corpo e exposição de produtos na mídia especializada em estética e saúde. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 01, p. 31-51, jan./mar., 2010.

O’ REILLY, Tim. **Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software**, 2005. Disponível em: <https://www.oreilly.com/pub/a/web2/archive/what-is-web-20.html>. Acesso em: 13 jan. 2018.

PRIMO, Alex. Interação mútua e reativa: uma proposta de estudo. **Revista da Famecos**, n. 12, p. 81-92, jun. 2000.

PRIMO, Alex. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. **E- Compós** (Brasília), v. 9, p. 1-21, 2007.

RECUERO, Raquel; BASTOS, Marco; ZAGO, Gabriela. **Análise de redes para mídia social**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2015.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. **História da Beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.

SANTOLIN Cezar Barboza, Rigo Luiz Carlos. O nascimento do discurso patologizante da obesidade. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 81-94, jan./mar. de 2015.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVA, Thiago Henrique *et al.* Uma Fotografia do Instagram: Caracterização e Aplicação. *In*: Simpósio Brasileiro de Redes de Computadores e Sistemas Distribuídos, 2013, Brasília. **Anais** [...], 2013, p. 455-468. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/a612/06e642c9f1165d0a95e7ee0fc0c9d425aa93.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2020.

VIGARELLO, Georges. **História da Beleza**: O corpo e a arte de se embelezar, do Renascimento aos dias de hoje. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

Artigo 2

MERCADO DA #SAÚDE E DO #CORPO NO INSTAGRAM: ESTRATÉGIAS DE GOVERNO DOS VIVOS NA SOCIEDADE DE CONTROLE

#HEALTH AND #BODY MARKETS ON INSTAGRAM: STRATEGIES FOR A GOVERNMENT OF THE LIVING IN THE SOCIETY OF CONTROL

MERCADO DE LA #SALUD Y DEL #CUERPO EN INSTAGRAM: ESTRATEGIAS DE GOBIERNO DE LOS VIVOS EN LA SOCIEDAD DE CONTROL

Resumo: Foi objetivo analisar texto e imagem de publicações comerciais do Instagram, com as *hashtags* #saúde e #corpo, considerando a noção deleuziana de sociedade de controle. Utilizou-se para extração das publicações o site *Netlytic*, e para seleção do recorte analisado, o software *LibreOffice Calc*. Como metodologia utilizou-se a análise do discurso, de perspectiva foucaultiana. Os resultados apontam para presença de estratégias de governo da vida e vigilância da saúde, referentes a práticas discursivas médico-científicas, com linguagem técnica e interpelativa, que conduz promessas de #saúde, #bemestar, #beleza, #boaforma e #felicidade desejantes, orientadas a uma racionalidade de mercado, que articula um controle biofisiológico a partir de uma modulação, na produção de “multi-mundos” de consumo para objetificação dos modos de subjetivação. São visualizados, ainda, enunciados diversificados que implicam na possível emergência de novos sistemas de formação discursiva sobre saúde. Indícios da operacionalização de uma sociedade de controle na contemporaneidade.

Palavras-chave: Saúde. Controle da População. Governo. Rede social.

Abstract: This paper aimed at analyzing texts and images from Instagram advertisement posts tagged with the hashtags #saúde (health) and #corpo (body), considering the deleuzian concept of society of control. The website Netlytic was used for the extraction of the posts and the software LibreOffice Calc for the selection of the data to be analyzed. As methodology, discourse analysis was adopted under a foucauldian perspective. The results point to the presence of strategies for a government of life and for the surveillance of health, referring to medical-scientific discursive practices with technical and demanding language, which conveys promises of desired #health, #wellbeing, #beauty, #goodshape and #happiness, oriented to a market rationale that, in turn, establishes a biophysiological control stemming from modulation and produces "multiworlds" of consumption for the objectification of subjectification modes. The analysis also reveals different utterances that bring about the potential emergence of new systems of formation of discourses on health: traces of the operationalization of a society of control in the contemporaneity.

Keywords: Health. Population Control. Government. Social network.

Resumen: El objetivo de este artículo fue analizar texto e imagen de publicaciones comerciales en Instagram, con los hashtags #salud y #cuerpo, a partir de la noción deleuziana de sociedad de control. Para la extracción de las publicaciones, se utilizó el sitio Netlytic, y para la selección del recorte analizado, el software LibreOffice Calc. Como metodología se utilizó el análisis de discurso, de perspectiva foucaultiana. Los resultados indican la presencia de estrategias de gobierno de la vida y vigilancia de salud, referentes a prácticas discursivas médico científicas, con argot técnico e interpelativo, que conduce promesas de #salud, #bienestar, #belleza, #buenaforma y #felicidad deseantes, orientadas a una racionalidad de mercado, que articula un control biofisiológico a partir de una modulación, en la producción de “multi mundos” de consumo para objetificación de los modos de subjetivación. Asimismo, se encuentran enunciados diversificados que implican la posible emergencia de nuevos sistemas de formación

discursiva sobre salud. Indicios de la operacionalización de una sociedad de control en la contemporaneidad.

Palabras clave: Salud; Control de la Población; Gobierno; Red Social.

1 INTRODUÇÃO

Destaca-se atualmente o crescente uso de dispositivos digitais conectados à internet. O desenvolvimento desta tecnologia produz impactos que trespasam por múltiplas esferas - política, jurídica, social, econômica, individual – frutos do que se considera uma revolução eletrônica (ANTOUN, 2008) que se desdobra na contemporaneidade.

Na esteira desta revolução, a transformação do par massa-indivíduo em amostragens, base de dados, nichos de mercado e ao cabo em informação dividida virtualmente acessível, evidencia o desenvolvimento de um novo paradigma de sociedade, onde a condução da vida – e consequentemente da saúde – é realizada a partir de uma modulação¹ da subjetividade², e a vigilância de todos e cada um passa pela regulação das informações em rede. Emerge o que Deleuze (1992) chama de sociedade de controle, processo estreitamente relacionado ao aperfeiçoamento de uma tecnologia digital e sua difusão massiva de uso e consumo (COSTA 2004; CASSINO, 2018).

Ainda que Foucault (2006) tenha declarado a eventual superação da sociedade disciplinar por algum outro modelo, é Deleuze (1992) quem introduz a nova sistemática de exercício do poder. A sociedade de controle aperfeiçoa os mecanismos da sociedade de disciplina, refinando suas técnicas de condução e redefinindo os parâmetros de produção das tecnologias de si³, ambos processos convergentes ao exercício de uma racionalidade governamental⁴ que se vincula a produção de verdades e a subjetividade humana (DELEUZE, 1992; FOUCAULT, 2011; 2016; AVELINO, 2011).

Estes processos relacionam-se ainda às lógicas de mercado, afinal “Não é uma evolução tecnológica sem ser, mais profundamente, uma mutação do capitalismo.” (DELEUZE, 1992, p. 223). Para Hardt (2000) o mercado capitalista é, antes de tudo, uma das grandes expressões da operacionalização de uma sociedade de controle. O capitalismo, outrora concentrado na produção e na propriedade, agora se concentra na venda de serviços e compra de ações, convertendo-se em mecanismos dispersos articulados para o resgate modular dos sujeitos, como

¹ Modulação refere-se à noção deleuzeana de sociedade de controle. Este conceito será melhor trabalhado a frente neste artigo.

² Subjetividade na perspectiva abordada neste artigo refere-se aos modos de constituição de si consigo enquanto sujeito, processo relacionado às relações históricas de saber-poder (FOUCAULT, 2011).

³ Refere-se as técnicas de relação de si consigo mesmo, necessárias para produção de estados de obediência (FOUCAULT, 2011; AVELINO 2011).

⁴ Aqui se refere ao que Foucault (2016, 2008a) denomina por governamentalidade: emergência de tecnologias e estratégias para governo da população através do exercício do biopoder, às relações de força relativas aos fenômenos da vida como a saúde, a longevidade e a natalidade.

cifras classificáveis, nós constituintes de uma teia de vidas mundial (DELEUZE, 1992; HARDT, 2000).

Estimulados mutuamente nessa teia, os sujeitos são mapeados, em especial, a partir do acesso as plataformas da internet. Com rastros facilmente recuperáveis, na internet se estabelece um grande banco de dados sobre modos de ser, de pensar, de agir, de consumir, enfim, de viver (RECUERO; BASTOS; ZAGO, 2015). Estes dados registrados no ciberespaço se constituem como preciosas informações para as emergentes estratégias de controle, cada vez mais vinculadas a práticas de mercado neoliberalistas (CASSINO, 2018; SILVEIRA, 2018).

É nas redes sociais na internet⁵ onde, potencialmente, mais se alimenta este grande banco de dados, através das interações registradas nas plataformas (RECUERO; BASTOS; ZAGO, 2015). Dentre os sites ou aplicativos de redes sociais mais acessados encontra-se o Instagram, uma plataforma de compartilhamento instantâneo de imagens e vídeos, com enorme quantidade de usuários⁶. Integrado a outras plataformas (como Facebook e Twitter) e comumente acessado através de aplicativo para smartphones, no Instagram constitui-se uma “[...] cultura altamente visual [...]” (ZANDAVALLE, 2018, p. 80) onde as imagens ou vídeos “postados” em conjunto as suas legendas e *hashtags* (#) oportunizam um entendimento sobre atividades, hábitos, gostos, condições de vida e saúde dos usuários (HU; MANIKONDA; KAMBHAMPATI, 2014; ZANDAVALLE, 2018).

Estas características tornam o Instagram extremamente atrativo para as necessidades neoliberalistas de mercado. A plataforma conta com a opção de cadastros de perfis comerciais e a possibilidade de promoção de anúncios como publicações⁷, que são exibidos aos usuários consumidores de acordo com seus interesses, identificados pelos algoritmos de inteligência artificial que analisam as interações estabelecidas (CASSINO, 2018).

Assim, o Instagram converte-se em um promissor campo de estudos para compreender as estratégias de governo dos vivos, vigilância da saúde e suas relações com as atuais práticas de mercado. Neste sentido, considerando as indicações de Deleuze (1992)⁸ sobre a sociedade de controle, este artigo tem como objetivo analisar texto e imagem de publicações do Instagram

⁵ Importa destacar que as redes sociais existem independentemente ao desenvolvimento de uma tecnologia digital, vez que se constituem por agrupamentos de sujeitos em interação mútua, “[...] estrutura fundamental para a sociedade.” (RECUERO, BASTOS E ZAGO, 2015, p. 23).

⁶ Mais de 1 bilhão de usuários no mundo, sendo mais de 60 milhões somente no Brasil. Ver: <<https://www.apptuts.net/tutorial/redes-sociais/quantos-usuarios-do-instagram-existem-no-brasil-mundo-2017>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

⁷ Ver: <https://business.instagram.com/advertising?locale=pt_BR>. Acesso em: 20 abr. 2020.

⁸ Para o autor “O estudo sócio-técnico dos mecanismos de controle, apreendidos em sua aurora, deveria ser categorial e descrever o que já está em vias de ser implantado [...]” (DELEUZE, 1992, p. 225).

com caráter comercial – venda de produto ou prestação de serviço – com as *hashtags* #saúde e #corpo.

Ainda que pesquisas sobre a saúde atrelada ao exercício do poder e às influências das tecnologias midiáticas de comunicação tenham algum destaque na área da Educação Física (FRAGA, 2006; OLIVEIRA *et al*, 2010; PALMA *et al*, 2012; GOMES; CAMINHA, 2016; LEITZKE; RIGO; KNUTH, 2019), inclusive a partir do Instagram (VENTURINI *et al*, 2020); muitas ainda são as questões que demandam a ampliação de pesquisas sobre a saúde, as mídias sociais na internet – também, mais especificamente, sobre o Instagram – e suas relações com a operação de uma sociedade de controle, lacuna na qual insere-se este artigo.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

O presente estudo toma a ideia deleuzeana de sociedade de controle como *continuum* ao entendimento foucaultiano de sociedade disciplinar. Assim, procede-se uma análise de seus desdobramentos referentes as relações de força e produções de verdades para o governo da vida e condução das subjetividades. Nesta perspectiva, “O saber, o poder e o si são a tripla raiz de uma problematização do pensamento.” (DELEUZE, 2005, p. 124), e perceber a relação intrínseca entre estas três dimensões é condição imprescindível para empreender a experiência analítica.

Considera-se os dados como fontes históricas de um recorte da contemporaneidade. Procede-se uma análise discursiva, compreendendo o caráter transversal dos enunciados⁹ e suas relações com seus (re)produtores e com os espaços onde são (re)produzidos. Identifica-se as práticas discursivas e não discursivas, considerando as linhas diagonais que as trespassam, por meio de uma análise das relações discursivas entre estas, traçando seus panoramas de formação, seus jogos de saber-poder e suas indexações em regimes de verdades para contemplar suas possibilidades de existência, manifestações e materialidades, seus efeitos e caminhos para resistência. Problematisa-se assim os determinados conjuntos de práticas relativas aos jogos de verdade de um biopoder para governo da vida e manutenção da saúde na contemporânea sociedade de controle (FOUCAULT, 1996; 1999; 2006; DELEUZE, 2005).

⁹ Considera-se enunciado enquanto unidade básica do discurso, apoiada em sistemas de formação discursiva (FOUCAULT, 2008b)

Quanto a coleta dos dados analisados¹⁰, utilizou-se a ferramenta Netlytic¹¹ para extração na API (*Application Programming Interface*)¹² do Instagram. Era permitida pela ferramenta a extração de postagens de publicações originais e comentários a partir de dois parâmetros¹³: uma única *hashtag* ou geolocalização da postagem. Optou-se pela extração a partir da *hashtag* #saúde.

O procedimento foi realizado por quatro semanas, duas vezes por semana¹⁴. Ao total extraíram-se 24.178 postagens¹⁵, agrupadas e exibidas em planilhas eletrônicas. Classificaram-se previamente, com o auxílio da ferramenta de filtro padrão do LibreOffice Calc, aquelas postagens identificadas com as *hashtags* #saúde e #corpo¹⁶. Esta escolha considera a perspectiva teórica assumida, relativa à noção de que a operacionalização do controle sobre a subjetividade, e consequentemente, sobre a vida e a saúde, é a partir do corpo, como realidade biopolítica de investimento (FOUCAULT, 2016).

Após a classificação restaram 281 postagens, as quais posteriormente foram todas acessadas diretamente no Instagram para “print” das imagens. Ao fim, descartou-se comentários e publicações de vídeos, considerando-se neste recorte apenas publicações originais de caráter comercial – venda de produto ou prestação de serviço. A partir desses procedimentos o *corpus* empírico analisado constituiu-se por 75 publicações.

Dentre os aspectos éticos observados, conforme experiência de Venturini *et al* (2020), destaca-se que a pesquisa ficou desobrigada ao Comitê de Ética em Pesquisa por utilizar-se de dados de acesso público (BRASIL, 2016), respeitando a lei 9.610 de 1998 de Direitos Autorais (BRASIL, 1998), referente a utilização livre de informações provenientes de ambientes públicos. Ainda a extração na API seguiu a Política de dados do Instagram¹⁷, e para a análise seguiu-se as recomendações do comitê de trabalho de ética da Association of Internet Researchers (2020). Neste sentido, ainda que todas as publicações analisadas estivessem

¹⁰ Zandavalle (2018) resume em três as principais formas de extração de dados do Instagram: diretamente da API; utilização de ferramentas para extração na API; ou extração manual na plataforma.

¹¹ <<https://netlytic.org/>>. Acesso em 20 de abr. 2020. Em 11 de dezembro de 2018 esta API foi encerrada. Ver: <https://netlytic.org/home/?page_id=254> Acesso em 20 de abr. 2020.

¹² *Application Programming Interface* ou APIs tratam-se basicamente de “[...] comandos que permitem a usuários e aplicativos se comunicarem com os sites e requisitarem dados hospedados em seus servidores” (ALVES, 2016, p. 74).

¹³ Segundo Zandavalle (2018), os parâmetros de coleta no Instagram podem se basear na geolocalização da postagem, nas *hashtags* utilizadas ou mesmo nos perfis de usuários.

¹⁴ A extração de dados foi feita entre 22/02/2018 e 25/03/2018.

¹⁵ A API do Instagram permitia a extração de dados como data, hora, nome do perfil de usuário, texto postado e *link* da postagem.

¹⁶ As variações de ambas *hashtags* foram consideradas.

¹⁷ Ver: <<https://help.instagram.com/519522125107875>>. Acesso em: 27 de abr. 2020.

públicas na plataforma, optou-se pela não divulgação dos links e adaptação das imagens destacadas, ocultando os perfis acessados.

3 #SAÚDE E #CORPO NO INSTAGRAM: UM RECORTE DOS CENÁRIOS DE MULTI-MUNDOS

Inicialmente, ao descrever e categorizar as estratégias para o governo da vida e vigilância da saúde na sociedade de controle, é necessário considerar a noção de modulação. Para Lazzarato (2006) a consolidação de um poder que gere a multiplicidade biológica coletiva, um biopoder para gestão da vida, opera-se na sociedade de controle na produção de múltiplas condições de existência, processo que é referente a modulação.

Nesta perspectiva, entende-se modulação enquanto uma forma de exercício de poder da sociedade de controle, “[...] diagrama da flexibilidade da produção e da subjetividade [...]” (LAZZARATO, 2006, p. 73). Deleuze (1992, p. 221) conceitua modulação “[...] como uma moldagem alto-deformante que mudasse continuamente, a cada instante, ou como uma peneira cujas malhas mudassem de um ponto a outro.”. Para Cassino (2018, p. 15) modulação refere-se ao poder que cristaliza “[...] uma determinada subjetividade desejada na memória, no cérebro das pessoas.”.

O aparelhamento de uma tecnologia cibereletrônica serve bem a este poder. Ao passo que nos sites ou aplicativos de redes sociais são registradas uma série de modos de ser e estar, estes mesmos modos são modulados, conduzidos e gerenciados a partir dos caminhos algorítmicos (SOUZA; AVELINO; SILVEIRA, 2018).

Neste sentido, a modulação trabalha para favorecer aos interesses de mercado propiciando a “[...] multiplicação da oferta de ‘mundos’ (de consumo, de trabalho, de lazer).” (LAZZARATO, 2006, p. 101). Assim, também a modulação algorítmica na internet propicia a ofertas de múltiplos “mundos”, articulada especificamente para cada usuário (CASSINO, 2018).

Evidentemente este processo de modulação algorítmica não é de fácil mapeamento, tendo em vista que flutua de acordo com as interações de cada usuário na plataforma (CASSINO, 2018). No entanto, é possível traçar inferências sobre suas estratégias a partir de recortes dos cenários dos múltiplos “mundos” disponíveis. Neste caso, o recorte é realizado a partir das *hashtags* analisadas.

Destaca-se inicialmente no recorte da pesquisa, a presença de uma forte vinculação ao sistema de práticas discursivas médico-científicas nas publicações analisadas, conforme

observa-se no excerto da Figura 1. Na figura, a estratégia de comercialização de determinado composto de colágeno é reforçada pela validação científica declarada, além da utilização de recursos de linguagem técnica, de difícil compreensão pela grande população, mas que imprime confiabilidade nos resultados prometidos. Ainda se assimila o consumo do produto a #Prevenção, #VidaSaudável e a #VidaLonga.

Figura 1 - propaganda do colágeno Body Balance.



Fonte: adaptação de captura do Instagram em 22.02.2018.

Outro exemplo relativo à utilização de discursos de caráter médico-científico com apelo prescritivo pode ser visualizado na Figura 2, onde exibe-se a indicação de um ativo que promete auxiliar em diversas questões, inclusive, na redução de peso. As *hashtags* apresentadas

resumem ao que se refere a promessa vendida: #beleza #bemestar #emagrecimento #saúde e #semprejovem.

Neste sentido, ao validar-se no regime de prática discursiva do campo médico-científico, as estratégias mercadológicas relativas a saúde presentes na plataforma do Instagram programam condutas pelos " [...] efeitos de prescrição em relação ao que se deve fazer (efeitos de 'jurisdição') e efeitos de codificação em relação ao que se deve saber (efeitos de 'veridicticidade')." (FOUCAULT, 2006, p. 338) (grifos do autor).

Figura 2 - apresentação do ativo clorella.



Você tem dificuldades para reduzir o peso?

Dentre os seus benefícios, podemos enumerar: *

- * É um regenerador celular, fortalecendo o sistema imune.
- * Auxilia na redução do peso, pois diminui o apetite.
- * Repõe as energias no organismo.
- * Auxilia no tratamento de doenças degenerativas.
- * Desintoxica o sangue.
- * Previne a anemia.
- * Regula os níveis de glicose e combate a hipertensão.
- * Normaliza as funções intestinais.
- * Restabelece a saúde da pele.

Gostou da dica? Então corra aqui na que temos o que você precisa para uma vida mais bem-estar e saúde! Se preferir, pode entrar em contato pelo

Curtido por

Combater o peso não é tarefa fácil! Especialmente, quando se trata de pessoas que já tem um histórico de luta contra a balança. Sempre que me procuram, oriento iniciar com mudança de hábitos, afinal esse é o primeiro passo. .

Nós já apresentamos diversos ativos aqui no nosso perfil, que visam justamente auxiliar na perda de peso. E hoje vamos trazer mais um conhecido como CLORELLA.

A clorella é uma alga verde, dos mares asiáticos que possui diversos aminoácidos essenciais: isoleucina, lisina, fenilalanina, metionina, treonina, triptofano, valina, histidina. Além dos aminoácidos, possui também, uma série de minerais e vitaminas, transformando em um excelente suplemento nutricional.

#acelera #chá #cháverde #corpo #emagrecimento #energia #líquidos #metabolismo #nutrição #organismo #retenção #saúde #semprejovem #beleza #bemestar #dicas #digestão

Fonte: adaptação de captura do Instagram em 13.03.2018.

Utiliza-se da “credibilidade científica” para criação de “regras de saúde” implicadas em verdades aceitas. Os efeitos de jurisdição e de veridicticidade se articulam como estratégias de governamentalidade dos indivíduos na sociedade de controle, presentes nos excertos analisados. Desta maneira oportuniza-se a criação de “mundos”, no sentido proposto por Lazzarato (2006), propícios aos interesses de mercado.

Dentre os “mundos” oferecidos aos usuários no Instagram encontra-se também o de intervenções e procedimentos estéticos. As promessas oferecidas na plataforma, de acordo com as múltiplas necessidades, referem-se ao que se declara como esforço para obtenção da #saúde a partir de uma #estética desejante.

Os múltiplos anúncios de serviços disponíveis no Instagram para escolha dos usuários, de acordo com suas condições ou necessidades, vão desde cirurgias plásticas como lipoaspiração e colocação de próteses de silicone (Figura 3), até intervenções menos invasivas e de valor mais acessível, como massagens modeladoras, drenagem linfática, *peeling* e criolipólise (Figura 4); todas estratégias justificadas pela busca por #qualidadedevida e #bemestar.

Figura 3 - propaganda de procedimento de cirurgia plástica.



Fonte: adaptação de captura do Instagram em 07.03.2018.

Neste sentido, percebe-se a objetificação da saúde a partir da regulação dos interesses econômicos da indústria farmacológica, de cosméticos e alimentos. A produção de variados produtos é convertida assim em produção de “[...] medicamento ou como um “bem maior” para nossa saúde [...]” (OLIVEIRA *et al*, 2010, p. 35).

Figura 4 - propaganda de procedimento estético.



Fonte: adaptação de captura do Instagram em 25.03.2018.

Na esteira destas considerações destaca-se a presença de publicações referentes a venda de suplementação alimentar na plataforma. Encontram-se variadas ofertas de produtos suplementares que prometem maior *#força* e *#RessistênciaMuscular* aos consumidores, exibindo imagens de corpos atléticos e delineados, referentes ao atual ideário imagético de saúde. As publicações, como aquelas exibidas nas Figuras 5 e 6, convidam os seguidores a

adquirir os produtos de suplementação, que são indicados tanto para homens quanto para mulheres, estimulando ainda a prática de #atividadefisica e #treino para obtenção dos resultados. Os múltiplos sabores buscam capturar o paladar diversificado dos seguidores, oferecendo um leque de escolhas para consumo. Apresentam-se todos os benefícios, convidando o seguidor a “controlar seu peso de forma gostosa e saudável”.

Figura 5 - propaganda do HDN Wey Protein.



Fonte: adaptação de captura do Instagram em 22.02.2018.

Figura 6 - propaganda do HDN Wey Protein.



Curtido por



HND - whey protein chocolate e morango



Preços e pedidos via direct ou whatsapp



Entrega à domicilio (zona norte de Natal)



#hinode #hinodezn #hnd #wheyprotein #chocolate
#morango #whey #protein #suplementos #atividadefísica
#treino #atletas #academia #altaperformance #homens
#mulheres #treinofísico #musculação #corpo #saúde
#energia #proteína #músculo

Fonte: adaptação de captura do Instagram em 13.03.2018.

Neste viés, outras publicações com indicações nutricionais diversas ainda podem ser destacadas, como o excerto da Figura 7, onde observa-se o oferecimento de refeições orgânicas para um #detox de #corpo e #mente a partir de “uma dieta natural e restritiva”.

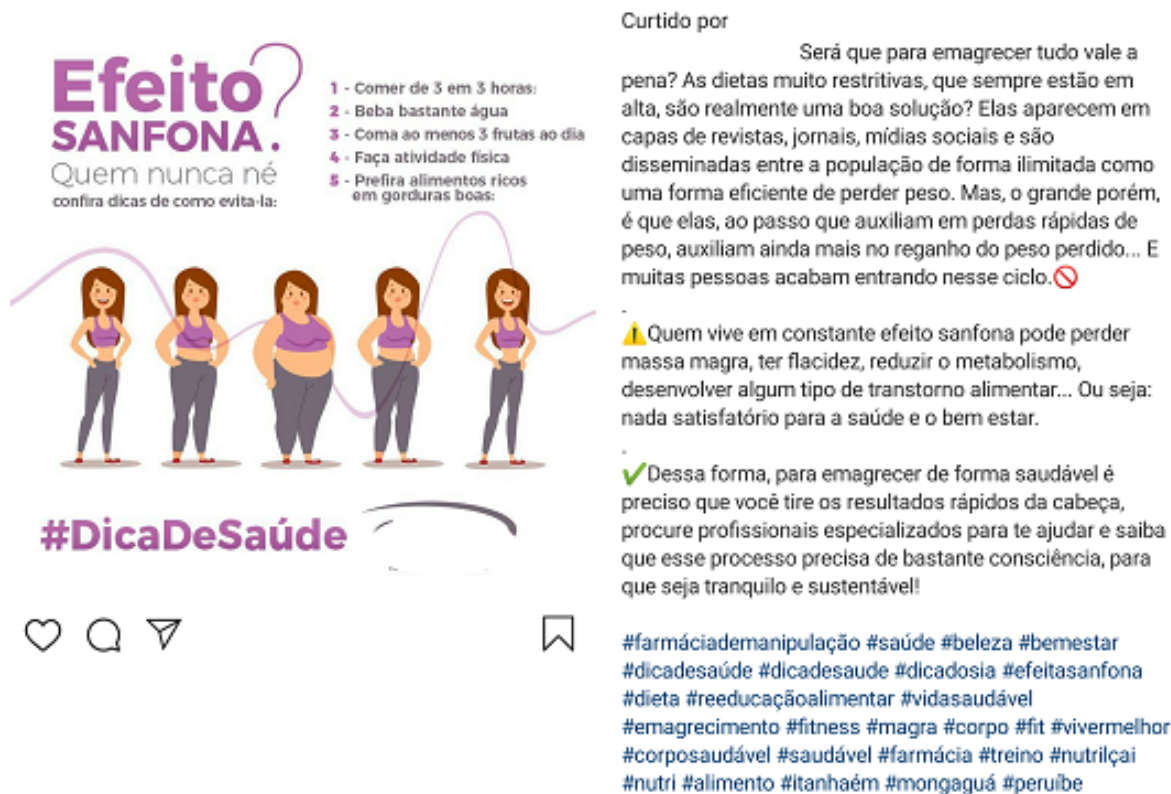
Figura 7 - propaganda de refeições “detox”.



Fonte: adaptação de captura do Instagram em 23.02.2018.

Há ainda a presença de outras publicações que apresentam estratégias para emagrecimento a partir de regras gerais para evitar o #efeitosanfona, como a exibida na Figura 8. As orientações generalistas, no entanto, se contrapõem a criação da necessidade do acompanhamento específico, que é oferecido para comercialização na plataforma enquanto serviço personalizado. Esta estratégia é propiciada por uma linguagem pessoalizada, indicando a especificidade das técnicas de mercado para oferecer “mundos” personalizados ao consumidor, na busca do #corpo #fit para #vivermelhor.

Figura 8 - “dicas” de saúde



Fonte: adaptação de captura do Instagram em 21.03.2018.

Neste viés, é notório nos excertos analisados a transversalidade do campo das práticas de atividade física ao campo da saúde na oferta de opções variadas de “mundos” de consumo. São oferecidas práticas de musculação, dança, “bike”, yoga, judô, *muay thai*, treinamento funcional, pilates, dentre outras. São apresentadas, em geral, a partir das mesmas estratégias discursivas médico-científicas, validadas na linguagem técnica e na promessa de #saúde, conforme destaque da Figura 9.

Considerando os dados analisados, pode-se dizer, conforme já apontava Fraga (2006), que atualmente o campo das práticas de atividade física migra seus interesses para a esfera da informação, estendendo sua faixa de atuação a partir de sua zona de saber específico. Se na sociedade disciplinar, este campo voltava-se ao disciplinamento dos corpos, conforme também aponta Soares (2002); na sociedade de controle parece se concentrar na difusão de informações para modulação da vida, através da captura e produção da subjetividade de cada (in)divíduo. Processos com vistas a ampliação das possibilidades de comercialização de procedimentos interventivos sobre o corpo e sobre a saúde, operacionalizados a partir das relações travadas na internet.

Figura 9 – Pilates no tratamento da escoliose



Também preste atenção a dores na coluna, eventuais ou crônicas, pois elas podem ser um sintoma deste problema. A Escoliose compromete o equilíbrio da coluna vertebral causando grandes danos para aqueles que sofrem desta patologia. Ela prejudica não só a sua postura, mas também o bom funcionamento físico em geral.

É importante lembrar que quanto mais cedo o problema for diagnosticado, mais eficiente será o tratamento.

Independentemente do tipo de Escoliose, o Pilates é um grande aliado no tratamento, pois ele trabalha com os grupos musculares que estão ligados diretamente com a coluna, podendo então estabilizá-los.

O objetivo do Pilates para escoliose é evitar que essa deformidade surja ou se agrave.

Através dos exercícios propostos pelo Fisioterapeuta, é possível garantir uma maior mobilidade, flexibilidade e fortalecimento muscular na funcionalidade da coluna vertebral, o que produz excelentes resultados na prevenção ou correção.

Tríade, equilíbrio entre mente, corpo e movimento.

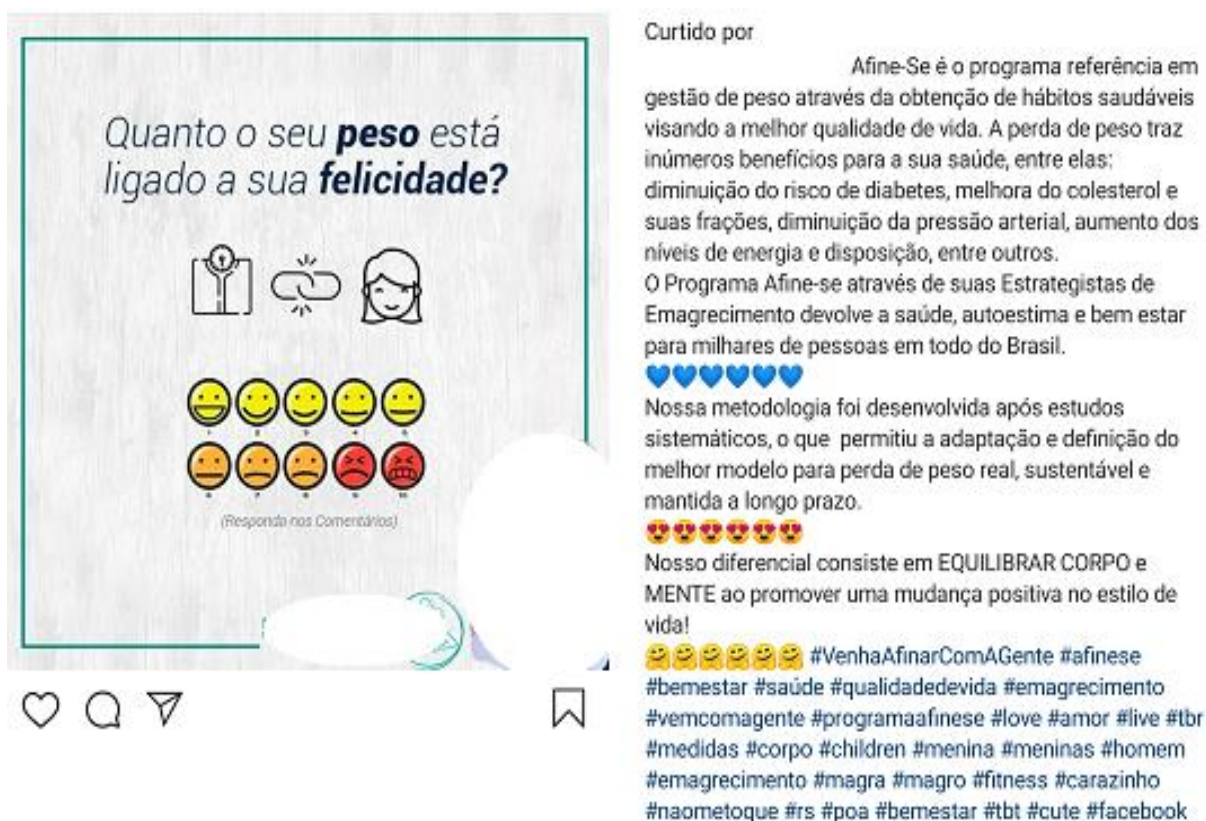
Fonte: adaptação de captura do Instagram em 23.02.2018.

Neste sentido, o campo das práticas de atividade física produz efeitos imanentemente imbricados as relações de poder relativas à produção de verdades sobre a saúde. Estas relações convergem para uma conexão intrínseca “[...] um deslizamento, um cruzamento de fronteiras entre o corpo e as tecnologias [...]” (ANDRADE, 2003, p. 140) que hibridiza estes conceitos, a partir dos processos históricos de significação articulados em campos diversos, como na indústria, no mercado, na medicina, na ciência e, na contemporaneidade, nas redes sociais na internet e em suas plataformas, como o Instagram (ANDRADE, 2003).

Para conduzir estes processos, o apelo de marketing no modelo da sociedade de controle opera também pela emoção, na promessa de #vivermelhor e mais feliz. Esta estratégia mercadológica a partir de “[...] técnicas de enquadramento emocional [...]” (CASSINO, 2018, p. 17), própria da modulação, converte-se em “[...] um modelo de negócios altamente lucrativo que sustenta o enorme conglomerado de mídia mundial.” (CASSINO, 2018, p. 17).

É possível perceber sua operacionalização, como por exemplo na Figura 10, onde para a venda de um determinado programa de emagrecimento ou “gestão do peso” instiga-se o seguidor a refletir sobre suas insatisfações, ao passo que lhe é oferecida a solução, a partir de uma linguagem técnica que valida a oferta.

Figura 10 - propaganda de programa de emagrecimento



Fonte: adaptação de captura do Instagram em 21.03.2018

A promessa de felicidade vinculada a prática de atividade física e saúde se destaca nos excertos, como é possível observar na Figura 11. São exibidas imagens de pessoas aparentemente felizes realizando atividades físicas que prometem benefícios “além do campo físico” e convidam o usuário a entrar para a “família”, no caso o estabelecimento onde se oferecem as atividades.

O chamamento dos usuários a partir da linguagem pessoalizada e interpelativa, presente no recorte de análise, trabalha a partir da tríade corpo-consumo-felicidade a qual Venturini *et al* (2020) também identifica ao analisar o perfil de musas fitness no Instagram. As estratégias se constroem na promoção de subjetividades capturadas pela lógica de consumo, a partir de apelos emocionais. Uma eterna procura pela felicidade vinculada a um ideário de saúde. Concordando ainda com Fernandes (2016), conforme se percebe nos excertos aqui analisados,

pode-se dizer que no Instagram são reveladas e promovidas práticas que caracterizam as formas de construção do ideário de saúde contemporâneo.

Neste viés, compreende-se que as publicações do Instagram aqui analisadas estão imbricadas a práticas sociais pré-estabelecidas – como aquelas relativas a saúde, por exemplo – para contribuírem aos propósitos dos usuários – seja propósitos comerciais, de relacionamento, ou ainda referentes a aspectos biofisiológicos, como manutenção da saúde – mas também para promover novas percepções e novos desejos dentro de novos “[...] enunciados culturais [...]” (CARRERA, 2012, p. 162). Estes possibilitam a manifestação de novas materialidades, já que, concordando com Carrera (2012, p. 162), “[...] é possível perceber que o próprio artefato tecnológico [o Instagram] possibilita a criação de novas práticas, pelo uso constante e pela reapropriação de seus atributos.”

Figura 11 - propaganda de programa de Pilates



Fonte: adaptação de captura do Instagram em 07.03.2018

Assim, há sempre uma nova técnica, um novo exercício, uma nova tecnologia disponível para cada realidade possível dentro desta multidimensionalidade modulada, afinal, "Novas necessidades exigem novas mercadorias, que por sua vez exigem novas necessidades e desejos [...]" (BAUMAN, 2008, p. 45), movimentando uma teia de produção e consumo. Neste sentido, as estratégias de modulação para o controle da vida expressas no Instagram, conforme os dados aqui analisados, parecem orientadas a garantia da continuidade do consumo.

Importa manter a promessa da satisfação interina do desejo, que "[...] só permanece sedutora enquanto o desejo continua *insatisfeito* [...]" (BAUMAN, 2008, p. 63). Este é o paradoxo básico do que Bauman entende como sociedade de consumo, mas que se aplica também as condições de modulação de uma sociedade de controle, conforme compreendidas aqui.

A sociedade de consumo (BAUMAN, 2008) e/ou de controle (DEULEUZE, 1998) não dispensa as atividades físicas, principalmente, por que "[...] o estilo de vida organizado em torno da busca e exaltação da boa forma é uma promessa que nunca encontra seu triunfo, o mercado e consumo da beleza se reafirmam.". (Oliveira *et al*, 2010, p. 45). Na mesma esteira parece trabalhar o mercado da saúde e o campo das práticas de atividade física, indexados em práticas relativas ao sistema de formação discursiva médico-científico.

Todavia, este processo multifacetado de "produção de mundos" possibilita o que Chignola (2015, p. 08) chama de "[...] perda de monopólio do médico em relação à saúde [...]". Múltiplos mundos criam as condições para a existência de múltiplas práticas saudáveis e propiciam a emergência de outras autoridades que produzem e reproduzem novos discursos sobre saúde.

Percebe-se nos excertos analisados que a saúde, já fragmentada entre médicos, nutricionistas, psicólogos, fisioterapeutas e professores de educação física, agora também é território de profissionais "híbridos" (CHIGNOLA, 2015). Estes profissionais, a partir de intervenções variadas, como as que se visualiza nas Figuras 12 e 13, reivindicam seu lugar no campo da saúde em nome do #equilíbrio e #bemestar da população.

Ainda que na Figura 12 encontrem-se transversalidades ao sistema de formação discursiva médico-científico, publicações como as dos últimos excertos expandem os enunciados de produção de saberes sobre a saúde, representando a possível emergência de novos sistemas de formação discursiva, e por tanto, novas verdades imanentes a novas relações de poder.

Porém, talvez antes – ou imediatamente depois – de constituírem estratégias de resistência¹⁸ às relações de força próprias dos sistemas de formação que contrapõe, estes novos discursos correspondem a criação de novos nichos de consumo, novos “mundos” propiciados pelo deslocamento das técnicas de governamentalidade do Estado, em direção aos interesses privados da empresa, dentro da lógica neoliberal contemporânea e do que Chignola (2015) apresenta como (bio)capitalismo.

Assim, pode-se dizer que as estratégias de uma governamentalidade no contexto da sociedade de controle trabalham a partir do “[...] constante ajustamento entre mercado e novas formas de subjetividade.” (AMARAL, 2018, p. 516). O governo da vida se conecta a responsabilidade individual de governo de si no projeto biopolítico de governamentalidade do (bio)capital.

Figura 12 - propaganda de programa de óleo vibracional





 Curtido por

 ✨ Óleo Vibracional Fogo ✨ ➡

 Sua natureza Yang modula ou Yang puro interior.

 ➡ Harmoniza o Coração, o Intestino Delgado, a Circulação Sexo, o Timo e a Hipófise Espiritual (Triplo Aquecedor).

 ➡ No Mental: Expande todo seu conhecimento do passado para o sucesso do futuro e suaviza a agitação.

 ➡ No Físico: Garante o fluxo constante de hormônios nutrição e defesa para o corpo.

 #acupuntura #acupunturaauricular

 #medicinachinesa #biomédica

 #biomedicina #energia #equilíbrio #equilíbrioenergético

 #conexão #conexãomenteecorpo #corpo #mente #saúde

 #bemestar #ribeiraopreto #ribeiraopretosp

Fonte: adaptação de captura do Instagram em 13.03.2018

¹⁸ Refere-se a resistência no sentido foucaultiano (2006; 2016), como uma operação coextensiva de contra movimento em relação ao poder do qual emerge, como “[...] *convergência de múltiplos poderes conflituais*.” (VILELA, 2006, p. 118) (grifos do autor), ou a própria condição de reinvenção deste poder (VILELA, 2006; CASTRO, 2009).

Esta conexão, no entanto, é da ordem da exclusão porque indexada numa racionalidade elitista de mercado, que objetifica a subjetividade, e consequentemente, a saúde e a vida. Se o processo de subjetivação está imbricado ao próprio processo de mercado, a subjetividade converte-se em mercadoria (BAUMAN, 2008). O controle sobre a vida fica relacionado aos processos de mercado e a lógica cíclica do capital econômico neoliberal.

Desta maneira, percebe-se como Silveira e Rigo (2015) a operacionalização ativa de um controle sobre os sujeitos, atrelado aos processos de inovação tecnológica, que oportunizam uma certa transmutação da vida em objeto técnico e mercadoria, fazendo surgir um sujeito facilmente convertido em banco de dados para análise, e em cifras para classificação. Estratégias referentes às novas lógicas de governamentalidade em processo na sociedade de controle contemporânea

Figura 13 - propaganda de programa de workshop de constelação familiar



O que é sucesso para você?

14/04
Das 09h às 18h

Sucesso através do olhar das Constelações Familiares
Workshop vivencial para vida fluir!
Dia 14 de abril, das 9h00 às 18h00 (Intervalo para almoço)

Para maiores informações, fale conosco:

(WhatsApp)

Agende seu horário pelo WhatsApp:

• Estética, saúde e espiritualidade

Agende seu horário: |

(WhatsApp)

#Estética #Saúde #Espiritualidade #Uberaba
#Tratamento
#Estéticafacial #Terapia #Corpo #Mente #Yoga
#Massagem
#EstéticaCorporal #Reike #Aucupuntura #GrupodeConstelaçãoFamiliarSistêmica #Vivências
#Meditação #TaiChiChuan #LimpezadePele #Renascimento
#QuatroElementos
#Vivência #Meditação #Deeksha #Coaching

Curtido por

Fonte: adaptação de captura do Instagram em 21.03.2018

Na contemporaneidade viver com saúde é uma condição necessária para converter a si mesmo em produto de desejo a ser exibido. No entanto, parece que só é condição de existência oportunizável para aqueles que consomem os produtos e serviços disponibilizados. Neste

sentido, só seria possível efetivamente viver, de dentro dos “multi-mundos” modulados na realidade da sociedade de controle.

4 CONCLUSÃO

O recorte de dados extraído do Instagram possibilita vislumbrar um “portal dimensional” para alguns dos multi-mundos de subjetivação relativos à saúde na contemporaneidade. Identifica-se a predominância de enunciados referentes ao sistema de formação discursiva médico-científico, bem como a presença de uma linguagem técnica e interpelativa, que conduz às promessas de #saúde, #bemestar, #beleza, #boaforma e #felicidade desejantes.

É relevante ainda destacar a visualização de outros enunciados referentes a saúde, que implicam na possível emergência de novos campos de atuação, novas figuras de autoridade, novos sistemas de formação discursiva e novas verdades instituídas e imanentes a diversificadas relações de saber/poder.

Porém, ainda que se considere os tensionamentos relativos a estes enunciados emergentes enquanto possibilidades de resistência, no sentido que indica Foucault (2006, 2016), é preciso também considerar os desafios próprios das novas estratégias de modulação, tão eficientes porque justamente tão deformáveis. Neste sentido, talvez seja válida a colocação de Deleuze (1992, p. 217) acerca da necessidade de “[...] criar vacúolos de não-comunicação, interruptores, para escapar ao controle”.

Para a Educação Física como área do conhecimento, considerando sua relação com o campo da saúde e suas interfaces com os “multi-mundos” de consumo dentro da sociedade de controle, tais como aqueles aqui apresentados, parece necessária uma reflexão contínua para construção de uma prática orientada para além de uma racionalidade de mercado. Nesta empreitada é preciso, pois, considerar o potencial de uso dos sites ou aplicativos de redes sociais, tais como o Instagram, enquanto “[...] tecnopolíticas antisistêmicas e com articulações pós-capitalistas que ainda não conseguiram superar o axioma do Capital, mas resistem a sua supremacia.” (SILVEIRA, 2018, p. 44).

Nos caminhos de formulação de estratégias de resistência, é imprescindível seguir a investigação do vasto campo das mídias sociais na internet, procurando compreender, por exemplo, suas articulações relativas as interações entre os sujeitos na rede, seus atravessamentos em relação a questões de classe, gênero, etnia, dentre outros.

Compreende-se, conforme apresentado, que na contemporânea sociedade de controle as estratégias de governo da vida e vigilância da saúde operacionalizam processos de subjetivação conduzidos por uma racionalidade de mercado, que se estende “[...] para além do domínio da economia [...]” (CASTRO, 2009, p. 244). O controle opera-se pelo desejo e a obediência ao poder, a partir dos “[...] efeitos do investimento criativo do poder sobre a vida [...]” (CHEVITARESE; PEDRO, 2005, p. 151), articulados nas redes virtuais do ciberespaço. Processos de subjetivação, mas também de objetivação ao passo que se relacionam a constituição do sujeito como objeto de um poder modular.

As tecnologias informatizadas e suas mídias sociais na internet – como o Instagram – parecem assim alicerçar os processos de dividualização dos indivíduos e ramificação capilar das relações de poder. Se antes predominantemente axiais, na sociedade de controle estas relações se dissolvem “[...] numa rede planetária [...]” (COSTA, 2004, p. 162), que propicia a difusão de dados sobre seus componentes ao passo que igualmente promove a oferta de múltiplos mundos de consumo; “multi-mundos” de subjetivação produtores de existências efêmeras, que incentivam um consumo eterno, justamente como possibilidade de existência. Relações que se extrapolam aos aspectos biofisiológicos da vida.

Se é “[...] justamente a vida e o vivo que, em última análise, são os objetos da modulação” (LAZZARATO, 2006, p. 81), nas plataformas de redes sociais na internet parecem operacionalizar-se múltiplas condições de existência, relativas aos multi-mundos ofertados e desejados, a partir da própria potência criativa da vida. Manifestação de um biopoder que na contemporaneidade se torna “[...] uma função integrante e vital que cada indivíduo abraça e reativa por sua própria conta e vontade.” (PELBART, 2003, p. 82).

Por fim, é preciso considerar que, se a vida, nessa perspectiva, somente é possível de dentro dos multi-mundos modulados, cada vez mais condicionados a uma tecnologia eletrônicodigital, as próprias condições biofisiológicas passariam a uma condição de existência híbrida. Ou seja, como previa Donna Haraway (2009), a humanidade parece hoje estar mais próxima do que nunca esteve de uma existência ciborgue.

REFERÊNCIAS

ALVES, Marcelo. Abordagens da coleta de dados nas mídias sociais *In*: SILVA, Tarcízio; STABILE, Max (org.). **Monitoramento e Pesquisa em Mídias Sociais**: metodologias, aplicações e inovações. São Paulo, SP, editora Uva Limão, 2016, p. 67-87.

AMARAL, Augusto Jobim do. Biopolítica e Biocapitalismo: implicações da violência do controle. **Veritas**, v. 63, n. 2, p. 515-543, 2018.

ANDRADE, Sandra dos Santos. Saúde e beleza do corpo feminino: Algumas representações no Brasil do Século XX. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 119-143, 2003.

ANTOUN, Henrique. Perspectiva histórica de uma tela à outra: a explosão do comum e o surgimento de uma vigilância participativa. In: _____ (org.). **Web 2.0: Participação e vigilância na era da comunicação distribuída**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, p. 7-9.

ASSOCIATION OF INTERNET RESEARCHERS. **Internet Research: Ethical Guidelines 3.0**. 2020. Disponível em: <<https://aoir.org/reports/ethics3.pdf>>. Acesso em: 27 de abr. 2020.

AVELINO, Nildo. Foucault e a anarqueologia dos saberes. In: FOUCAULT, Michel. **Do governo dos vivos**: Curso no Collège de France, 1979-1980 (aulas de 09 e 30 de janeiro de 1980) São Paulo: Centro de Cultura Social, 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Diário Oficial União, Brasília, DF, 24 maio 2016. Seção 1. p. 44-46. Disponível em: <http://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/2291758>. Acesso em: 25 maio 2020.

BRASIL. Lei n. 9610, de 19 de fevereiro de 1998. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. Lei de Direitos Autorais, Brasília, fev.1998. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9610.htm>. Acesso em: 25 maio 2020.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CARRERA, Fernanda. Instagram no facebook: uma reflexão sobre ethos, consumo e construção de subjetividade em sites de redes sociais. **Revista interamericana de comunicação midiática**. v. 11, n. 22, p. 148-165, 2012.

CASSINO, João Francisco. Modulação deleuzeana, modulação algorítmica e manipulação midiática. In: SOUZA, Joyce; AVELINO, Rodolfo; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da (org.). **A sociedade de Controle**: Manipulação e modulação nas redes digitais. São Paulo: Hedra, p. 13-29, 2018.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**. Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2009.

CHEVITARESE, Leandro; PEDRO, Rosa Maria Leite Ribeiro. Da sociedade disciplinar à sociedade de controle: a questão da liberdade por uma alegoria de Franz Kafka, em O Processo, e de Phillip Dick, em Minority Report. **Revista do Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFPE**, v, 8, n. 1.2. p 129-162, 2005.

CHIGNOLA, Sandro. A vida, o trabalho, a linguagem: Biopolítica e biocapitalismo **Cadernos IHU ideias**, v. 13, nº 228, ano 13, p. 3-19, 2015.

COSTA, Rogério da. Sociedade de Controle. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 61-67, jan./mar. 2004.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**: 1972-1990. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

_____. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

FERNANDES, Ana Carolina Machado. Eu sou o que como: As Musas do Instafit e a adoção de novos hábitos alimentares para a construção do corpo sarado. VIII Encontro Nacional de Estudos do Consumo IV Encontro Luso-Brasileiro de Estudos do Consumo II Encontro Latino-Americano de Estudos do Consumo Comida e alimentação na sociedade contemporânea. **Anais...** p.1-18, 2016.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. **As Palavras e as Coisas**. 8 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Ditos e Escritos IV**: Estratégia, Poder-Saber. 2 ed, Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2006.

_____. **Nascimento da biopolítica**: curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

_____. **Arqueologia do Saber**. 7 ed. Tradução Luiz F.B. Neves. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2008b.

_____. **Do governo dos vivos**: Curso no Collège de France, 1979-1980 (aulas de 09 e 30 de janeiro de 1980) São Paulo: Centro de Cultura Social, 2011.

_____. **Microfísica do Poder**. 4 ed, Graal, 2016.

FRAGA, Alex Branco. **Exercício da informação**: governo dos corpos no mercado da vida ativa. Campinas: Autores Associados; 2006.

GOMES, Isabelle Sena; CAMINHA, Iraquitan de Oliveira. Os discursos de corpo bem dito, mal dito e não dito: uma análise a partir de filmes. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v. 38, n.4, 2016.

HARDT, Michael. A sociedade mundial de controle. In: ALLIEZ, ERIC (org). **Gilles Deleuze**: uma vida filosófica. São Paulo: Editora 34, 2000.

HARAWAY, Donna J. Manifesto ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, Tomaz (org.) Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano. 2 ed., Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p. 33-117.

HU, Yuheng; MANIKONDA, Lydia; KAMBHAMPATI, Subbarao. What we Instagram: a first analysis of Instagram photo content and user types. **Proceedings of the Eighth International AAAI Conference on Weblogs and Social Media**, Arizona, 2014, p. 595-598.

LAZZARATO, Maurizio. **As revoluções do capitalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LEITZKE, Angélica Teixeira da Silva; RIGO, Luiz Carlos; KNUTH, Alan Goularte. Estratégias biopolíticas de construção do corpo e vigilância da saúde: o caso “Medida Certa”. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, 2019.

OLIVEIRA, Alexandre Palma de; *et al.* Culto ao corpo e exposição de produtos na mídia especializada em estética e saúde. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 01, p. 31-51, 2010.

PALMA, Alexandre *et al.* Os “pesos” de ser obeso: traços fascistas no ideário de saúde contemporâneo. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 4, p. 99-119, 2012.

PELBART, Peter Pál. **Vida Capital**: ensaios de biopolítica. São Paulo: Iluminuras, 2003.

RECUERO, Raquel; BASTOS, Marco; ZAGO, Gabriela. **Análise de redes para mídia social**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2015.

SILVEIRA, Viviane Teixeira; RIGO, Luiz Carlos. O programa passaporte biológico: considerações sobre o governo dos atletas. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 2., p. 495-506, abr./jun. de 2015.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. A noção de modulação e os sistemas algorítmicos. *In*: SOUZA, Joyce; AVELINO, Rodolfo; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da (org.). **A sociedade de Controle**: Manipulação e modulação nas redes digitais. São Paulo: Hedra, p. 31-46, 2018.

SOARES, Carmen Lúcia. **Imagens da Educação no Corpo**. 2 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

SOUZA, Joyce; AVELINO, Rodolfo; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. Introdução. *In*: _____. **A sociedade de Controle**: Manipulação e modulação nas redes digitais. São Paulo: Hedra, p. 13-29, 2018.

VENTURINI, Ivana Vedoin *et al.* Musas fitness e a tríade corpo-consumo-felicidade. **Movimento**, Porto Alegre, v. 26, e26003, 2020, p. 1-20.

VILELA, Eugénia. Resistência e acontecimento. As palavras sem centro. *In*: GANDRA, Jose; KOHAN, Walter. (org.). **Foucault 80 anos**. Belo Horizonte: Autêntica 2006. p. 107 – 127.

ZANDAVALLE, Ana Cláudia. Análise de dados visuais no Instagram: Perspectivas e aplicações. *In*: SILVA, Tarcízio; BUCKSTEGGE, Jaqueline; ROGEDO, Pedro (org.). **Estudando cultura e comunicação com mídias sociais**. Brasília: IBPAD, p. 80 - 96, 2018.

Conclusão

Provavelmente não estamos mais na sociedade disciplinar como a descrevera Foucault. Se não estamos ainda na sociedade de controle, em seu pleno funcionamento, talvez faltem apenas poucos passos.

É inegável que na contemporaneidade, cada vez mais, variados aspectos da vida humana se atrelam a uma condição de realidade cibernética. Bauman diria que nossa vida social já é uma “[...] vida eletrônica ou cibervida [...]” (BAUMAN, 2008, p. 09), e é preciso concordar com ele, quando percebemos que a interação entre as pessoas está cada dia mais mediada — e muitas vezes condicionada — pelos dispositivos cibereletrônicos.

É interessante observar também que esta dinâmica se relaciona ainda à crescente interdependência entre as realidades forjadas nas redes do ciberespaço e a “realidade concreta”, o “mundo real” (mas afinal, o que é real?), a ponto de uma efetiva condução de informações nas redes digitais ser decisiva para questões concretas da vida. Como exemplo poderíamos falar sobre as estratégias de condução da crise sanitária vivida no Brasil no exato momento em que estas linhas estão sendo escritas.

Possivelmente, estudos futuros sobre os discursos produzidos e veiculados nas mídias sociais na internet no período da pandemia causada pelo novo coronavírus (COVID-19) indicarão os rastros percorridos na condução desta crise, remontando um triste cenário onde o processo de emergência de (des)informações, próprias aos interesses de alguns, foi decisivo para as condições de vida e morte de muitos.

Neste sentido, é evidente a necessidade de considerarmos as influências desta realidade cibereletrônica nas condições de vida. Ainda Bauman (1999) diria que, se para o ciberespaço o corpo não interessa, a relação inversa é cada vez menos verdadeira. Para o corpo, para a saúde e, ao cabo, para a vida das pessoas, cada vez mais as influências do ciberespaço são “decisivas e inexoráveis” (BAUMAN, 1999, p. 20).

Nas redes sociais articuladas na internet estão expressos os registros do processo de virtualização humana, investimento contemporâneo do diagrama de poder que se opera pela intenção do controle. Deixamos o corpo analógico para construirmos um corpo pós-orgânico (SIBILIA, 2015), ou para, peça por peça, montarmos a nós mesmos como ciborgues (HARAWAY, 2009) reprogramáveis. Tal como nas alegorias mais distópicas apresentadas nas produções hollywoodianas — e destaque em especial a

construção dos “borgs” de Jornada nas Estrelas: Nova Geração — estamos sendo neste exato momento “assimilados”, articulados dentro de uma grande teia de informações onde “resistir é inútil”.

Neste sentido, a operação de uma política sobre a vida — uma biopolítica — na contemporaneidade parece estar, assim, indexada a uma lógica e a uma realidade digital. Fraga diria que esta é uma “[...] biopolítica informacional [...]” (FRAGA, 2006, p.72). A lógica da vigilância das informações na internet é relativa à própria lógica de vigilância da vida — e, por consequência, da saúde — da população, dentro desta biopolítica informacional. Na sociedade de controle opera-se, assim, uma modalidade aprimorada de poder a partir de estratégias de modulação — em especial, a modulação algorítmica — que individualiza os (in)divíduos, fragmentando sua existência em múltiplas condições de subjetivação, ou “multi-mundos” de consumo.

Modula assim as subjetividades selvagens que surgem na rede, capturando-as e conectando-as à malha de práticas de uma discursividade operante no diagrama de poder contemporâneo. Ou seja, assimila-se a subjetividade confessada como parte operacional das redes de modulação.

Assim, a vigilância na sociedade de controle garante uma segurança e liberdade sedutoras, mas as condiciona à confissão dos interesses e modos de subjetivação. Se posso viver dentro de um mundo — ou múltiplos mundos — especificamente projetado para meus interesses — os quais já confessei —, por que não? Ou talvez a pergunta devesse ser, como não?

Seria interessante considerar, conforme se pôde observar nos resultados das análises desta pesquisa, que a produção de multi-mundos a partir das subjetividades confessadas, ao mesmo tempo que opera uma lógica de controle, propicia a emergência de novas práticas discursivas sobre “saúdes”, ou mesmo possibilita suas condições de regularidades e materialidades. Isso implica em reposicionamentos de práticas não-discursivas, como a própria lógica de operacionalização do poder, inclusive como exercício administrativo de governo pelo Estado — e mais uma vez, poderíamos falar sobre o Brasil de hoje e suas estratégias de condução da atual crise sanitária.

Neste sentido, novas práticas promovem novas “verdades” aceitas sobre o que venha a ser saúde, quem são seus agentes produtores, suas vozes de autoridade e quais suas estratégias de promoção. Relações que implicam, eventualmente, em novos processos de mercadorização das múltiplas “saúdes” produzidas, ou mesmo em novas

articulações de políticas públicas sobre saúde. Práticas de governo para fazer viver uma população, ou para deixá-la morrer.

Não se pode desconsiderar ou posicionar uma ou outra prática sobre saúde como de menor validade, por estar mais ou menos atrelada aos discursos médicos-científicos. Afinal, se considerarmos como Segre e Ferraz (1997, p. 541) que saúde pode ser “[...] um estado de razoável harmonia entre o sujeito e a sua própria realidade [...]”, a cada um caberia compreender sua condição harmônica. No entanto, como pesquisadora encaro a necessidade de questionar a que interesses essas práticas emergentes sobre saúde remetem, quais suas implicações em relação a questões objetivas de manutenção da vida de uma população dentro de condições dignas, bem como quais suas relações com um projeto (bio)político e ideológico.

Se Foucault (2016) esteve certo e o saber científico por séculos invisibilizou e marginalizou outros saberes, colocando-se em posição de privilégio, obviamente correspondendo a interesses referentes às relações de poder exercidas, ao menos no Brasil, atualmente parece que estamos vivendo uma onda que assinala uma tendência de discursos de inversão do valor da ciência. A insurreição dos saberes “infames” oportunizada pelo ciberespaço, antes de equilibrar, pode inverter estas relações, de acordo com a articulação dos interesses do poder ao qual é imanente. Poder este relativo ao paradigma de organização da sociedade, que na contemporaneidade está atrelado a uma evolução do sistema capitalista e aos interesses de um mercado neoliberalista.

Cabe a quem puder continuar tensionando as relações entre saber/poder e seus efeitos próprios nas condições concretas de produção da vida humana no contexto da cibercultura. Compreender as articulações destas relações é tarefa ativa e contínua que, de forma alguma, se esgota neste esforço de pesquisa.

Como perspectivas futuras de estudos seria interessante pensar na elaboração de análises sobre as relações transversais entre as práticas de saúde e questões de classe, de gênero e de etnia, as quais possam estar expressas nas redes sociais na internet, aspectos importantes os quais constituem uma das limitações da análise desta tese. Seria também interessante o desenvolvimento de uma análise de redes articulada a uma análise de conteúdo para identificar as relações de conexão entre a *hashtag* saúde e outras *hashtags*, possibilitando inferências mais gerais sobre a temática a partir de análises de larga escala, uma proposta da qual esta pesquisa não teve intenção de dar conta, mas configura igualmente uma das suas limitações. Indiscutível é que não se esgota aqui o objeto e nem esse campo.

Para a Educação Física, enquanto área do conhecimento frequentemente convocada a falar sobre saúde, pensar a respeito deste aspecto, a partir de uma análise que tome os sites de redes sociais como campo de estudos – e porque não, de intervenção – certamente propiciará novas possibilidades de debate, novas estratégias para promoção de políticas públicas, novas possibilidades pedagógicas, talvez até novos conteúdos transversais a serem tratados dentro dos currículos da Escola.

É preciso, no entanto, um enfrentamento crítico aos processos de objetificação humana expressos e produzidos dentro destas redes na internet, alguns dos quais, apresentados aqui nesta tese. Pensar a respeito das desigualdades de acesso a produção tecnológica humana, bem como sobre as questões éticas envolvidas quanto a liberdade e segurança, e suas influências nas condições de vida e saúde uma população de usuários.

Se não há mais condições de existência “de fora” das (ciber)redes, precisamos converter nossa própria vida em resistência criativa a partir dos instrumentos técnicos disponíveis. Contra-atacar por dentro, estourar as bolhas, denunciar práticas de desinformação, promover quantas mais novas conexões conseguirmos para fortalecer práticas éticas dentro de uma perspectiva anticapitalista, e antifascista. Neste sentido, resistir não será inútil — e mais uma vez, me refiro à alegoria dos Borgs de Jornada nas Estrelas e a trama para superação da dificuldade imposta.

Por fim, espero que a convergência da vida em existência ciborgue oportunize práticas de resistências tão difusas quanto as práticas de poder as quais resistimos e resistiremos.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Marcelo. Abordagens da coleta de dados nas mídias sociais *In*: SILVA, Tarcízio; STABILE, Max (org.). **Monitoramento e Pesquisa em Mídias Sociais: metodologias, aplicações e inovações**. São Paulo, SP, editora Uva Limão, p. 67-87, 2016.
- AMARAL, Augusto Jobim do. Biopolítica e Biocapitalismo: implicações da violência do controle. **Veritas**, v. 63, n. 2, p. 515-543, 2018.
- ANDRADE, Sandra dos Santos. Saúde e beleza do corpo feminino: Algumas representações no Brasil do Século XX. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 119-143, 2003.
- ANTOUN, Henrique. Perspectiva histórica de uma tela à outra: a explosão do comum e o surgimento de uma vigilância participativa. *In*: _____ (org.). **Web 2.0: Participação e vigilância na era da comunicação distribuída**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.
- ASSOCIATION OF INTERNET RESEARCHERS. **Internet Research: Ethical Guidelines 3.0**. 2020. Disponível em: <<https://aoir.org/reports/ethics3.pdf>>. Acesso em: 27 de abr. 2020.
- AVELINO, Nildo. Governamentalidade e Anarqueologia em Michel Foucault. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 25, n. 74, p. 139 - 157, 2010.
- _____. Foucault e a anarqueologia dos saberes. *In*: FOUCAULT, Michel. **Do governo dos vivos: Curso no Collège de France, 1979-1980** (aulas de 09 e 30 de janeiro de 1980) São Paulo: Centro de Cultura Social, p. 17-37, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- _____. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt; LYON, David. **Vigilância Líquida: Diálogos com David Lyon**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- BOYD, Danah. Social network sites as networked publics: Affordances, dynamics

and implications. In: PAPACHARISSI, Zizi. **Networked Self Identity, Community, and Culture on Social Network Sites**. New York: Routledge, p. 39-58, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Diário Oficial União, Brasília, DF, 24 maio 2016. Seção 1. p. 44-46. Disponível em: <http://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/2291758>. Acesso em: 25 maio 2020.

BRASIL. Lei n. 9610, de 19 de fevereiro de 1998. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. Lei de Direitos Autorais, Brasília, fev.1998. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9610.htm>. Acesso em: 25 maio 2020.

CANGUILHEM, Georges. **O Normal e o Patológico**. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2010.

CARRERA, Fernanda. Instagram no facebook: uma reflexão sobre ethos, consumo e construção de subjetividade em sites de redes sociais. **Revista interamericana de comunicação midiática**. v. 11, n. 22, p. 148-165, 2012.

CASSINO, João Francisco. Modulação deleuzeana, modulação algorítmica e manipulação midiática. In: SOUZA, Joyce; AVELINO, Rodolfo; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da (org.). **A sociedade de Controle**: Manipulação e modulação nas redes digitais. São Paulo: Hedra, p. 13-29, 2018.

CASTELLS, Manuel. **La Galaxia Internet**. Madri: Areté, 2001.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CHEVITARESE, Leandro; PEDRO, Rosa Maria Leite Ribeiro. Da sociedade disciplinar à sociedade de controle: a questão da liberdade por uma alegoria de Franz Kafka, em O Processo, e de Phillip Dick, em Minority Report. **Revista do Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFPE**, v, 8, n. 1.2. p 129-162, 2005.

CHIGNOLA, Sandro. A vida, o trabalho, a linguagem: Biopolítica e biocapitalismo **Cadernos IHU ideias**, v. 13, nº 228, ano 13, p. 3-19, 2015.

CORBIN, Alain. **História do Corpo**: 2. Da Revolução à Grande Guerra. 2 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

COSTA, Rogério da. Sociedade de Controle. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 61-67, jan./mar. 2004.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**: 1972-1990. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

_____. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

ENGUITA, Mariano. **A face oculta da escola**: educação e trabalho no capitalismo. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FERNANDES, Ana Carolina Machado. Eu sou o que como: As Musas do Instafit e a adoção de novos hábitos alimentares para a construção do corpo sarado. VIII Encontro Nacional de Estudos do Consumo IV Encontro Luso-Brasileiro de Estudos do Consumo II Encontro Latino-Americano de Estudos do Consumo Comida e alimentação na sociedade contemporânea. **Anais...** p.1-18, 2016.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 1, n. 28, p. 151-162, 2002.

_____. **Televisão e Educação**: Fruir e pensar a TV. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975 – 1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999a.

_____. **As Palavras e as Coisas**. 8 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999b.

_____. **Ditos e Escritos IV**: Estratégia, Poder-Saber. 2 ed, Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2006.

_____. **Vigiar e Punir**. 33 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. **Nascimento da biopolítica:** curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

_____. **Segurança, Território e População:** curso no Collège de France (1977 – 1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

_____. **Arqueologia do Saber.** 7 ed. Tradução Luiz F.B. Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008c.

_____. **Do governo dos vivos:** Curso no Collège de France, 1979-1980 (aulas de 09 e 30 de janeiro de 1980) São Paulo: Centro de Cultura Social, 2011.

_____. **Microfísica do Poder.** 4 ed, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FRAGA, Alex Branco. **Exercício da informação:** governo dos corpos no mercado da vida ativa. Campinas: Autores Associados; 2006.

GOMES, Isabelle Sena; CAMINHA, Iraquitan de Oliveira. Os discursos de corpo bem dito, mal dito e não dito: uma análise a partir de filmes. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte.** v. 38, n.4, 2016.

HARAWAY, Donna J. Manifesto ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, Tomaz (org.) **Antropologia do ciborgue:** as vertigens do pós-humano. 2 ed., Belo Horizonte: Autêntica Editora, p. 33-117, 2009..

HARDT, Michael. A sociedade mundial de controle. In: ALLIEZ, ERIC (org). **Gilles Deleuze:** uma vida filosófica. São Paulo: Editora 34, 2000.

HU, Yuheng; MANIKONDA, Lydia; KAMBHAMPATI, Subbarao. What we Instagram: a first analysis of Instagram photo content and user types. **Proceedings of the Eighth International AAAI Conference on Weblogs and Social Media**, Arizona, 2014, p. 595-598.

JACOB, Helena. Redes sociais, mulheres e corpo: um estudo da linguagem fitness na rede social Instagram. **Revista Comunicare**, v. 14, n. 1, p. 88-105, 2014.

LAZZARATO, Maurizio. **As revoluções do capitalismo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LEITZKE, Angélica Teixeira da Silva; RIGO, Luiz Carlos; KNUTH, Alan Goularte. Estratégias biopolíticas de construção do corpo e vigilância da saúde: o caso “Medida Certa”. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, 2019. No prelo.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: 34, 1993.

_____. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LUPTON, Deborah. Digital media and body weight, shape, and size: An introduction and review. **Fat Studies**, v. 6, n. 2, p. 119-134, 2017.

OLIVEIRA, Alexandre Palma de; *et al.* Culto ao corpo e exposição de produtos na mídia especializada em estética e saúde. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 01, p. 31-51, jan./mar, 2010.

O’ REILLY, Tim. **Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software**, 2005. Disponível em: <<https://www.oreilly.com/pub/a/web2/archive/what-is-web-20.html>>. Acesso em: 13 de jan. de 2018.

PALMA, Alexandre *et al.* Os “pesos” de ser obeso: traços fascistas no ideário de saúde contemporâneo. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 4, p. 99-119, 2012.

PELBART, Peter Pál. **Vida Capital**: ensaios de biopolítica. São Paulo: Iluminuras, 2003.

PRIMO, Alex. Interação mútua e reativa: uma proposta de estudo. **Revista da Famecos**, n. 12, p. 81-92, 2000.

_____. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. **E- Compós** (Brasília), v. 9, p. 1-21, 2007.

RECUERO, Raquel; BASTOS, Marco; ZAGO, Gabriela. **Análise de redes para mídia social**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2015.

ROSA, Fábio Medeiros da; CHEVITARESE, Leandro. Vigilância e relações de poder nas redes sociais: questões éticas na sociedade contemporânea. **ORGANICOM**, v. 14, p. 59-69, 2018.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. **História da Beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.

SANTOLIN, Cezar Barboza. **O nascimento da obesidade**: um estudo genealógico do discurso patologizante. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013.

SCLIAR, Moacyr. História do Conceito de Saúde. **PHYSIS Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.1, n. 17, p. 29-41, 2007.

SEGRE, Marco; FERRAZ, Flávio Carvalho. O conceito de saúde. **Revista Saúde Pública**, v. 31, n. 5, p. 538-542, 1997.

SENNETT, Richard. **Carne e Pedra**: o corpo e a cidadania na civilização ocidental. Rio de Janeiro: Record, 2005.

SIBILIA, Paula. O show do eu: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

_____. **O homem pós-orgânico**: alquimia dos corpos e das almas a luz das tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

SILVA, Thiago R. *et al.* Uma Fotografia do Instagram: Caracterização e Aplicação. 31 Simpósio Brasileiro de Redes de Computadores e Sistemas Distribuídos – SBRC **Anais...** p. 455-468, 2013.

SILVA, Méri Rosane Santos da; SILVA, Rose Méri Santos da. O esporte como um direito: traços e tramas de uma experiência genealógica. FREITAS, Gustavo da Silva; HECKTHEUER, Luiz Felipe Alcantara, SILVA, Méri Rosane Santos da (org.). **Pensar a Pesquisa**: Operações em funcionamento. Rio Grande: Ed. da FURG, p. 27-50, 2019.

SILVEIRA, Viviane Teixeira; RIGO, Luiz Carlos. O programa passaporte biológico: considerações sobre o governo dos atletas. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 2., p. 495-506, 2015.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. A noção de modulação e os sistemas algorítmicos. In: SOUZA, Joyce; AVELINO, Rodolfo; SILVA, Sérgio Amadeu da (org.). **A sociedade de Controle**: Manipulação e modulação nas redes digitais. São Paulo: Hedra, p. 31-46, 2018.

SOARES, Carmen Lúcia. **Imagens da Educação no Corpo**. 2 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

SOUZA, Joyce; AVELINO, Rodolfo; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. Introdução. *In*: _____. **A sociedade de Controle**: Manipulação e modulação nas redes digitais. São Paulo: Hedra, p. 13-29, 2018.

VEIGA-NETO, Alfredo. Teoria e Método em Michel Foucault: (im)possibilidades. **Cadernos de Educação**, v. 1, p. 11-23, 2009.

_____. A facilidade de se fazer algo difícil ou, se quisermos, A dificuldade de se fazer algo fácil. *In*: FOUCAULT, Michel. **Do governo dos vivos**: Curso no Collège de France, 1979-1980 (aulas de 09 e 30 de janeiro de 1980) São Paulo: Centro de Cultura Social, p. 9-16, 2011.

VENTURINI, Ivana Vedoin *et al.* Musas fitness e a tríade corpo-consumo-felicidade. **Movimento**, Porto Alegre, v. 26, e26003, p. 1-20, 2020.

VIGARELLO, Georges. **História da Beleza**: O corpo e a arte de se embelezar, do Renascimento aos dias de hoje. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

VILELA, Eugénia. Resistência e acontecimento. As palavras sem centro. *In*: GANDRA, Jose; KOHAN, Walter. (org.). **Foucault 80 anos**. Belo Horizonte: Autêntica 2006. p. 107 – 127.

ZANDAVALLE, Ana Cláudia. Análise de dados visuais no Instagram: Perspectivas e aplicações. *In*: SILVA, Tarcízio; BUCKSTEGGE, Jaqueline; ROGEDO, Pedro (org.). **Estudando cultura e comunicação com mídias sociais**. Brasília: IBPAD, 2018, p. 80 - 96.